

SHIRLEIDE ARAUJO BEZERRA

MULHER E MERCADO DE TRABALHO:

A trajetória das mulheres que ocupam cargos de destaque na
sociedade sergipana

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Departamento de Ciências Sociais e Humanas

**Lisboa
2010**

SHIRLEIDE ARAUJO BEZERRA

MULHER E MERCADO DE TRABALHO:

A trajetória das mulheres que ocupam cargos de destaque na
sociedade sergipana

Dissertação apresentada na Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias
para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação

Orientador: Prof. Dr. Roberto Jarry Richardson
Co-orientador: Prof. Dr. António Teodoro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa
2010

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia

Instituto de Ciências da Educação

Aprovação do título da Dissertação

Mestrado em: Ciências da Educação

Nome do Candidato: Shirleide Araujo Bezerra

Título proposto:

Sumário da Dissertação

Aprovamos o título da dissertação proposta.

Lisboa, 18 de Outubro de 2010.

Orientador

Coordenação do Mestrado

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **DEUS**, a quem devo minha existência e sabedoria, com ele, consigo forças para alimentar a minha alma.

Aos meus pais, **Derosse Moraes Bezerra e Shirley Araujo Bezerra**, singulares exemplos de caráter retilíneo e honestidade, qualidades inesgotáveis, a vocês que nessa longa caminhada sempre me apoiaram, incentivaram e por muitas vezes nos momentos de angústia e desespero, fizeram-me acreditar que eu estava no caminho certo e com muita perseverança ratificavam que, o conhecimento é infinito. Obrigada pelas lições diárias de devoção à verdade. As minhas irmãs: **Sheila, Shirlene e Suely**, e as minhas sobrinhas: **Milena, Nathalie e Shêissica** pelo carinho e compreensão.

As diletas amigas **Clara Rita Sobral e Verônica Fortuna** companheiras fiéis, com vocês partilhei essa caminhada, que fora regada com muitas alegrias, choros, saudades, emoções, sentimentos que juntas nos fortalecíamos dia-a-dia na busca incansável dessa vitória. A todos que participaram diretamente e indiretamente dessa trajetória, em especial aos meus amigos: **Drº Demóstenes Ramos, Drº Rui Alves e Ângela Rocha** pelas singelas palavras que nunca serão esquecidas, a vocês muito obrigada por existirem.

Ao meu querido orientador **Profº Drº Roberto Jarry Richardson**, pelas suas valiosas orientações que mostraram o significado do TODO e o valor de cada PARTE, possibilitando a construção do conhecimento, que tanto contribuiu para meu crescimento pessoal e intelectual, agradeço imensamente pelo carinho, amizade e confiança em mim depositada, ao Srº a minha eterna gratidão.

As minhas entrevistadas agradeço imensamente pela receptividade, sabedoria e disponibilidade em contribuir com essa dissertação. Sem vocês seria impossível alcançar meu objetivo.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar a trajetória das mulheres sergipanas, que através da ascensão no mercado de trabalho, ocupam cargos de destaque na sociedade. Foi norteadado através de uma pesquisa qualitativa de caráter explicativa, utilizando pesquisa bibliográfica e de campo, procurando explicar problemáticas através dos relatos das entrevistadas, um grupo composto por cinco mulheres, que obtiveram sucesso profissional como: vice-reitora, magistrada, engenheira, política e militar, cargos, habitualmente, só ocupados por homens. A pesquisa foi dividida em quatro momentos: a preparatória, caracterizada pelos contatos com as entrevistadas; através de um guião de recolhimento dos depoimentos pessoais; em seguida, leitura, deixando nítida a colocação das mesmas, categorizando e transcrevendo na íntegra a fala dessas. Por fim, foi feita análise de conteúdo, legitimando o texto. A análise dos dados enfatizou que a ascensão feminina no mercado de trabalho representa uma vitória conquistada a partir das lutas travadas pelas mulheres, no transcorrer da história, e que as mesmas, aqui pesquisadas, são destaque na profissão, porque buscaram sua identidade, auto-afirmação e emancipação, através dos estudos e uma boa formação acadêmica. Depois, com determinação e competência, foram galgando cargos que assumiram com sucesso na trajetória profissional. Ficando claro que o convívio, o apoio e o incentivo familiar a todas elas continuam sendo forte e indispensável.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Mercado de trabalho.

ABSTRACT

The present paper has as objective to analyze the trajectory of women of Sergipe, that through their rise in the job market are able to, occupy positions of prominence in Society. It's been guided through a qualitative research with explanatory traces, using bibliographic research and field as well, aiming to explain problems through reports of the interviewed, a group composed of five women, successful as: vice-chancellor, judge, engineer, political and military, jobs that are usually occupied by men. The research has been divided in four moments: preparatory, characterized by the contacts with the interviewed; through a banner of collection of personal testimonies; then, reading, where it's been made clear their position, categorizing and transcribing in full their speech, and at last, analyzed the content legitimizing the text. The analysis of the data emphasizes that the female rise in the job market represents a victory conquered through struggles waged by women in the course of history, and that these same women interviewed are top at their profession because they sought their identity, self-assertion and empowerment through their study, good academic training. Then, with determination, and competence, they granted positions that were successful in their professional trajectory. Therefore, it's clear that conviviality, support and family incentive to all of them keeps strong and indispensable.

Key-words: Education. Gender. Job Market.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE.....	10
2.1	A mulher no contexto político.....	10
2.2	O cenário brasileiro.....	26
3	EDUCAÇÃO E GÊNERO.....	43
3.1	Breve histórico.....	43
3.2	Educação no Brasil.....	46
3.2.1	Educação da mulher e sua ascensão no mercado de trabalho.....	53
4	A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO.....	57
4.1	Aspectos gerais.....	57
4.2	Mulheres de sucesso profissional.....	84
5	METODOLOGIA.....	89
5.1	Tipo de Pesquisa.....	90
5.2	Sujeitos.....	91
5.3	Procedimentos de coleta de dados.....	91
5.4	Procedimento técnico de análise de conteúdo.....	93
6	O ESTADO DE SERGIPE.....	95
6.1	Características socioeconômicas e mercado.....	95
6.2	A mulher em Sergipe.....	100
7	TRAJETÓRIA DAS ENTREVISTADAS.....	103
7.1	A formação das entrevistadas e razão para ingresso na profissão..	103
7.2	Trajetória no mercado de trabalho.....	106
7.3	Ser mulher/relação de gênero no mercado de trabalho.....	109
7.4	Preconceito/discriminação por ser mulher e ocupar cargo de destaque.....	113
7.5	Influências.....	115
7.6	Dificuldades e conciliação da vida familiar com a vida profissional	118
7.7	Uma frase final.....	121
8	CONCLUSÃO.....	123
	REFERÊNCIAS.....	127
	APÊNDICE I – Guião de recolhimento dos depoimentos pessoais	132
	APÊNDICE II – Fala de Amélia Maria.....	133
	APÊNDICE III – Fala de Célia Pinheiro.....	136
	APÊNDICE IV – Fala de Danusa Silva.....	139
	APÊNDICE V – Fala de Maria Conceição.....	142
	APÊNDICE VI – Fala de Rita de Cássia.....	149
	ANEXO - Termos de consentimento das entrevistadas.....	152

1 INTRODUÇÃO

A opção pelo tema ocorreu pela necessidade de lembrar as conquistas obtidas pelas mulheres em um espaço maior nas relações sociais, enfrentando preconceitos no mercado de trabalho e tentando ocupar cargos tradicionalmente masculinos, independente da classe social.

Foram levantadas informações sobre mulheres que ocupam cargos de destaque na sociedade sergipana, como também foi caracterizada a ascensão social das mesmas, através do trabalho, alguns autores abordados na dissertação ratificam que, até pouco tempo no Brasil, às mulheres sujeitavam-se à autoridade paterna, e posteriormente à do marido, devendo-lhes toda obediência e respeito.

Teóricos das mais diferentes concepções – político- filosófico-sociais, como: Alambert (1986), Del Priore (1993), Santarcangelo (1980), comungam da visão de que o trabalho tem sido elemento presente em toda a construção da história humana, figurando como elemento de sustentação, em que se centra a condição do homem, para sua inserção na vida em coletividade, desde os primeiros tempos de sua história.

Vale ressaltar que, o objetivo da pesquisa foi analisar as dificuldades na trajetória das mulheres sergipanas que através da ascensão no mercado de trabalho ocupam cargos de destaque na sociedade. O trabalho foi norteado através de uma pesquisa qualitativa. Quanto ao meio, foi uma pesquisa bibliográfica e de campo, procurando-se explicar problemáticas através dos relatos das entrevistadas, um grupo composto por cinco mulheres, tendo cada uma obtido sucesso profissional, respectivamente como: vice-reitora, magistrada, política, engenheira e militar.

Logo, a pesquisa ora citada, foi dividida em oito capítulos, em que foram analisadas as histórias das mulheres sergipanas, através das entrevistas e em seguida fora feita uma leitura, deixando nítida a colocação delas, categorizando e transcrevendo na íntegra a fala

destas, e por fim, a análise de conteúdo legitimando o texto sem perder sua naturalidade, e responder ao seguinte questionamento: Quais as dificuldades que as mulheres sergipanas tiveram de vencer para ocupar cargos de destaque no mercado de trabalho?

No primeiro capítulo constam-se a problemática, os objetivos e a justificativa dessa pesquisa.

O segundo esclarece sobre o papel da mulher na sociedade, no contexto político e no cenário brasileiro.

O terceiro capítulo trata da educação e gênero, com um breve histórico da educação e da educação da mulher e sua ascensão no mercado de trabalho.

O quarto capítulo faz referência ao Estado de Sergipe, suas características socioeconômicas e mercado, bem como da mulher em Sergipe.

O quinto capítulo trata de aspectos gerais da mulher e o mercado de trabalho, fazendo referência às mulheres de sucesso profissional.

O sexto capítulo explica toda a metodologia utilizada nessa pesquisa.

O sétimo capítulo relata toda a trajetória das entrevistadas, bem como o resultado das mesmas.

Finalmente no oitavo capítulo tem-se a conclusão, com resumo da ascensão feminina no mercado de trabalho.

A pesquisa ainda tem relevância científica, a partir do momento em que se acredita na perspectiva da sobrevivência da sociedade, procurando mostrar que a mulher, nestas últimas décadas, está ganhando o seu espaço e abandonando as concepções masculinas, estabelecendo, por conseguinte, um novo paradigma, em que homens e mulheres constituem uma unidade no processo de desenvolvimento social, já que a modernização exige uma conciliação e reunião da potencialidade de ambos no processo de desenvolvimento social, econômico e profissional, dentre outros, sendo as mulheres sergipanas

um exemplo, em termos de luta pelo ideal, competência e contribuição para a formação e educação de cidadãos, bem como para a justiça e o bem-estar da sociedade.

Portanto, esse trabalho não pretende encerrar o assunto, mas torná-lo disponível para outros pesquisadores, suscitando discussões e contribuindo para o reconhecimento e valorização do nível de escolaridade no desenvolvimento da mulher, especialmente as sergipanas, e sua ascensão no mercado de trabalho.

É uma discussão sobre as ideias e fundamentos dos vários autores pertinentes e selecionados, que procedeu à análise, bem como as categorias e os pressupostos teóricos, que subsidiaram todo o desenvolvimento da pesquisa.

2 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

2.1– A mulher no contexto político

Decorreu-se muito tempo para que a mulher se tornasse um ser reconhecidamente capaz de governar sua vida, e seus atos.

Referindo-se ao papel da mulher na sociedade, Fagundes (2003) diz que na antiguidade a mulher teve no Egito uma posição de relativa igualdade com o homem, e a par de sua companheira nas lides do campo, podia ser comerciante, ter indústria e exercer a Medicina. Por sua vez, a mulher judia tinha posição de absoluta inferioridade em relação ao homem; enquanto que na Grécia, os espartanos as viam apenas como a origem de uma raça forte, educando-as com o objetivo de ter filhos belos e sadios. Já os atenienses, dividiam-nas em classes, mantendo a esposa legítima quase em clausura, e instruindo as que se destinavam a cortesãs.

Segundo Coimbra (2007), a mulher passou muito tempo à sombra da figura onipotente do homem, onde a mesma, era subordinada aos caprichos de seu marido, mas mesmo sendo submissa, silenciosamente elas participavam de muitas atividades juntamente com outras mulheres, além de coordenar seu ambiente doméstico.

De acordo com Silva (2009), na Idade Média a mulher era considerada pelos clérigos um ser muito próximo da carne e dos sentidos e, por isso, uma pecadora em potencial. Afinal, todas elas descendiam de Eva, a culpada pela queda do gênero humano. Assim, a principal preocupação era mantê-las virgens, e afastar os clérigos desses seres demoníacos que personificaram a tentação, o que as tornava más por natureza, e atraídas pelo vício. A partir do século XI, com a instituição do casamento pela Igreja, a maternidade e o papel da

boa esposa passaram a ser exaltados. Criou-se uma forma de salvação feminina a partir basicamente de três modelos femininos: Eva (a pecadora), Maria (o modelo de perfeição e santidade) e Maria Madalena (a pecadora arrependida).

O matrimônio vinha para saciar e controlar as pulsões femininas. No casamento, a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la, de educá-la, e de fazer com que tivesse uma vida pura e casta. Só não eram consideradas objetos do pecado quando eram virgens, mães ou esposas, ou quando viviam no mosteiro. Quando eram esposas, não podiam vender nem hipotecar seus bens sem a autoridade, e consentimento do seu marido. As camponesas trabalhavam muito: cuidavam das crianças, fiavam a lã, teciam e ajudavam a cultivar as terras. Já as mulheres que pertenciam a um nível social mais alto tinham uma rotina igualmente atribulada, pois administravam a gleba familiar quando seus maridos estavam fora (SILVA, 2009).

No século XI, com o surgimento das cidades, mesmo sendo minoria, as mulheres tinham significativa representação nas atividades comerciais, constituindo uma novidade dentro desse contexto. Já com a Idade Moderna, a sociedade sofre muitas transformações nos campos da economia, da cultura, da política e da religião. Uma nova realidade se configura, e essas mudanças alteram a vida das mulheres naquele instante, mas suas alterações não foram tão significativas como se pensava. Iniciou-se, então, a exclusão do universo de trabalho institucional, sendo novamente dominado pelos homens. E mais uma vez a mulher era destinada ao seu acolhimento ao “sagrado lar”, que era por direito, dever e por excelência, o seu espaço (COIMBRA, 2007).

As primeiras aplicações emancipatórias feministas se preocupavam com a conquista da igualdade jurídico-política. Precisamente nos séculos XVI e XVII, deu-se início às primeiras corporações femininas no processo de emancipação, quando foi

questionado o direito de voto, devido às insatisfações provocadas pelas regalias permitidas ao sexo oposto, causando um problema de pouca aceitação para as mulheres. Embora, nessa mesma época, o acesso à cultura para algumas mulheres fosse restrito, podia-se perceber que algumas já passavam a se destacar no ensino, realizados em conventos, e embora limitados no início, por estarem ligados à vida religiosa e humanística, e posteriormente instruções educacionais em literatura e vida social. No século XVIII, as mulheres se voltaram para a questão da emancipação intelectual, futuro viabilizador do acesso às profissões liberais (PINA, 1979).

Segundo Alambert (1986), no século XIX (1830 a 1870), surgiram profundas modificações em todos os campos da velha sociedade feudal, e na organização e estrutura familiar. Muitas atividades que até então se realizavam na casa (fabrico do pão, confecção de tecidos, dentre outros), foram transferidas para a sociedade, introduziram mudanças profundas na vida da mulher. Com a consolidação do capitalismo, grande massa feminina foi atirada à produção sem instrução, sem formação profissional, sem proteção legal, ficando sujeita ao livre-arbítrio do patrão. Entraram em massa na produção, junto com seus filhos, como mão-de-obra barata. Suas condições de trabalho eram miseráveis: jornadas de até 18 horas, execução de tarefas sem qualificação e as mais inferiores da produção na fábrica. Além de tudo, teve também que sofrer a concorrência e a agressividade de seus companheiros, na casa, e no trabalho. Nas grandes aglomerações operárias, a miséria reduzia numerosas jovens à prostituição.

Na verdade, até a Primeira Guerra Mundial, só os homens eram considerados cidadãos, destinados aos grandes feitos e às conquistas, enquanto que das mulheres esperava-se apenas que cuidassem dos filhos, do marido e da casa. Só no período entre as duas grandes guerras, quando os homens foram recrutados para os serviços

militares e elas precisaram substituí-los tanto na fábrica e no campo (PERROT apud SANTOS, 2009, p.42).

Mas, quando acabou a guerra, algumas mulheres, que já tinham experimentado a liberdade de trabalhar e assumir responsabilidades fora do lar, rebelaram-se diante da possibilidade de voltar com exclusividade às suas antigas atividades domésticas, iniciando um grande movimento acerca do que é ser mulher e, dentro desse contexto, começa a sobressair o pensamento feminista suscitando debates a respeito de sexo e gênero, bem como as distinções entre eles (SANTOS, 2009).

Dessa forma, compreende-se que o conceito de gênero serve como instrumento político de análise das relações construídas socialmente entre homens e mulheres. O debate sobre gênero está no campo social, pois é nesse espaço que as relações acontecem na prática, e que as desigualdades e as discriminações se efetivam.

No mundo ocidental, particularmente a partir do século XIX, verificou-se uma preocupação focalizada por estabelecer identidades para cada sexo, o estabelecimento de novas normas de condutas e espaços específicos para cada sexo. Isso pode ser observado, por exemplo, mediante leitura de obras de cientistas sociais como, Comte, Durkheim, Marx entre outros. Através da análise dessas identidades é que poderemos discriminar a praxes dos seres humanos em virtudes de seu sexo (SANTOS, 2009).

Com relação à identidade feminina, é possível entender que essa se constrói discursivamente sobre a função reprodutiva (biológica e social), que as mulheres devem desempenhar em relação ao lar e aos filhos, bem como às características atribuídas às mesmas, como parte de uma essência natural feminina, por exemplo, a debilidade, a afetividade, a irracionalidade e a dependência, entre outras (SANTOS, 2009).

Aliás, como ensina Durkheim (2007), um fato social se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce, ou é capaz de

exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder se reconhece, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a toda tentativa individual de fazer-lhe violência.

Contudo, ainda para Durkheim (2007), pode-se defini-lo também pela difusão que apresenta no interior do grupo, contanto que, conforme as observações precedentes, tenha-se o cuidado de acrescentar como segunda e essencial característica que ele existe independentemente das formas individuais que assume ao se difundir.

Por sua vez, na tradição marxista, o patriarcado é um conjunto de relações sociais que tem uma base material, tendo, nas relações hierárquicas e de solidariedade entre os homens, o controle das mulheres (CRUZ, 2001).

Del Pino (1987) também acha que as normas, os hábitos de uma sociedade se impõem na forma de processo com tamanha lentidão, que no fim, acabam se firmando sem que se saiba sua origem e passando a ser concebidos como fatos naturais. No que diz respeito à gênese da condição da mulher, é presumível que o cuidado da prole tenha sido uma função primordial na medida em que o sustento, inclusive da mãe, dependia do homem, tenha representado o maior peso numa determinada condição histórica. E não se pode ignorar o fato de que, diante de determinadas condições do habitat primitivo, a desigualdade biológica e funcional da mulher em relação ao homem – principalmente a gravidez e o parto – determinava sua maior vulnerabilidade.

Os estudos de gênero para Santos (2009) contribuem amplamente para o conhecimento das relações sociais podendo contribuir para melhor se entender os dilemas da sociedade, porque a forma como a mulher é vista hoje é diferente da de décadas atrás, modificando tanto os relacionamentos pessoais quanto na esfera pública, afetando a tomada de posturas diante da política e da economia.

Dessa forma, é preciso focar o conceito de forma multidimensional, pois as concepções diferem em lugares, espaços e tempos. Gênero deve ser entendido como construção de identidades múltiplas, plurais dos sujeitos, que se transformam e são dinâmicas (MORAES, 2005).

Compreende Louro (2001), a questão de gênero é uma questão de linguagem, e que estudiosos afirmam que o conceito de gênero, tomado em sua radicalidade, deveria permitir a desconstrução da oposição masculino/feminino. Nesse sentido, cita Foucault, para quem se deve observar que os efeitos do poder não se dão sempre do mesmo modo e com os mesmos resultados, porque o poder não existe somente através da repressão ou da negação, mas também é exercido através do fascínio, de dispositivos e estratégias que induzem, incitam, seduzem e provocam, submetendo o outro através do controle e da dependência. Assim, subjuga e submete.

Para Laurentis (1994, apud Carloto, 2009, p. 7),

A construção do gênero é tanto produto quanto o processo de sua representação". Para ela o "sistema sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representações que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino, ou feminino, subentende a totalidade daqueles atributos social.

Assim, as relações de gênero, refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres, estabelecendo-se dentro de um sistema hierárquico, que dá lugar a relações de poder, nas quais o masculino não é unicamente diferente do feminino.

Nesse ínterim, vale ressaltar que há uma especificidade entre universo masculino feminino, que é construída histórica e socialmente, que permeia as relações de gênero, que finda por neutralizar a divisão dos sexos, porque, o que define e distingue o ser homem e mulher,

numa perspectiva de gênero, encerra um viés sócio-simbólico, em que valores e códigos são internalizados, desde a mais tenra idade, fazendo com que ambos, ao se tornarem adultos, percebam-se como necessariamente diferentes, reflitam e construam relações que neutralizam o contexto diferencial que os envolve diz Tavares (2002).

Na opinião de Moraes (2005), a análise das relações de gênero só é possível considerando a condição global das pessoas – classe, raça, idade, vida urbana ou rural, e momento histórico em que se dá. Mas, embora existam muitos elementos comuns na vivência e condição das mulheres, nem todas foram criadas para exercerem o mesmo papel, sem nenhuma diferenciação. Logo, o conceito de gênero possibilita analisar o que há de comum entre ambos os sexos, porque mostra como mulheres e homens estão no conjunto da sociedade.

Para Ferreira (1996), no processo social de construção da realidade, os papéis masculinos e femininos são socialmente constituídos e culturalmente definidos, estabelecendo-se para cada gênero um código específico.

Essa diferença de poder torna possível a ordenação da existência em função do masculino, em que a hegemonia se traduz em um consenso generalizado a respeito da importância e supremacia da esfera masculina (CARLOTO, 2009).

Assim, do ponto de vista existencial, a vocação do gênero feminino, no confinamento imposto pelos homens, era mesmo a de produzir e reproduzir a vida, cuidar das crianças, dos doentes e dos velhos, além de satisfazer as necessidades físicas e psíquicas dos homens (VIEZZER, 1989). As relações sociais de gênero são caracterizadas pela subordinação do gênero feminino pelo masculino, ao longo de toda a história da humanidade, nos mais diferentes tipos de regime político, e em todas as partes habitada da Terra, como denominador comum das várias culturas.

Durante séculos, a mulher foi obrigada a conviver na condição de subordinação, instituída historicamente e gerada desde o princípio do processo civilizatório da humanidade, sendo negada a sua participação nas ações e decisões sociais. Todavia, vivendo à margem da sociedade, até então dominada pelo sexo oposto, pôde acompanhar de perto seu evolucionismo, inclusive nas formas de se processarem a estrutura básica familiar.

Com as mudanças ocorridas no âmbito particular e no contexto socioeconômico, político e cultural, é que as mulheres passam a cobrar e exigir, através do questionamento, uma mudança nas formas de perceber a figura feminina, ampliando o seu papel social. A partir daí, a consciência feminina passa a impulsionar o processo emancipatório da mulher na busca da sua identidade e auto-afirmação, negando então o condicionamento histórico, onde toda referência de cultura era direcionada ao homem, enquanto para a mulher só restava a impressão da total falta de expressividade cultural.

Assim, urge-se fazer um breve relato da inclusão social da mulher, a partir das diversas reivindicações organizadas pela classe, para a aquisição dos seus direitos, passando a vencer obstáculos próprios do movimento emancipatório feminino, conseguindo, a muito custo, encontrar seu espaço numa sociedade essencialmente machista.

A própria história atesta esse fato, quando se refere à condição da mulher no meio social, onde sua importância era praticamente inexistente, bem como seus préstimos eram restritos a procriação, ao zelo e à devoção ao pai, e posteriormente ao marido e aos filhos. Para o primeiro, fazia o papel de serva; para o segundo era orientadora. Seus papéis, embora limitados ao extremo em algumas sociedades, em outras chegavam a executar trabalhos agrícolas, artesanato caseiro, pastoreio e outros, os quais não lhe rendiam muito prestígio. A mulher pobre não possuía permissão de acesso à cultura,

que somente na Idade Média passou a fazer parte do mundo da educação (PINA, 1979).

O movimento de construir desconstruindo identidades acerca do gênero feminino e masculino percorre uma trajetória difícil, complexa, envolta em muito sofrimento, em muita discriminação e violência. Apesar da luta pela emancipação da mulher ser bem antiga, com ações muitas vezes isoladas contra a opressão, é somente no século XIX, no Ocidente, que o movimento organizado socialmente chamado feminismo teve um reconhecimento (MORAES, 2005)

Já Pina (1979), acredita que a identidade feminina se constrói discursivamente sobre a base de dois tipos de argumentação: Argumentação Ecológica: referente à função reprodutiva (biológica e social) que as mulheres devem desempenhar em relação ao lar e aos filhos; e Argumentação Essencialista: referente às características atribuídas às mulheres como parte de uma essência natural feminina, por exemplo: a debilidade, a afetividade, a irracionalidade, a dependência, entre outras.

Segundo esse autor, a noção da identidade feminina do século XIX, coloca como ideal feminino por excelência a maternidade e como espaço feminino privilegiado e privado, assim entendido aquele relacionamento com a esfera das necessidades vitais, ou seja, aquele responsável pela manutenção e reprodução da vida, a mulher, a partir deste pensamento, é tida como a principal responsável pelo bem-estar e educação de seus filhos (futuros cidadãos). Essa identidade feminina, como se vê, legitima a discriminação das mulheres no mercado de trabalho.

Essas lutas revolucionárias não eram exclusivamente compostas por mulheres, contavam também com o apoio de alguns homens, os quais se pronunciavam a favor da aquisição dos direitos do sexo oposto. A autora Olympe de Guoges (1791), em sua carta dos direitos da mulher e da cidadã afirmava que se a mulher era obrigada a

enfrentar a força, deveria também ter o direito de se pronunciar a favor dos seus interesses.

Os grandes socialistas utópicos do século XIX, também se pronunciaram pela emancipação da mulher. Entre eles, Charles Fourier, para quem a mulher devia ser plenamente integrada aos seus direitos, que não eram outros, além daqueles inerentes ao livre desenvolvimento de seu ser. A igualdade entre homens e mulheres não deveria ser apenas jurídica, mas tinha que ser realizada, também no plano dos costumes (ALAMBERT, 1986).

Essa situação serviu de argumento para Marx e Engels, a mais uma crítica que faziam à sociedade capitalista, na qual um dos pilares, em seu processo de desenvolvimento, é a exploração desenfreada da classe operária, a exemplo do livro “A situação da classe operária na Inglaterra”, escrita em 1845 para Engels, onde o mesmo relata a tragédia da mulher e da criança expostas à exploração ilimitada do capitalismo, na grande indústria inglesa: “As mulheres retornam à fábrica, freqüentemente, no terceiro ou quarto dia após o parto, abandonam o recém-nascido; nas horas de liberdade, devem correr às pressas para casa, a fim de amamentar a criança” (ALAMBERT, 1986).

Para o autor (op. cit), quanto a Marx, somente com a redação da “Ideologia Alemã”, concluída em 1846, ele chega à concepção materialista da história, germinará sua tese essencial sobre a questão feminina, ou seja, a definição das origens de opressão da mulher.

Dessa forma, a libertação da mulher, que no pensamento marxista se funde com a concepção do caráter histórico do ordenamento familiar, portanto vinculada à relação entre família e sociedade, deixa de passar pela criação concreta de relações homem/mulher igualitárias e desprovidas de qualquer vínculo de subordinação e domínio da segunda ao primeiro.

Para August Bebel, também um dos fundadores do socialismo marxista alemão, a questão feminina é uma questão social. Em seu livro “A mulher e o socialismo” (1889), contribuiu muito para a compreensão

do problema da mulher de um ponto de vista feminista, quando indicou a mulher, como único caminho de sua libertação, a organização de sua própria luta, e não ter ilusões de que o homem a ajuda a sair de sua condição, da mesma maneira que os operários têm a esperar muito pouco da burguesia. Assim, a solução depende da tomada de consciência por parte da mulher (ALAMBERT, 1986).

Lênin também se preocupou com a questão feminina, e a essa dedicou-lhe uma certa parte de sua obra. Em todos os seus trabalhos que datam dos fins do século XIX, e começo do século XX, criticou a situação humilhante da mulher na sociedade baseada na exploração pelo homem, evidenciando a brutal exploração do trabalho da mulher, como as condições anti-higiênicas de trabalho, a incorporação à produção das crianças, e o da importância da grande indústria mecânica no rompimento dos restos das relações patriarcais na Rússia, processo que contribuiu, decisivamente, para que as mulheres e os adolescentes saíssem do estreito círculo das relações domésticas familiares, para participarem, de modo direto, da produção social (ALAMBERT, 1986).

As reivindicações do movimento feminista do século XIX são tipicamente o direito à educação; o direito à participação, na elaboração das leis, e no exercício da justiça e participação nas empresas, quando foi apresentada na França, a “Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã”. Passava, então, a ser proclamada, através da Assembléia Constituinte, o princípio da educação para ambos os sexos. Surgiu, ainda, o “Manifesto do Movimento Feminino, e intitulado no mesmo país de “Reivindicações dos Direitos das Mulheres”.

Ainda no século XIX, a atenção das mulheres volta-se para a questão da educação, pois, queriam expandir-se não só no aspecto sócio-político, mas também, na cultura. Esse passo teve seu pioneirismo nos Estados Unidos, onde foi formulado um plano de aperfeiçoamento da educação feminina, o qual, após ter sido aceito, impulsionou a construção da academia. Ainda nos Estados Unidos, destacou-se a Medicina, pois lutando pelos direitos da mulher, nessa área, teve início a

primeira escola médica feminina, de onde muitas outras vieram a surgir posteriormente.

Já na metade do século XIX, as americanas saem na frente com a organização das tecelãs, criando, logo em seguida, o primeiro sindicato. Mesmo de forma tímida e lenta, já era possível verificar o destaque que se dava às questões femininas, pois os movimentos constantes sugerem a força de uma classe (ALAMBERT, 1986).

Os resultados das constantes reivindicações passam a aflorar cada vez mais e com maior nitidez. Reafirmando a vontade de vencer, realizam o I Congresso Internacional da Mulher, e criam o Conselho Internacional da Mulher com fundação em Washington.

Apesar de todos os esforços empreendidos no sentido de adquirirem maior espaço e liberdade de expressão, salienta-se o fato de que os movimentos de emancipação passaram por processos lentos. A exemplo disso, teve a regulamentação da jornada de trabalho para 12 horas, permitida somente no final do século XIX, da mesma maneira, a concretização do II Congresso Internacional da Mulher (ALAMBERT, 1986).

Em alguns países como: Estados Unidos, Inglaterra e Brasil, as reivindicações caracterizaram-se por questões políticas, como exemplo cita-se o direito de voto, pois as mulheres almejavam o título de cidadãs, o que só seria possível através dos muitos movimentos realizados. Tratando-se do pioneirismo acerca do direito de voto, na Inglaterra surgiu a criação da lei que poderia garantir às mulheres o referido direito, sendo este país o primeiro do mundo a lhes conceder o direito de voto. Já na França, em um período de quarenta e três anos foram criadas sete associações femininas, além da realização de uma campanha humanística, as muitas reivindicações oriundas de questões civis podiam ser exemplificadas com o acesso das mulheres em Universidades, entre outras aspirações femininas. Ainda no pioneirismo francês, menciona-se a criação do primeiro liceu feminino, no final do

século XIX, repercutindo de forma tão positiva que no início do século XX já se encontravam 20 liceus femininos instalados oficialmente em toda a extensão francesa.

Cabe aqui, um enfoque na Declaração dos Direitos Humanos, adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 1948, a qual acredita-se poder ser entendida como uma conquista ao longo da história da humanidade, e significar esperança de equilíbrio na sociedade, porque ela define os princípios morais e éticos a ser adotados pelos povos das Nações Unidas, de forma que todas as pessoas tenham assegurados os direitos inerentes à vida, e garantias individuais.

Os princípios de amplo alcance sobre a dignidade humana, implícitos na Declaração dos Direitos Humanos, adotada em 10 de dezembro de 1948, aborda uma agenda ampla de direitos – culturais, econômicos, sociais e políticos. E, quando se refere ao gênero masculino, citam-se as bases para o reconhecimento dos direitos das mulheres, com sua proclamação de que ‘todos os seres humanos nascem livres, e iguais em dignidade e direitos’ (CRUZ, 2001).

A Assembléia Geral das Nações Unidas, em 7 de novembro de 1967, aprovou a “Declaração sobre a eliminação da discriminação contra a mulher”, em que seu primeiro artigo declara que a discriminação contra a mulher nega, ou limita sua igualdade de direitos com o homem, é fundamentalmente injusta, e constitui uma ofensa à dignidade humana (HERKENHOFF, 1997).

No segundo artigo, diz-se que deverão ser adotadas as medidas apropriadas a fim de abolirem as leis, costumes, regulamentos e práticas existentes que constituam uma discriminação contra a mulher. Da mesma forma, deverão ser adotadas medidas apropriadas para assegurar a proteção jurídica da igualdade de direitos entre os sexos.

No terceiro artigo, a Declaração afirma que medidas deverão ser adotadas para formarem a opinião pública, e orientarem as aspirações nacionais no sentido da eliminação dos preconceitos contra a

mulher, devendo, também, serem abolidas as práticas de qualquer natureza, baseadas na inferioridade da mulher.

Nos artigos seguintes, a Declaração particulariza direitos que devem ser assegurados à mulher, em igualdade: direito de votar e ser votada; direito de acesso aos cargos públicos; direitos em matéria de nacionalidade; direitos no casamento; direito de ir e vir; direito à educação em todos os níveis e direito à informação; direitos na vida econômica e social (HERKENHOFF,1997).

E, para melhor efetivar os princípios contidos na “Declaração sobre a eliminação da discriminação contra a mulher, foi adotada pela Assembléia Geral da ONU a “Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, em 18 de dezembro de 1979.

No início do século XX, as manifestações a favor da emancipação feminina adquiriam maior visibilidade na luta pelo direito ao voto. Esse movimento se amplia e engloba a luta pela educação formal, por uma profissão. Evidentemente, que era uma luta das mulheres brancas. Na década de 60, tem início uma outra fase do movimento feminista, trazendo como bandeira de luta as situações sociais e políticas, abrangendo questões teóricas e práticas. O movimento de mulheres tem avançado bastante na sua organização, nas décadas de 70, 80, 90 e na atualidade, em busca de direitos iguais (MORAES, 2005).

Percebe-se, então, que a condição histórica da mulher evoluiu mais por imposição, devido ao fato de serem obrigadas a buscar, através da persistência, uma posição mais significativa, haja vista existir na hierarquia social a subordinação como o lugar reservado para elas, enquanto durou o sistema patriarcal, tornando-se mais flexível, não chegando ao ponto da total inexistência, com a nova estrutura familiar, que começava a nascer juntamente com a liberdade feminina. Esse processo de libertação reflete, de forma clara, o princípio de uma nova vida, iniciado primeiramente na Inglaterra, e passando em seguida para a França, pioneira das Ligas para a divisão da Mulher (MORAES, 2005).

Desde então, percebe-se que o movimento de mulheres ascendeu-se, evidenciando que o momento das mulheres saírem do anonimato havia chegado, dando indícios, inclusive, do despertar da consciência de uma classe, exigindo delas a ocupação de seus lugares na sociedade, não da forma como fora no início da civilização, mas dessa vez, superando a total passividade e fazendo emergir novos papéis e novas atribuições em todos os aspectos da vida humana, necessários para haver, de fato, uma verdadeira participação social.

Dessa forma, é no princípio do século XX, que os frutos dos movimentos reivindicatórios passam a serem sentidos, beneficiando as mulheres que exerciam atividades remuneradas, através do repouso semanal. Os anos consecutivos, no princípio do século, seguem repletos de reivindicações e as mulheres passam a exercer livremente suas profissões, bem como eram donas do seu próprio salário.

Fazendo uma retrospectiva da situação da mulher, Sina (2005), diz que o estereótipo da mulher, nos anos 1950, é aquele da televisão americana. Ou seja, donas de casa sempre impecáveis, da aparência pessoal ao trato com a casa. A classe média é a de maior poder aquisitivo, tratavam de resguardar as moças para a vida em família, sendo-lhes permitido tocar um instrumento com maestria, o que abria caminho ao magistério, porque ensinar era apropriado para uma senhorita, ou até mesmo para uma senhora, desde que com a aprovação do marido, e em um ambiente altamente recomendado, como uma escola de freiras para meninas.

Em 1963, Betty Freidan, dona de casa e mãe de três filhos escreveu o livro “A mística feminina”, em favor da libertação do papel de rainha do lar e consumidora, questionando não apenas o *statu quo*, mas a aceitação pacífica da mulher ao que lhe era imposto um estímulo ao investimento no próprio saber para ampliar horizontes. No final dos anos 1960, estava em xeque a liberdade sexual (SINA, 2005).

Nesse contexto, acontece o primeiro movimento organizado e consciente das mulheres, visando a melhores condições de vida, dessa vez, para beneficiar elas próprias. Essa luta contava com trinta mil mulheres, todas trabalhando em fábricas têxteis, e reivindicando a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas, exigiam, ainda, salários dignos de um ser humano e iguais tanto para homens como para mulheres. Muitas crianças também participavam com o intuito de sensibilizar e resguardar o próprio movimento.

As conquistas femininas tornam-se mais freqüentes, apesar de algumas restrições. As mulheres reivindicam o direito de exercerem funções antes destinadas somente aos homens, além de salários iguais. Apenas quatro nações foram favoráveis ao voto, mas conquistaram o direito de serem pessoas com responsabilidades legais.

A exemplo de todos os países anteriormente mencionados, os movimentos reivindicatórios repercutiram por todo o mundo, porém nos países chamados hoje de subdesenvolvidos houve um considerável atraso referente à aquisição dos direitos da mulher, apesar das idéias emancipatórias estarem claras no coração de cada uma delas. É o que se constata no pioneirismo de muitas mulheres, bem como pela luta contínua daquelas que abraçaram o compromisso, criando bases para outras novas aspirações.

Atualmente, em plena era industrial e tecnológica, as mulheres obtiveram grande parte de suas reivindicações. Grande parte freqüenta em massa as escolas, as universidades, votam e podem ser votadas, na maioria dos países podem requerer o divórcio, tem direito a praticar qualquer profissão, e função pública.

Sendo assim, enfatiza Cruz (2000), que apesar de reconhecidos, os avançados conceitos da Declaração Universal e subseqüentes tratados, ainda não se encontram totalmente implementados. A violência e a discriminação contra as mulheres constituem algumas das mais sérias e difundidas violações aos direitos

humanos, que hoje enfrenta a comunidade internacional, e os governos são virtualmente negligentes por não adotarem ações, para pôr fim aos ditos abusos.

Não obstante, as mulheres são, hoje, a maioria das pessoas analfabetas no mundo em desenvolvimento, recebem menos que os homens por um mesmo trabalho, carregam a total responsabilidade do trabalho doméstico, dos cuidados e da educação das crianças, e ademais, têm sabido incorporar-se ao mercado de trabalho, contribuindo para o sustento da família. São, assim mesmo, as mais afetadas pelo desemprego, ainda que as mais pobres exerçam os papéis de chefia familiar (CRUZ, 2000).

2.2 – O cenário brasileiro

A sociedade brasileira constitui-se a partir do agrupamento da família, conservando tons de afetividade e, simultaneamente, de um autoritarismo extremado, constatado através da hierarquia familiar imposta.

A imagem da mulher na história do Brasil surgiu à luz de estereótipos, dando-nos a sensação de ser uma pessoa apática, e passiva diante da problemática social. Por muito tempo a mulher pôde ser vista como um ser inferior aos homens, tornando-se submissa sexual e materialmente, e excluída muitas vezes do espaço público. No século XIX, a mulher era vista como uma mulher de classe, preocupada com o lar, com a educação dos filhos e principalmente pronta para satisfazer e agradar os desejos do marido, ou era vista como uma figura promíscua, mais conhecida como prostituta – que faziam de sua sexualidade uma mercadoria. Baseado nesse rótulo imposto há anos pela sociedade machista, a mulher passou a maior parte de sua história relegada às decisões que se restringiam apenas ao seu ambiente doméstico, ou seja, ao seu “lar” (COIMBRA, 2007).

Assim, a vida política era responsabilidade exclusiva dos homens, donos da verdade e do conhecimento das políticas públicas, o homem sempre se impôs como uma figura responsável e autoritária, julgando-se ser braço firme para governar não só sua casa, mas ter esse poder estendido às prefeituras locais, ou mesmo a governos do Estado ou do país. Contrapondo a essa imagem, a figura feminina sempre foi vista como um ser frágil, onde nunca poderia ter essa competência ou mesmo a responsabilidade de governar sua vida, quem diria a sua cidade na menor das hipóteses (COIMBRA, 2007).

Para Del Priore (1993), no Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identifica-se um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal; em que casamentos baseavam-se em interesses econômicos, cabendo à mulher, a castidade, a fidelidade e a subserviência. Os filhos eram considerados extensão do patrimônio do patriarca e, ao nascer, dificilmente experimentavam o sabor do aconchego e da proteção materna, sendo amamentados e cuidados pelas amas-de-leite.

Cabe aqui lembrar, que o patriarcalismo segundo Weber (1964) é a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida, normalmente, por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras fixas.

Dessa forma, no entender de Weber, o patriarcalismo é a forma de dominação mais pura e tradicional, por ser fundamentada nas tradições de uma autoridade que costumeiramente sempre existiu.

No período colonial, até meados do século XIX, a família brasileira também habitava, em geral, grandes casarões rurais, em que viviam os filhos, legítimos e naturais, agregados, parentes, velhos e encostados, rodeados de escravos por todos os lados, responsáveis por todo o funcionamento da habitação. A casa colonial era um misto de unidade de produção e consumo, pois boa parte da alimentação, dos

utensílios domésticos e objetos pessoais eram fabricados na própria fazenda, tornando-a praticamente auto-suficiente (MELMAM, 2001).

Segundo Teruya (2000), o modelo de família patriarcal pode ser assim descrito: um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. Ainda se caracterizaria por traços tais como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multifuncional. O sistema de parentesco era a forma pela qual os indivíduos se reconheciam no mundo: ser filho, parente, compadre, cabra, escravo do senhor proprietário, conferia os limites e possibilidades para cada indivíduo. A família patriarcal teria se transformado ao longo do século XIX, com filhos menos dependentes do poder patriarcal (com a possibilidade de carreiras autônomas ou políticas).

A família patriarcal ainda é uma realidade muito recente no Brasil agrário, e a geração que hoje é a força produtiva no país, direta ou indiretamente, ainda conheceu e conhece o contexto do patriarcalismo (VIEZZER, 1989).

As transformações sociais decorrentes do desenvolvimento industrial, do surgimento do capitalismo e conseqüentemente da urbanização, vieram provocar transformações irreversíveis na vida da família e sua estrutura. A transferência de funções econômicas, sociais, políticas, educacionais e outras instituições, tudo é acompanhado pela transformação das relações internas entre pais e filhos, entre marido e mulher.

No século XIX, no Brasil, com o fim da escravatura, a imigração e as transformações provenientes do processo de

industrialização e urbanização ocasionaram não só a inserção da mulher no mercado de trabalho induziu a nuclearização familiar e o surgimento de um novo modelo de casamento, em que prevalecem a afetividade, os interesses individuais, maior igualdade e intimidade entre os casais. No entanto, alguns ideais valorativos da família patriarcal permanecem inalterados, como a dupla moral sexual, em que a sexualidade feminina é reprimida persistindo o tabu da virgindade, e a não aceitação do adultério feminino (TAVARES, 2002).

De acordo com Teles (1993, p. 38), no Brasil, “a autoridade despótica do *pater famílias*, assentada no domínio indevassável do lar, isto é, no âmbito privado, de outro, a sujeição voluntária a uma ordem impessoal regulada pela esfera pública, mas em todo caso, governada pelos homens”. O ciúme masculino, ‘verdadeira marca nacional’, derivava com freqüência espantosa na prática de assassinatos que visavam a restaurar a dignidade moral da família. Por outro lado, o tratamento grosseiro dispensado às mulheres a falta de cavalheirismo também eram freqüentes. “Quando não eram ignoradas, as mulheres eram reputadas como brinquedos, e meios de desfrute sexual” (p. 41).

Os valores da mulher brasileira eram saúde, amor, filhos e dinheiro, o que contribuiria para amenizar o quadro de violência existente nas cidades. Mas para tanto, torna-se essencial uma maior influência do pensamento feminino sobre o masculino, o que efetivamente se tem mostrado impossível, pelo menos enquanto houver esta permanência do pré-histórico.

Ocorre que no Brasil, as transformações na esfera pessoal não acontecem de forma tão incisiva, uma vez que somente começaram a ser engendradas nas primeiras décadas do século XX, quando a família igualitária começa a suceder a família hierárquica. Até os anos 50, a família brasileira é regida por um ideal hierárquico, em que a superioridade masculina é legitimada tanto pelo domínio que o homem exerce na esfera pública, quanto pela desobrigatoriedade com relação à monogamia (TAVARES, 2002)

Quando se faz referência acerca da condição da mulher no Brasil quanto ao processo emancipatório, nota-se que, apesar de terem vivido em estado de submissão constante sem direito a nenhum tipo de pronunciamento, as mulheres ingressaram na luta pela abolição da escravidão, sendo esse o momento em que começam a questionar a sua situação de subordinação, instituída ao longo da história. Este repensar deve-se ao novo contexto social pelo qual o país passava, devido ao desenvolvimento industrial emergente, embora não houvesse se originado com o objetivo de mudar a condição da subalternização feminina, pois o que de fato importava, naquele momento, era o movimento abolicionista.

Passa-se, então, a delinear o início do século XX, onde se salientam que algumas mulheres já se encontravam inseridas em fábricas industriais, e como operárias procuravam engajar-se nos movimentos grevistas, porém, quando aconteciam as reivindicações, nunca eram movimentos isolados, ou seja, um movimento direcionado unicamente aos anseios femininos, mas, ao contrário, as mesmas procuravam somar-se aos homens para que os movimentos fossem fortalecidos e suas reivindicações atendidas, porém os homens, na maioria das vezes, conseguiam ver suas reivindicações atendidas, concretizando seus desejos, enquanto as mulheres não tinham o mesmo privilégio, e quando acontecia, eram sempre de forma parcial e incompleta.

A participação das mulheres na política é de fundamental importância para o avanço das políticas de gênero no Brasil. As mulheres que têm compromisso com a transformação social lutam com ainda mais empenho por bandeiras de inclusão da mulher na sociedade. Temos exemplos, como a luta por creches, por atendimento na educação e saúde de qualidade, a luta pelo fim da violência contra as mulheres e também pelo reconhecimento de um trabalho invisível que é o trabalho doméstico (COIMBRA, 2007).

Nesses movimentos contavam agora com um expressivo agrupamento só de mulheres, que passavam a reivindicar o direito de voto. É certo, porém, que comparado a outros países, as reivindicações chegam a acontecer com algum tempo de atraso, mas as lutas reivindicatórias ocorridas fora do Brasil foram suficientes para despertarem nas brasileiras o desejo de liberdade, para viverem de fato como mulheres, como seres humanos, com direitos e vontades próprias; neste aspecto, a questão de classes não existia, todas lutaram por causas comuns.

Assim, no Brasil, somente a partir do século XX, deu-se início à campanha para o voto, sendo criado, no começo do século, o Movimento Feminista Brasileiro, visando a dar suporte às reivindicações.

Para a contribuição do processo emancipatório, foi criado, no Rio de Janeiro um grupo de estudos voltados a analisar a situação da mulher, originando, neste momento, a Liga para Emancipação Internacional da mulher, e logo a seguir fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, outro impulsionador da luta pelo voto. Teles (1993, p. 44) acha que:

Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminino; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho; auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-las na escolha de uma profissão; estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público; assegurar à mulher direitos políticos e preparação para o exercício inteligente desses direitos; estreitar os laços de amizade com os demais países americanos.

Percebe-se nesse momento, que as reivindicações femininas exigiam novos direitos. Apesar da industrialização no Brasil atingir seu auge somente na década de 30, os movimentos reivindicatórios da mulher seguiam firmes por duas décadas consecutivas, já reclamando das injustiças sofridas desde o período que antecede a 1ª Guerra Mundial (1914), quando muitas mulheres foram obrigadas a vender sua força de trabalho, iniciando a dupla jornada de suas atividades, divididas

entre os cuidados com a casa, a família e o trabalho nas indústrias, as quais passavam a desenvolver-se em grande escala, não medindo esforços para se manterem e se reproduzirem a partir da exploração e dominação da mão-de-obra barata feminina, pois, nesse momento, já não faziam distinção entre pessoas.

Deve-se frisar, que, embora houvesse muitas mulheres operárias, existiam ainda aquelas que viviam somente para a casa e a família, bem como outras que não haviam deixado aquele trabalho com as características das funções passadas, tipo: artesanato caseiro, bordado, costura, uma vez que essas atividades não haviam sido totalmente abolidas, pois restavam ainda as mulheres mais velhas, ou de outras gerações, que guardavam consigo os costumes passados, deixando possivelmente as lutas reivindicatórias por maiores direitos, para suas filhas e netas, mas, com certeza, esperavam ver as conquistas e vitórias.

Afirma-se que as mulheres viveram por muito tempo em um comodismo forçado, mas, conhecendo sua força interior e o dinamismo existente ali, a sede de mudança da mulher era tamanha, que as levava a participarem das muitas revoltas, instituídas em todo o país, devido à insatisfação dos brasileiros diante da incapacidade do governo em lidar com os problemas sociais emergentes, oriundos da chegada da indústria no Brasil, acarretando um caos social.

No período da industrialização, as contradições sociais, marcadas pela miséria e insatisfação da classe trabalhadora, intensificaram as reivindicações, e junto com elas a classe feminina não parou mais. Nascia, então, a Legião Feminina e em seguida a Aliança Nacional Libertadora, que objetivavam a retirada do Presidente Getúlio Vargas do poder, ocorrendo posteriormente o Golpe de Estado de 1937.

Devido às manifestações presentes nesse período, foram surgindo leis, cuja transformação social era eminente, pois a importância do trabalho feminino realizado nas indústrias e no comércio era uma

realidade que passava a ser vista como essencial e importante para a economia do país. Até mesmo nas repartições públicas a presença feminina era uma constante, evidenciando a plena expansão em que se encontrava o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Entretanto, o trabalho feminino só foi de fato regulamentado após o decreto de nº 21.417-A, de 17 de maio de 1932, em que seus enfoques principais eram direcionados para alguns direitos alcançados, como afirma a citação a seguir de Santarcangelo:

Igualdade de salário para igualdade de trabalho, sem distinção de sexo; proibição de trabalho noturno entre 10hrs da noite e 5hrs da manhã com exceções assinaladas; proibição de trabalho em subterrâneos, nas minerações em subsolo, pedreiras e obras de construção pública ou particular e nos serviços perigosos e insalubres; proibição do trabalho da mulher grávida, 04 semanas antes e 04 semanas depois do parto (excepcionalmente mais 02 meses); garantia de metade do salário durante seu afastamento e direito de voltar ao cargo; direito de romper o contrato de trabalho quando este for prejudicial à gestação; direito a 02 intervalos diários, de meia em meia hora cada; para amamentação até 06 meses; obrigatoriedade de creches nos estabelecimentos em que trabalhem no mínimo 30 mulheres maiores de 16 anos; proibição da dispensa da mulher grávida sem motivo relevante, etc. (SANTARCANGELO, 1980, p. 22).

Diante da citação, percebe-se que as conquistas vieram beneficiar de fato as mulheres, resguardando os direitos adquiridos, os quais foram conseguidos com muitas lutas, tendo, em contrapartida, também, perseguições por parte daqueles que não aceitavam a emancipação feminina, depois de passarem por um estigma histórico de subserviência, que anulava qualquer índice de capacidade, pois, se o passo para o processo de emancipação não fosse executado, talvez por muito mais tempo as mulheres tivessem continuado numa vida de anonimato.

De acordo com Santarcangelo (1980), após a criação do Instituto dos Comerciários, todas as mulheres que exerciam atividades no comércio passavam a receber auxílio maternidade. E o trabalho noturno passa a ter certas restrições, e também regulamentadas na Convenção Internacional. O artigo 137 da Carta de 10 de novembro de

1937 beneficiava a mulher com a garantia da assistência médica e higiênica às gestantes, bem como direito a repouso sem alterar o salário, mesmo depois de todo processo que precede o parto. Conseguiram o acesso às minas, executando atividades que até então eram de realização masculina.

As mulheres passam a estar em estado de evidência, buscando inserir-se em todos os acontecimentos e marcando ali a sua presença, é o que acontece durante a primeira Guerra Mundial, onde as mulheres participavam fazendo campanhas e contribuindo com agasalhos, donativos e treinamento de enfermagem.

Na segunda metade do século XX, novos acontecimentos marcaram o processo de emancipação feminina, entre eles: a conquista de novos benefícios concedidos a partir da Regulamentação Nacional de Saúde Pública, que estabelece o repouso de trinta dias após o parto para as empregadas de indústrias e comércio; a flexibilidade durante o período de amamentação; organização de uma caixa de ajuda para as mulheres mais pobres; criação de creches ou salas apropriadas para os cuidados com os filhos de suas funcionárias, os quais deveriam estar próximos aos pais (SANTARCANGELO, 1980).

Surge então, em 1952, no Rio de Janeiro, o Comitê de Mulheres pela Democracia, com o objetivo de ingressarem essas mulheres na sociedade como cidadãs de fato, buscando conquistar os direitos, de forma igualitária aos homens, em todos os aspectos. No mesmo ano quando foi instalada a Assembléia Nacional de Mulheres, essas reivindicações não tiveram tantas repercussões.

Visando a resguardar os direitos prescritos em lei, a Constituição Federal de 1988 proíbe a discriminação aos critérios de salários, e o preconceito em relação ao sexo, cor e estado civil, no momento da admissão, e passa a ser concedido às mulheres o direito à aposentadoria aos 30 anos de trabalho com salário integral. Já para o empregador fica sendo de suas atribuições, o salário maternidade,

incluído entre os pagamentos da Previdência Social, referenciados no artigo 392 da C.L.T. (Consolidação das Leis Trabalhistas), Lei nº 10.421/2002, a qual se tornou o centro das atenções, contrariando, de certa forma, muitos empregadores que ainda agiam de maneira preconceituosa com relação às mulheres, em situações específicas, como é o caso de algumas pessoas que não empregavam mulheres casadas, e isso, por outro lado, tornava-se um grande problema social.

Ressalta-se que o país entre as décadas de 50 e 60, passava por uma grande crise, marcada basicamente por problemas sócio-econômicos, em que as políticas de ações não agradavam aos detentores do grande capital, que recorreram às forças militares com o discurso de que as políticas vigentes iam de encontro à lei, ou seja, eram inconstitucionais, procurando, dessa maneira, articularem-se para darem início ao Golpe Militar de 64. Em contrapartida, essas mesmas ações do governo visavam a satisfazer a classe popular, mas, devido à realidade conjuntural, houve dificuldades para a implementação das políticas, gerando um total descontrole da massa popular obrigada a enfrentar a queda brusca do seu poder aquisitivo, tornando os trabalhadores mais pobres a cada dia (MORAES, 2005).

A emergência dos movimentos sociais, a partir de fins da década de 70, em todo o País, produziu e projetou uma outra concepção de cidadania, baseada no trabalho, na vida e na luta social. Uma cidadania que busca enfrentar os problemas cotidianos da coletividade, da exploração, da miséria, da desigualdade social, sempre presente na formação social brasileira. A luta por direitos sociais acentua-se na década de 80, por meio de movimentos em prol de creches, de escolas, saúde, moradia, assim como da luta pelo exercício da cidadania e contra a discriminação de negros, homossexuais e mulheres, bem como pela ecologia, pela paz, pelo direito das crianças. Essa cidadania passa a ser construída no interior das lutas cotidianas, formando novos sujeitos, novas identidades político-culturais. A educação exerce um papel fundamental nessa nova construção da cidadania. A educação

transformadora, popular, crítica, que dialoga com a realidade dos sujeitos envolvidos, introduzida pelo educador Paulo Freire (MORAES, 2005)

As mulheres, mais uma vez entram em cena, revoltadas com a situação, lutam contra a baixa salarial e o aumento do custo de vida, fazendo discursos, campanhas e palestras na tentativa de mobilizarem toda classe feminina, e chamar a atenção das autoridades. Os movimentos das mulheres não tratavam de um assunto apenas, de maneira geral, elas falavam de todos os problemas que porventura afligissem a natureza feminina, em que os discursos referiam-se às questões de cidadania; um maior acesso das mulheres na vida social, e principalmente, poderem, de fato, decidir sobre a sua feminilidade, dominando aspectos referentes ao próprio corpo.

No período da ditadura militar (1964-1985), houve acesso das mulheres às universidades, e houve também muitas perseguições que levavam à desarticulação de associações e muitos grupos femininos passaram pela repressão (1968), não sendo permitidos os discursos e os movimentos reivindicatórios que falassem sobre questões ligadas à maternidade; ao aborto; ao sexo; à contracepção, dentre outros. De acordo com os detentores do poder, o tratamento designado às mulheres deveria voltar ao ponto de onde havia partido, ou seja, deveriam permanecer em níveis abaixo do homem, submissa e sendo relegada a segundo plano, não tendo vontades próprias, e nem acesso ao mundo dominado pela classe masculina.

A Primeira Conferência Mundial da Mulher, realizada no México em 1975, e que contou com a participação massiva das brasileiras, deixou evidente que muitas mulheres viviam ainda em condições críticas de subserviência nos países de terceiro mundo, inclusive no tocante às questões de injustiças praticadas contra elas, colocando claramente que, apesar das mulheres haverem adquirido muitos benefícios, em diversos lugares do mundo, a liberdade sem

restrições não havia ainda sido alcançada. Significa, portanto, que o processo de luta não poderia parar, mesmo porque sempre existiriam novas conquistas, as quais, para serem alcançadas, exigiam das mulheres formas mais organizadas de enfrentamentos de blocos que resistiam às reivindicações femininas. Estas, por sua vez, deveriam continuar com os movimentos, perseverando na busca dos seus objetivos e das suas mais novas aspirações.

Na Segunda Conferência Internacional de Mulheres socialistas, realizada na Dinamarca (Copenhague) em 1910, por sugestão da jornalista alemã Clara Zhtkin, foi adotado o dia 08 de março como o Dia Internacional da Mulher.

Destaca-se que a Legislação deu um salto decisivo, quando muitos países decidiram fazer a sua reformulação. Dessa nova reformulação, mas precisamente quatro países nórdicos (Suécia, Noruega, Finlândia e Islândia), lideram o ranking mundial no que concerne a participação feminina na política e no mercado de trabalho, segundo dados divulgados no Fórum Econômico Mundial, em 2006, que fora sediado em Davos (Suíça), as mulheres já podiam receber pagamento salarial igual aos dos homens, e no caso do Brasil, apesar de aparecer em 67^a posição, houve um avanço chegando a permitir que às mulheres executassem trabalhos ligados à computação eletrônica. Nesse momento, já é possível destacar, a seguir, algumas das pioneiras nesse processo de busca e afirmação de suas vidas no contexto sócio-político-econômico e cultural, que passam a ocupar seu espaço na sociedade, durante o processo emancipatório, destacando-se em suas profissões, algumas delas antes tidas como exclusividades masculinas.

Nas Eleições 2002 no Brasil, as mulheres já eram maioria do eleitorado, mas não na faixa de idosos/as. Este ano, elas são maioria em todas as faixas etárias. Cresceu também a participação feminina na educação e em vários segmentos profissionais e da vida política, assim como é importante o número de mulheres em organizações não

governamentais. Mas ainda é minoria em cargos de poder, principalmente se comparar o Brasil com outros países. Na América do Sul, estamos em último lugar, e na América Latina em antepenúltimo, não perdendo apenas para a Guatemala e o Haiti. Romper com toda uma tradição política não é fácil, Michelle Perrot destaca que a entrada da mulher na política não foi normal em lugar algum, quer seja em partidos, quer seja nos Poderes Legislativo, ou Judiciário, houve muita resistência para que esse fato se concretizasse (COIMBRA, 2007).

A partir da década de 1970, intensificou-se a participação das mulheres na atividade econômica, em um contexto de expansão da economia, com acelerado processo de industrialização e urbanização. Prosseguiu na década de 1980, apesar da estagnação da atividade econômica, e da deterioração das oportunidades de ocupação.

Em 1990, década caracterizada pela intensa abertura econômica, pelos baixos investimentos e pela terceirização da economia, continuou a tendência de crescente incorporação da mulher na força de trabalho. Contudo, incrementa-se, nessa última década, o desemprego feminino, indicando que o aumento de postos de trabalho para mulheres não foi suficiente para absorver a totalidade do crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) feminina (HOFFMANN; LEONE, 2004)

Várias mudanças no perfil das trabalhadoras acompanharam esse aumento de participação. Uma delas diz respeito ao perfil etário, ao estado civil, e à escolaridade. Na década de 1970, as trabalhadoras eram na sua maioria jovens, solteiras e pouco escolarizadas. Na década de 1980, as mulheres com idade acima de 25 anos, chefes e cônjuges, com níveis mais elevados de instrução e com nível de renda não muito baixo, foram as que mais aumentaram sua participação no trabalho remunerado. Nos anos 1990, a continuidade da ampliação das taxas de participação feminina, sobretudo entre mulheres não muito jovens, foi o único fator responsável pelo crescimento da PEA. Em decorrência do estreitamento do mercado de trabalho para os jovens e do aumento da participação da mulher adulta na atividade econômica, a força de

trabalho, nos anos 1990, assumiu traços diferentes, ficando mais adulta e com uma parcela feminina maior (HOFFMANN; LEONE, 2004).

A política é uma profissão de homens, concebida e organizada no masculino. Em seus ritos, ritmos, em seus horários, em suas formas de sociabilidade, em sua apresentação em si, que molda também a expectativa do público, eventualmente decepcionado por ser representado por uma mulher, porque tem a sensação de ser desvalorizado ou menos bem representado (COIMBRA, 2007).

Assim, a primeira advogada a exercer o cargo no Brasil foi Maria Rita S. de Andrade. Nair de Teffe foi a primeira caricaturista. As médicas pioneiras foram Maria Augusto C. Estrela e Carlota Pereira de Queiroz, esta última foi também a primeira mulher eleita para a Assembléia Nacional Constituinte do Brasil, como deputada, e, ainda devido aos méritos dos trabalhos apresentados durante a sua carreira, foi a primeira médica eleita para a Academia Nacional de Medicina. Noemy Silveira Rodolfer foi a primeira mulher convidada para ensinar em uma Universidade estrangeira, na área de Psicologia Educacional, além de receber uma bolsa de estudos nos Estados Unidos.

Na cultura, destaca-se ainda Maria de Lourdes Teixeira, que em 1951, pioneira como ensaísta e romancista, inclusive entrando na Academia Paulista de Letras. Ligada à Assistência Social, destaca-se Leopoldina Saraiva, e Oneyda Alvarenga, que chefiou por muito tempo a Discoteca Pública Municipal. Zuleica Sucupira Kenworthy, pioneira na Promotoria Pública de São Paulo, e Ex-Curadora de menores. A artista Anita Malfatti mereceu destaque durante as comemorações da “Semana de Arte Moderna” (1922), realizada em São Paulo, entre tantas outras que se desbravaram em funções e cargos de destaque, o que, devido às dificuldades de ascensão feminina no Brasil, pareceria até ousadia por parte das mulheres.

Pode-se dizer que foram necessários os reflexos de muitas conquistas chegarem ao Brasil, como de fato aconteceu em muitas situações, incentivando a realização de seminários, palestras, entre outros programas

para que, finalmente, a Comissão de Justiça do Senado acatasse a sugestão de Nelson Carneiro, apresentada em projetos e que visava a algumas modificações e adaptações na Consolidação das Leis Trabalhistas, em que passou a constar que a partir do sexto mês de gestação, a mulher passaria a trabalhar somente durante 06 horas.

Nas últimas décadas do século XX, foi apresentado um projeto em Brasília, no I Fórum Nacional de Debates sobre Ciências Jurídicas e Sociais, o qual se tornou de destaque entre outras que haviam sido apresentadas, esta principalmente, fazia uma síntese da evolução da situação da mulher, relatando às injustiças cometidas com relação à mulher no mercado de trabalho. Ele citava como causas os fatos condicionantes do Brasil, e as instabilidades da vida do cidadão (TELES, 1993).

Um outro Fórum, sediado em São Paulo, comemorava o Dia Internacional da Mulher, e foram abordados temas de grande importância, entre os quais, o de maior destaque referia-se à mulher e à família. As mulheres passavam então a discutir com maior clareza a questão da violência, sendo depois tema do II Congresso da Mulher Paulista (TELES, 1993) .

Nesse cenário de lutas, o movimento feminista passa a se expandir por todo o território brasileiro, sendo criado inclusive o S.O.S. (Salve Nossas Vidas) mulher, de início em São Paulo, e depois no Rio de Janeiro, e em Pernambuco. As entidades gozavam de autonomia, tendo como principal meta atender às mulheres vítimas da violência, dando-lhes as devidas orientações. Mas, devido às mudanças operadas na sociedade, durante o processo emancipatório, muitas das leis passavam a necessitar de reformulações que viessem acompanhar de fato essas mudanças, estando assim ao nível das atualidades.

Os avanços da inserção da mulher em todos os setores sociais já não podiam mais ser contidos, pois as principais iniciativas das mulheres no sentido de adquirirem direitos que lhes atribuíssem o título

de cidadãos e seres humanos não teriam emergido juntamente com uma classe forte e perseverante, se as mulheres tivessem permanecido presas a uma condição cultural e histórica, tal como foi a questão da submissão feminina desde os primórdios da sociedade.

Hoje, a dura realidade da economia moderna diante da acirrada competitividade no mercado tem conduzido a crescente participação das mulheres na força de trabalho. Há uma exigência à família moderna de uma aliança econômica entre o marido e mulher, abrindo para esta um espaço cada vez mais amplo para sua realização profissional. Mas, a mulher ainda enfrenta muitas limitações, pois a tarefa de criação e educação dos filhos, na prática, ainda é de sua responsabilidade, quando deveria ser em parceria com o homem.

Isso tudo não aconteceu em vão, pois a mulher hoje tem percebido e se conscientizado do valor de seu papel na sociedade e tem buscado um equilíbrio no desempenho destes. Esta nova forma de pensamento e ação da mulher tem causado impacto no quadro familiar, das estruturas de apoio domésticas e principalmente da sociedade. Toda mulher, de qualquer classe social está passando por um dos períodos de maior pressão de sua história, só equivale às dificuldades que teve de enfrentar, quando ainda era considerada um ser de segunda classe, se comparada aos homens (COIMBRA, 2007).

Infelizmente, isto ainda ocorre em países que teimam em não perceber o quanto estão errados. A mulher nunca foi tão cobrada como nos dias de hoje. Logo cedo, já se tem que estar bem e disposta, se preparar para ser vista, admirada, julgada, cobiçada e/ou amada entre outras tantas coisas. A própria mulher do seu tempo, não se aceita sem tentar buscar o que é melhor para ela, e nesta lista de prioridades, sua família sempre ocupa o primeiro lugar. Tem uma noção clara do que é bom e do que é duradouro, talvez por esse motivo, apesar de estar realizada com os seus vários papéis na sociedade, a nova mulher está insatisfeita ou até mesmo infeliz. O desafio advém do fato de na incansável busca por chegar lá, seja "lá" onde for, ela tem que se

dedicar e se entregar à sociedade e a si mesma, muitas de suas qualidades, principalmente no campo profissional. Afinal, o mundo requer a participação feminina, pois ela corresponde à metade da população do planeta.

3 EDUCAÇÃO E GÊNERO

3.1 Breve Histórico

Conforme Aranha (1996), na Idade Média, as meninas da burguesia começam a ter acesso à educação apenas quando surgem as escolas seculares, por ocasião da emancipação das cidades-livres, tendo os beneditinos criado escolas para as internas, e para as que não se tornariam religiosas, tendo no século XII, uma de suas mais brilhantes alunas, Santa Hildegarda, escritora e conselheira de reis e príncipes, se destacou pelo saber e religiosidade.

Compreendem-se, que do século XVI ao XVIII, as transformações foram diversas e variadas. A economia, a divisão social, os costumes, as formas de lazer, os valores morais sofreram transformações e continuam em permanente evolução numa velocidade muito grande, porém aquela que é o epicentro da distribuição da cultura historicamente produzida e organizada, para que tenhamos uma sociedade mais justa e menos desigual permanece inalterada.

São os ideais dos filósofos e pensadores de várias nacionalidades e concepções de sociedade que apresentaram suas teorias ao mundo através do movimento Iluminista, as quais serviriam de marco para as novas tendências dominantes durante os séculos XIX e XX, quando ideais de liberdade dentro de uma sociedade mais fraterna.

O pensamento pedagógico renascentista tornou a educação mais prática, incluindo a cultura do corpo e procurando substituir processos mecânicos por métodos mais agradáveis. Montaigne (1533-1592), que pode ser considerado um dos fundadores da pedagogia da Idade Moderna, queixou-se de só se trabalhar com a memória, deixando vazias a razão e a consciência, enquanto que a pedagogia dos jesuítas exerceu grande influência em quase todo o mundo. Sua educação destinava-se à formação das elites burguesas, para prepará-las para

exercer a hegemonia cultural e política, sendo a Ratio Studiorum o plano de estudos, de métodos e a base filosófica deles (GADOTTI, 1999).

Para Aranha (1996), o Renascimento foi um período de contradições típico das épocas de transição. Embora continue a perspectiva essencialista, que só mudará com Rousseau (1712-1778), já se tem a percepção mais aguda de problemas existenciais, numa recusa à submissão aos valores eternos e aos dogmas tradicionais.

Conforme Piletti (1997), uma das principais consequências educacionais do Renascimento, ao lado da exaltação do estudo dos clássicos, é a busca de uma nova educação, que se oponha ao velho e pedante esquema da escolástica, e promova o ideal da nova vida. Vida esta que oferecia ao homem, pelo menos em tese a liberdade de idealizar momentos melhores e acreditar numa sociedade de iguais. Nesse sentido, Comênio (1592-1670), desenvolveu um sistema gradual do ensino formal, das primeiras letras ao mais elevado campo do saber. Segundo Piletti (1997, p. 80),

Em relação à organização escolar, Comenius fez uma proposta que só seria posta em prática dois séculos depois: Trata-se da escola da infância ou escola maternal. Depois desta, viria a escola vernácula, uma espécie de substituição, do ginásio aqueles que não pudessem prosseguir os estudos em nível superior. Depois, vinha a escola latina, que era a seguida pela universidade. Como continuação desta, Comenius propunha o *Colégio da Luz*, uma instituição dedicada, ao estudo científico de todo e qualquer assunto.

Por sua vez, Locke (1632-1704), com seu estudo do entendimento humano, marca o início do Iluminismo, que vê a razão como condutora do homem. A grande habilidade de um professor é obter e manter a atenção de seu aluno, devendo ser gentil em todas as suas aulas. A educação não deveria apenas instruir, mas permitir que a natureza desabrochasse na criança, a qual não deveria ser reprimida ou modelada (GADOTTI, 1999).

Para Gadotti (op. cit, 1999), a filosofia de Rosseau representou a primeira tentativa radical e apaixonada de oposição fundamental à

pedagogia da essência e de criação de perspectivas para uma pedagogia de existência. Ele pregou que seria conveniente dar à criança a possibilidade de um desenvolvimento livre e espontâneo, porque a educação não devia ter por objetivo a preparação da criança com vista ao futuro nem a modelação dela para determinados fins, mas devia ser a própria vida da criança.

Lembra Aranha (1996), que Pestalozzi (1746-1827), estudioso de Rousseau e Basedow, sempre se interessou pela educação elementar, sobretudo das crianças pobres. Reconhece a função social do ensino. Como discípulo de Rousseau e convencido da inocência e bondade humanas, é tarefa do mestre estimular o desenvolvimento espontâneo do aluno, procurando compreender o espírito infantil, atitude que o distancia do ensino dogmático e autoritário.

No século XIX, o pensamento pedagógico é influenciado não só pelas alterações econômicas e sociais. Augusto Comte (1798-1857) parte do pressuposto de que a humanidade passa por diversos estágios até alcançar o estado positivo, que se caracteriza pela maturidade do espírito humano. Comte estava convencido de que a educação deveria considerar em cada homem as etapas que a humanidade percorrera. O pensamento fetichista da criança seria superado pela concepção metafísica, e esta, pela positivista, no momento em que atingisse a idade madura (ARANHA, 1996).

No Idealismo, para Hegel (1770-1831), a educação é um meio de espiritualização do homem, cabendo ao Estado a iniciativa nesse sentido. Contemporâneo de Hegel, o filósofo Fichte (1762-1814) defendeu que a educação não se restringia a formar alguma coisa no homem, mas o homem ele mesmo (ARANHA, 1996).

No século XX, o pensamento sociológico socialista formou-se no seio do movimento popular pela democratização do ensino se opondo à concepção burguesa e propondo uma educação igual para todos. Nesse sentido, a contribuição do marxismo para a educação tem de ser considerada em dois níveis: o do esclarecimento e da compreensão da

totalidade social, de que a educação é parte, incluindo as relações de determinação e influência que ela recebe da estrutura econômica, e o específico das discussões de temas e problemas educacionais. Nenhum pensador influenciou tão profundamente as ciências sociais contemporâneas como Marx (GADOTTI, 1999).

3.2 Educação no Brasil

O marco da educação brasileira instaurou-se quando o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, chega ao Brasil em 1549, acompanhado por diversos jesuítas encabeçados por Manoel da Nóbrega. Apenas 15 dias depois, os missionários já fazem funcionar, na recém-fundada cidade de Salvador, uma escola “de ler e escrever”. Isso indica, no entender de Ribeiro (2003, p. 18), que “a organização escolar no Brasil-Colônia está, como não poderia deixar de ser, estritamente vinculada à política colonizadora dos portugueses.”

É possível detectar na existência no Brasil, desde a chegada dos colonizadores, uma atitude de privilégios frente à elite, que será enraizada pelos primeiros educadores formalmente constituídos durante o domínio lusitano. Com os jesuítas foi desenvolvido um sistema de educação, onde aos africanos e seu descendentes, assim como aos nativos (indígenas), eram catequizados com vista a desenvolverem habilidades ao trabalho imposto pelos padrões da sociedade dos colonizadores, que tinha como principal característica a submissão dos colonizados, enquanto os filhos dos colonizadores recebiam destes jesuítas uma educação voltada à formação de líderes, oradores que pudessem perpetuar o poderio de suas famílias Conforme Saviani (2000, p. 86), em se tratando de dependência recíproca, “é preciso levar em conta que o grau de dependência da educação em relação à prática é maior do que a desta em relação àquela”.

No Brasil Colonial os jesuítas dedicaram-se a duas tarefas principais: a pregação da fé católica e o trabalho educativo. Com seu

trabalho missionário, abriam caminho à penetração dos colonizadores; com seu trabalho educativo, ao mesmo tempo em que ensinavam as primeiras letras e a Gramática latina, ensinavam a doutrina católica, e os costumes europeus. O mais conhecido e talvez o mais atuante foi o noviço José de Anchieta. De acordo com Piletti (1997, p.133), os jesuítas, como responsáveis praticamente exclusivos pela educação brasileira durante pouco mais de dois séculos (1549-1759) prestaram decisiva contribuição ao processo da colonização do Brasil.

Fundada por Inácio de Loyola, em 1534, dentro do movimento de reação da Igreja Católica contra a reforma protestante, o principal objetivo da Companhia de Jesus era deter o avanço protestante através da educação das novas gerações e por meio da ação missionária, procurando converter à fé católica, os povos das regiões que estavam sendo colonizados. No entender de Ribeiro (2003), o plano legal (catequizar e instruir os índios) e o plano real se distanciam. Os instruídos serão descendentes dos colonizadores. Os indígenas serão apenas catequizados. A catequese, do ponto de vista religioso, interessava à Companhia como fonte de novos adeptos do catolicismo, bastante abalado com o movimento Reforma. Do ponto de vista econômico, interessava tanto a ela como ao colonizador, à medida que tornava o índio mais dócil e, portanto, mais fácil de ser aproveitado como mão-de-obra.

Para converter os índios à fé católica, os jesuítas organizavam nas aldeias escola de ler e escrever, nas quais também se transmitiam o idioma e os costumes de Portugal, responsabilizando-se também pela educação dos filhos dos senhores de engenho, dos colonos, dos índios e dos escravos. A todos procuravam transformar em filhos da Companhia de Jesus e da Igreja, exercendo grande influência em todas as camadas da população, segundo Piletti (1997).

Segundo a Ratio Studiorum, além das aulas elementares de ler e escrever, eram oferecidos três cursos: o de Letras e o de Filosofia e Ciências, considerados de nível secundário, e o curso de Teologia e

Ciências Sagradas, de nível superior, destinado, principalmente à formação de sacerdotes. Concluídos os cursos, os jovens que não se orientassem para a carreira eclesiástica, e que pretendessem continuar seus estudos, deviam fazê-lo na Europa.

Os professores eram geralmente mal preparados para a função, já que eram improvisados e mal pagos. Eram nomeados por indicação ou sob concordância de bispos e se tornavam "proprietários" vitalícios de suas aulas régias. Segundo Pilleti (1997, p. 37),

De todo esse período de "trevas" sobressaiu-se a criação, no Rio de Janeiro, de um curso de estudos literários e teológicos, em julho de 1776, e do Seminário de Olinda, em 1798, por Dom Azeredo Coutinho, governador interino e bispo de Pernambuco.

O Seminário de Olinda tinha uma estrutura escolar propriamente dita, em que as matérias apresentavam uma seqüência lógica, os cursos tinham uma duração determinada e os estudantes eram reunidos em classe, e trabalhavam de acordo com um plano de ensino previamente estabelecido.

O resultado da decisão de Pombal foi que, no princípio do século XIX, com o sistema jesuítico foi desmantelado e nada que pudesse chegar próximo deles foi organizado para dar continuidade a um trabalho de educação. Esta situação somente sofreu uma mudança com a chegada da família real ao Brasil em 1808, o que pouco significou com a abertura dos portos, além do significado comercial, a permissão dada aos 'brasileiros' de tomar conhecimento de que existia, no mundo, um fenômeno chamado civilização e cultura.

No Império, em 1823, na tentativa de se suprir a falta de professores institui-se o Método Lancaster ou do "ensino mútuo", onde um aluno treinado (decurião) ensina um grupo de dez alunos (decúria) sob a rígida vigilância de um inspetor. Inspirada na Constituição francesa, de cunho liberal, em 1824 é outorgada a primeira Constituição brasileira, cujo artigo 179 dizia que a "instrução primária é gratuita para todos os cidadãos".

Em 1826 um Decreto institui quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias. E, em 1827 um projeto de lei propõe a criação de pedagogias em todas as cidades e vilas, além de prever o exame na seleção de professores, para nomeação. Propunha ainda a abertura de escolas para meninas.

De acordo com Meneses (1998), no Império, antes da reforma constitucional descentralizada de 1834, uma lei geral, de 15 de outubro de 1827, estabeleceria as diretrizes que deveriam nortear a criação de escolas em todo o país. Determinava a lei: Em todas as cidades, vilas e lugares populosos haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias; os presidentes de província em conselho, e com audiência das respectivas câmaras municipais, enquanto não tiverem exercício os conselhos gerais, nomearão o número e a localidade das escolas, podendo extinguir as que existam em lugares pouco populosos e, remover os professores delas para as que se criarem onde mais aproveitáveis, dando-se conta à Assembléia Geral para final resolução.

Dessa forma, a vinda da família real e a Independência contribuíram no sentido de que se orientasse a educação brasileira para a formação das elites dirigentes. Assim, o ensino superior e o secundário passaram a ser privilegiados, em prejuízo do ensino primário, deixado ao encargo dos governos provinciais e do técnico-profissional.

Para Piletti (1997, p. 145), ao invés de procurar montar um sistema nacional de ensino, integrado em todos os seus graus e modalidades, as autoridades preocuparam-se mais em criar algumas escolas superiores e em regulamentar as vias de acesso a seus cursos, especialmente através do curso secundário, e dos exames de ingresso aos estudos de nível superior.

Ao terminar o período Imperial, o Brasil não dispunha de um sistema integrado de ensino. O primário nada tinha a ver com o secundário, de maneira que, para cursar este último, o aluno não precisava ter concluído o primário (PILETTI, 1997).

Com a queda da monarquia em 1889, começa a Primeira República, e pela constituição de 1891 é instaurado o governo representativo, federal e presencial. O federalismo dá autonomia aos estados, criando distorções com o crescimento desigual que favorece São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo este período também designado como República Velha, República Oligárquica, República dos Coronéis, República do Café com Leite.

De acordo com Piletti (1997, p.157),

A Primeira República é o período no qual se colocou em questão o modelo educacional herdado do Império, que privilegiava a educação da elite - secundário e superior - em prejuízo da educação popular - primário e profissional.

A educação elitista entrou em crise, de modo especial, na década de 1920, quando também se tornou mais aguda a crise de outros setores da vida brasileira - político, econômico, cultural e social. A crise na educação elitista, fez avançar o processo educacional brasileiro.

A década de 1920, marcada pelo confronto de idéias entre correntes divergentes, influenciadas pelos movimentos europeus, culminou com a crise econômica mundial de 1929. Esta crise repercutiu diretamente sobre as forças produtoras rurais que perderam do governo os subsídios que garantiam a produção. O clima desta década propiciou a tomada do poder por Getúlio Vargas, candidato derrotado nas eleições por Júlio Prestes, em 1930. A partir da década de 30 instaura-se no país o período populista, caracterizando um ensino oligárquico, voltado para os anseios da elite. Nesse momento, de acordo com Ghiraldelli Jr. (1994), surgia a pedagogia tradicional, que “associava-se às aspirações dos intelectuais ligados as oligarquias e à Igreja”. Por período populista, entendemos o período em que a classe hegemônica, dominante no final da Primeira república, formada por latifundiários e cafeicultores, é forçada a dividir o poder com a nova classe média burguesa, emergente, urbano-industrial (GADOTTI, 1997).

O pensamento católico inspirado nos moldes americano e alemão, caracterizava a pedagogia tradicional que começou a aborrecer alguns setores econômicos do Brasil, que queriam, segundo Gadotti (1997, p. 110) a formação de uma “educação fundamental, universal, voltada para o trabalho privativo”. Essa educação liberal, que amplia com os moldes vigentes, chamou-se de Pedagogia Nova, que culminou com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.

A Pedagogia Nova surgiu dos interesses da burguesia e da classe média que acreditava que suas idéias liberais foram disseminadas pela escola.

Refletindo tendências fascistas, é outorgada uma nova Constituição em 10 de novembro de 1937. A orientação político-educacional para o mundo capitalista fica bem explícita em seu texto sugerindo a preparação de um maior contingente de mão-de-obra para as novas atividades abertas pelo mercado. Neste sentido, a nova Constituição enfatiza o ensino pré-vocacional e profissional.

Dentro dessa nova realidade, apresentada no campo político e econômico brasileiro, a escola passa a servir como instrumento de reprodução, formando a mão-de-obra qualificada e difundindo a ideologia do poder. São formados cursos técnicos profissionalizantes para as classes subalternas, a fim de atender às necessidades do mercado industrial, como também, de adequar os cidadãos ao sistema capitalista.

O ensino ficou composto, neste período, por cinco anos de curso primário, quatro de curso ginasial e três de colegial, podendo ser na modalidade clássico ou científico. O ensino colegial perdeu o seu caráter propedêutico, de preparatório para o ensino superior, e passou a preocupar-se mais com a formação geral. Apesar desta divisão do ensino secundário, entre clássico e científico, a predominância recaiu sobre o científico, reunindo cerca de 90% dos alunos do colegial, conforme Piletti (1997, p. 90).

A partir de 1942, surgem às primeiras discussões sobre um plano único de Educação no Brasil. A Constituição de 1946 atribuiu ao Governo federal o papel de legislar sobre a educação, dando ao Estado o poder de organizar seu sistema de ensino. Teve como proposta a educação democrática, que resultou em divergências entre setores da sociedade: igreja e educadores liberais.

Entre os anos de 50 a 60, houve um rebaixamento das condições de vida das classes trabalhadoras. Pode-se também observar o enorme contraste entre o crescimento econômico do país e o processo de empobrecimento da classe trabalhadora.

Segundo Louro (2002), quando o conceito de gênero foi introduzido no território da Educação, as chamadas pedagogias críticas já dominavam o debate acadêmico no Brasil ao longo das décadas de 60 e 70. As teorias educacionais eram inspiradas no Marxismo, nos reprodutivistas franceses e, principalmente, àquelas que se vinculavam às idéias de Paulo Freire, que colocava o ato educacional como um ato público, e o educador seria um revolucionário, voltado para a causa dos oprimidos, e deveria colocar sua ação político-pedagógica a serviço da transformação da sociedade, e da criação do homem novo. Tudo parecia correr para a emancipação popular, graças à formação de diversos grupos que lutavam pelos interesses populares. Porém, um projeto de escola voltado para as classes populares é barrado com o golpe militar de 1964, gerando quase três décadas de ditadura, que mais uma vez, tinha como meta integrar o país a padrões internacionais instituídos pelo capitalismo monopolista e, com isto, frustrando os anseios populares.

O Brasil assistiu em 1961, a sanção da Lei nº 4.024, pelo então presidente João Goulart, que implantava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que representava “um triunfo do setor privado”, segundo Gadotti (1997), caracterizava por setores da esquerda, como uma lei que não valorizava o ensino público, frustrando os setores progressistas do país.

Ainda em 1962, é criado o Plano Nacional de Educação, e o Programa Nacional de Alfabetização, pelo Ministério da Educação e Cultura, inspirado no Método Paulo Freire.

Para Paulo Freire, ensinar foi algo profundo e dinâmico, em que a questão de identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos é essencial à “prática educativa progressista”. Portanto, torna-se imprescindível solidariedade social e política para se evitar um ensino elitista e autoritário como quem tem o exclusivo do saber articulado. Para ele, educar não é mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia.

A filosofia de educação de Paulo Freire é um clamor universal em favor da esperança para todos os membros da raça humana, oprimida e discriminada, cujo movimento para a liberdade deve surgir a partir dos próprios oprimidos, devendo a educação se ligar à mudança estrutural de sociedade opressiva, embora ela não alcance esse objetivo imediatamente e, muito menos, sozinha.

3.2.1 Educação da mulher e sua ascensão no mercado de trabalho

Conforme Quintaneiro (1996), no século XIX as escolas de nível médio estavam praticamente fora do alcance das moças, e a instrução primária de curta duração permitida a algumas era de má qualidade. Na sociedade escravista, a educação não passava de conhecimentos superficiais. As meninas pertencentes aos estratos sociais superiores tinham ao seu dispor as escolas da moda, e a instrução em casa acabava por não existir.

Ainda conforme Quintaneiro (1996), no século XIX, precisamente na década de 30, a situação melhorou com a existência de internatos para moças, mas, a maioria das meninas enviadas à escola aos sete ou oito anos, aos treze ou quatorze são consideradas como tendo

terminado os estudos. As ordens religiosas instaladas no Brasil, em diversas capitais, também recebiam, sob o regime de internato, um grande número de jovens de várias partes da província. O acesso à literatura era limitado, não passando de livros de orações, ou ao contrário, de obras de conteúdo moral duvidoso ou prejudicial à sua formação. Desse modo, a pouca cultura livresca e a falta de ocupações intelectuais contrastam com o entusiasmo das damas pela música, na qual se mostram peritas e devotadas.

No final do século XIX, mesmo depois que o governo brasileiro abriu as instituições de ensino superior no país às mulheres, apenas um pequeno número pode seguir este caminho, pois, além de superar as pressões e desaprovação social, as jovens tinham que assegurar os estudos secundários, geralmente dispendiosos. Não havia emprego para mulheres com alguma educação e status, a não ser lecionar nas escolas exclusivas para meninas, em troca de salários notadamente mais baixos que os percebidos pelos homens. A primeira faculdade feminina de Filosofia, Ciências e Letras foi a Sede Sapientiae, fundada pelas Cônegas de Santo Agostinho em janeiro de 1933, foram ampliando as oportunidades femininas no campo educacional, fazendo-se notar sua presença cada vez mais nas universidades, o que vem a constituir o principal fator de ascensão social, e pré-requisito para o sucesso das mulheres nas carreiras profissionais.

As constantes transformações processadas no mercado de trabalho, tendo como protagonistas as mulheres, rotuladas de sexo frágil, que passaram a mostrar que esse velho estigma caiu no esquecimento, ou pelo menos, passaram a ser ignorado, pois, para conquistarem a ascensão social, foi preciso muitas lutas, mostrando atitudes de coragem, como aspectos femininos emergentes e caracterizadores dos movimentos reivindicatórios das décadas passadas. Segundo Leite (1984), os fatores classe social e relações de produção passam a ter importância secundária nas relações societárias,

diante do poder ideológico do sistema patriarcal, e sexista, tido como causadores da subordinação feminina.

É fato que, a partir da descoberta da sua força interior, a mulher passou a testar seu potencial, o qual havia sido negado em épocas passadas, quando ainda ocupavam, pode-se dizer, sem perspectivas de avanços, funções secundárias tidas predominantemente como femininas, isto é, não competiam aos homens, por terem caráter essencialmente humanitárias.

Acerca da natureza humanitária dos trabalhos femininos, é válido dizer que desde cedo foram incentivadas pela Igreja a realizarem caridade, principiando-se em atividades filantrópicas que faziam sobressair a natureza frágil, submissa e dedicada das mulheres, reproduzindo o modelo criado para as mesmas, durante a existência de uma cultura paternalista. Era justamente esse modelo de criatura feminina que predominava na hora de escolherem a profissão, colocando em destaque, atribuições modeladas para as mulheres, determinando atividades femininas e masculinas.

Na transição do século XX para o século XXI, o mercado de trabalho propõe aos seus protagonistas uma abrangência de situações ligadas ao poder de criar, equacionar questões, que confirmam à diminuta classe dominante, maiores ganhos e multiplicações em cima de recursos mínimos, bem como minimizar, cada vez mais, possíveis obstáculos que possam futuramente problematizar as relações interpessoais na esfera do trabalho.

Entende-se, com isso, a necessidade real e constante das mulheres procurarem perceber as novas tendências exigidas pela evolução do setor financeiro, para estarem à frente, neste terreno, que se torna cada vez mais competitivo. A mulher não só virou ameaça ao homem, no mercado de trabalho, como também as mulheres tornaram-se competitivas entre si. Considerando o fato de que em todos os âmbitos sociais, as mulheres passaram a projetar sua vida profissional

alcançando funções de comando e o respeito por parte da classe masculina tendo uma preservação da sua vida pessoal.

Para Mello (1998), as qualidades femininas hoje, são colocadas em destaque, chegando a adquirir, em algumas situações, até mesmo a valorização e o reconhecimento, como a capacidade de administrar, o senso de organização e do planejamento, que em muitos casos excedem aos do próprio homem. A classe feminina tem o dom de saber ouvir outras opiniões e ponderar sobre questões acerca da confiança e da compreensão que estão inseridas nas análises técnicas.

É certo que as mulheres conseguiram ascender na vida profissional, e que, em alguns setores têm o homem como seu subordinado. A ascensão profissional através da educação, trouxe para a mulher autonomia financeira, que lhe permite decidir e comandar, nivelando, de forma igualitária, os direitos entre os gêneros, mas o número de mulheres que conseguiram ascender se constitui ainda minoria.

O fato é que, como diz Cruz (2001), o capitalismo se aproveita das diferenças de papéis de acordo com o sexo do trabalhador para aumentar a produtividade e o lucro. Esse, então, seria um dos tantos cruzamentos entre a lógica do sistema de classes e a lógica do sistema de gêneros.

Apesar do mercado criar possibilidades para a inserção da mulher, estabelece também critérios seletivos que vão de encontro à natureza feminina, ou seja, existe uma contestação velada das qualidades essencialmente femininas, limitando a atuação das mulheres em determinadas atividades, seja de natureza física ou intelectual.

4 A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO

4.1 Aspectos Gerais

O trabalho pode ser entendido como um veículo para a concretização de necessidades materiais, reforço da auto-estima e expressão criativa da energia humana. Assim, inserido dentro do contexto social descortina-se como elemento essencial na construção do indivíduo, embora a vida não se resuma ao trabalho. O homem que trabalha é o mesmo que cuida da sua família, estuda, dança, canta se diverte (RIOS, 1996).

Segundo Albornoz (1994), na acepção mais restrita, do ponto de vista do capital, o trabalho só é produtivo quando cria valor. Será produtivo todo trabalho que criar bens de consumo ou serviços que se destinem a satisfazer necessidades humanas. Ao lado do trabalho produtivo ligado à ordem industrial e capitalista, que dá claramente lucro ao empresário, no âmbito da casa se realiza uma outra produção de objetos, de feição artesanal, informal, na forma de “prendas domésticas”.

Ainda de acordo com Albornoz (1994), nos países ricos, na passagem do séc.XIX para o séc.XX, como resultado da luta dos operários e suas reivindicações de melhoria de salários e condições de vida, diminuiu na classe de trabalhadores da indústria a percentagem de participação da mão-de-obra feminina; no mesmo momento histórico em que uma nova mulher era reivindicação de grupos feministas e socialistas, e que as mulheres da classe média saíam à luta. As reações contra o movimento de emancipação das mulheres do serviço doméstico talvez tenham aí uma de suas motivações mais fortes: seria a percepção subconsciente da sociedade e das classes trabalhadoras de que tais

tarefas sub valorizadas são altamente significativas e economicamente essenciais.

Para Rios (1996, p.68), “o trabalho é um veículo para a concretização de necessidades materiais, reforço da auto-estima e expressão criativa da energia humana”.

Assim, diferentemente da antiguidade, em que há uma vinculação prioritariamente política, o indivíduo da cidade moderna surge como o homem do trabalho livre, habitante igualmente de um lugar livre: a cidade. Nela, as relações de trabalho são reguladas pelo contrato e remuneração salarial: o indivíduo é considerado como força de trabalho, impessoal, livre, como mercadoria, objeto de compra e venda, como todas as outras “coisas” da sociedade burguesa.

Nesse sentido, o mercado de trabalho pode ser entendido como a relação entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores. Ou seja, é o conjunto de pessoas e/ou empresas que em época e lugar determinados, provocam o surgimento e as condições dessa relação. Ressaltando que, a sociedade global, presenciou e está sendo palco de inúmeras transformações sociais e econômicas, nunca vistas antes, em todos os tempos de nossa civilização.

No começo diz Marx, apud Costa (1997, p. 101):

O relacionamento do trabalhador com as condições objetivas de seu trabalho é de propriedade; esta constitui a unidade natural do trabalho com seus pré-requisitos materiais. Sendo um animal social, o homem desenvolve tanto a cooperação como uma divisão social do trabalho (isto é, especialização de funções) que não só é possibilitada pela produção de um excedente acima do que é necessário para manter o indivíduo e a comunidade da qual participa, mas também amplia as possibilidades adicionais de geração desse excedente. A existência deste excedente e da divisão social do trabalho torna possível a troca. Mas, inicialmente, tanto a produção como a troca têm, como finalidades, apenas o uso – isto é, a manutenção do produtor e de sua comunidade.

No campo político, presenciamos o desenvolvimento do sistema capitalista em detrimento do socialismo, o qual teve suas idéias e mensagens tão discutidas e difundidas durante o desenvolver das

revoluções sociais, bem como o revigoramento da democracia como sistema mais justo e propício ao desenvolvimento social. No campo econômico, a criação de áreas de livre comércio, o ressurgimento da economia de mercado, e no campo social, representado pelas incessantes lutas das classes menos privilegiadas, as conquistas obtidas pela classe operária e com maior destaque. Já que é objeto da nossa pesquisa, as conquistas obtidas pelas mulheres por um espaço maior nas relações sociais, tentando dirimir os preconceitos no mercado de trabalho (COSTA,1997).

Assim, como consequência de todas estas transformações, em todo campo da estrutura social, e que emergiram lideranças femininas na luta por reconhecerem seus direitos, conseguido ingressar verdadeiramente no mundo acadêmico como alunas de nível superior, e como professoras e pesquisadoras.

Segundo as estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), o quadro seguinte permanece o mesmo: a) as mulheres são responsáveis por 2/3 do trabalho realizado no mundo e recebem 1/3 dos salários; b) as mulheres são detentoras de 1/10 da renda mundial; c) as mulheres representam 2/3 dos/das analfabetas do mundo; d) as mulheres detêm menos do que 1/100 das propriedades mundiais; e) dos quase 1,3 bilhão de miseráveis do mundo, 70% são mulheres (MORAES, 2004).

Verifica-se então a entrada da mulher no setor produtivo da economia, encontrando dessa forma barreiras e desafios para os quais elas ainda não estavam preparadas e treinadas. O elemento feminino surge depois de séculos considerando que, estudos antropológicos e pesquisas reconhecem no princípio das civilizações a existência de uma sociedade material, de reclusão no lar, quase exclusivamente voltado ao atendimento do marido e dos filhos, portanto teve que instantaneamente compreender o nosso contexto que emergia no âmbito da produção econômica.

O sucesso nas carreiras profissionais para as quais se inclinam as mulheres, a exemplo de medicina, direito, administração, dependem sobretudo de uma condição cultural que é obtida através de uma formação escolar decorrente dos cursos superiores, além de outros meios oportunos para o enriquecimento cultural e educacional.

Compreende-se que o mercado de trabalho competitivo de nossos dias exige do profissional seja em qualquer área, um profundo conhecimento de causa; a conotação de bom ou mau profissional, gira em torno do êxito através da aplicação direta ou indireta dos conhecimentos específicos anteriormente adquiridos e ora aplicados. Eis aí a chave que abre a porta do êxito profissional, e que vem sendo buscada de maneira incontestável pela mulher profissional de nossos tempos.

Mas, de acordo com Cruz (2002), o surgimento do Capitalismo veio confirmar que a subordinação das mulheres, já existente da reprodução na produção, perpetuava-se na divisão sexual do trabalho, uma categoria de análise marxista que procura explicitar as relações sociais de gênero e a divisão sexual, bem como as formas de opressão através da exploração presentes nas relações de trabalho.

Para situar e perceber a trajetória da mulher no mercado de trabalho e sua inclusão nas relações sociais de produção, deve-se entender como esse processo se desenvolveu, partindo, a princípio, do período da manufatura ou período artesanal, em que a condição da mulher já era historicamente marcada pelos fantasmas da opressão e subordinação, não sendo, entretanto, menos difícil, estabelecer sua identidade feminina na nova era industrial, considerando que os ardis do capitalismo selvagem passariam a emergir a partir da Revolução Industrial, intensificando duplamente a condição feminina de classe explorada. De acordo com Viezzer (1989, p. 116),

A divisão sexual do trabalho com base na atribuição de papéis diferenciados para cada sexo resultou em se alocar o gênero masculino no setor da produção e o gênero feminino prioritariamente na esfera da reprodução, ficando com os homens o comando, tanto da produção quanto da reprodução.

Em todas as partes do mundo os homens têm maior acesso à propriedade da terra, aos recursos sociais, à tecnologia, às posições políticas e no trabalho seu comando vai ao ponto de estender-se àqueles setores onde a mão-de-obra é acentuada ou exclusivamente feminina. São os homens que recebem melhores salários e que estão nos lugares onde se exerce o poder.

Ademais, continua Viezzer (1989), o capitalismo herdou e atualizou uma ideologia patriarcal, em cujos mecanismos psicológicos as mulheres se encontram enredadas e que são, precisamente, aqueles que lhes atribuem os papéis 'feminina' de gênero, independente da classe social a que pertençam, mas em níveis, dimensões e formas diferentes.

Seguindo com as ideias da autora (op. cit.1989), o capitalismo precisava da mulher trabalhando no lar, para que o seu compromisso com o empregado não se estendesse à vida privada, evitando os custos de manutenção. Dessa forma, seu lucro aumentava de maneira proporcionalmente indireta, haja vista a mulher ser a doméstica do lar e não precisava receber remuneração, logo, o sistema se apropriava dessa condição para incutir nas mentes, que o lugar da mulher era em casa. As mulheres que haviam incorporado aquela definição capitalista não viam argumentos para justificar aquela dominação, mesmo porque não possuíam ainda a consciência daquele fato, ou seja, as articulações do sistema não haviam sido decifradas pela classe feminina.

Nessa mesma fase do advento industrial, considera-se que somente o salário do chefe da família não era suficiente para manter a prole nos centros urbanos, em que passaram a viver em estado de opressão e dominação, levando as mulheres a ingressarem no mercado de trabalho por uma necessidade material para ajudar na subsistência familiar; trabalham inicialmente como costureiras, lavadeiras, empregadas domésticas e, posteriormente, esse espaço se amplia, abrindo brechas para as mulheres se inserirem em atividades

comerciárias, trabalhando com confecções, malharias e lojas, ingressam também no ramo da produtividade ligada à indústria têxtil. Ressalta-se, entretanto, que nem todas as mulheres faziam parte dessa nova demanda de trabalhadoras, mas, a partir do momento em que passaram a conviver com a realidade das cidades, elas viram-se inseridas no sistema de produção (VIEZZER, 1989).

Mas, esclarece Viezzer (1989), o fato de participar da produção não conduz, por si só, à libertação da mulher enquanto gênero. Na área urbana, para sobreviver, inúmeras mulheres são obrigadas a dedicar-se a atividades de costura, tecelagem e pequeno comércio, muitas vezes fazendo-se ajudar pela mão-de-obra infantil, sendo que estas atividades são um prolongamento de outras que elas já exercem no lar. Assim, elas trabalham mais do que os homens, mas com um padrão de vida inferior. No campo, as mulheres não eram pagas diretamente. A parte que lhes cabe é recebida pelos homens que decidem sobre a utilização desse pagamento, chegando-se mesmo a afirmar que a mulher não trabalha, “só ajuda” ao homem, que é o agricultor, o produtor.

A Revolução Industrial trouxe o surgimento de novas máquinas, agora com técnicas mais modernas que dispensavam o uso da força física no seu manuseio, possibilitando na indústria a introdução de trabalhadores que não possuíam força muscular. Assim, pessoas em fase de desenvolvimento físico foram requisitadas para fazerem parte dos meios de produção capitalista, a exemplo das crianças, pois as mulheres já faziam parte deste contingente desde o início da industrialização, se somando aos seus familiares para manter a sobrevivência da família. Portanto, era necessário redefinir papéis e funções para a nova demanda de trabalhadores, os quais passariam a constituir a mão-de-obra suplementar, acarretando na diminuição do salário médio, já pago a antiga massa operária, ou seja, aos homens (GUTIERREZ, 1985)

As redes da opressão capitalista são lançadas para todos os integrantes das famílias operárias, sem distinção de sexo, raça, religião, entre outros aspectos. O que de fato interessava ao sistema de produção era o crescimento dos lucros, em função da ampliação das forças produtivas. Passa, então, a fazer parte da exploração direta, a mão-de-obra feminina, e enquanto o nível de exploração da classe proletária aumentava, de maneira inversa, acontecia a baixa salarial. Desse modo, “o capitalismo precisa articular as relações de parentesco com as demais relações sociais de acordo com suas necessidades”(op. cit. 1985, p.44).

A inserção da mulher nos meios de produção se deu em épocas distintas, de acordo com as reais necessidades, ou seja, em épocas de crise, em que a oferta e procura da força de trabalho, ou, até mesmo o equilíbrio entre os dois fatores se constitui ameaças, resultantes do equilíbrio e da perda do capital nas relações de produção. Segundo Leite, 1984, p. 50,

Podemos perceber que a dinâmica do capital divide o proletariado em um exército de trabalhadores ativos e um exército de trabalhadores de reserva que se interrelacionam garantindo, de um lado, a expansão da acumulação capitalista e, de outro, a miséria e a exploração crescentes dos trabalhadores através da competição gerada pelo excedente de trabalhadores que é constantemente criado e recriado.

Mas, segundo Hirata (2002), há mudanças recentes no mundo do trabalho e da produção. Diferentes quadros teóricos têm sido elaborados desde meados dos anos 80 para dar conta das formas de reorganização da produção que têm sido postas em práticas no universo das empresas, como alternativas ao modelo taylorista-fordista, podendo ser caracterizada da seguinte forma:

Passagem de uma produção de massa padronizada para uma produção de massa ou em pequena escala, mas flexível, com preeminência de critérios de qualidade dos processos e dos produtos; introdução de novas tecnologias de base microeletrônica; uma organização produtiva com a preocupação de aperfeiçoar a gestão dos fluxos, com divisão menos acentuada do trabalho, integração mais pronunciada de funções, maior impulso para a formação e reprofissionalização

da mão-de-obra direta; uma organização do trabalho substituindo a noção de posto pelo conceito de trabalho em equipe; passagem do modelo de qualificação para o de competência; passagem da idéia do trabalhador-objeto para a de sujeito do processo de trabalho; do isolamento e da não-comunicação a um modelo em que são fundamentais as idéias de cooperação e de intercompreensão (p. 342).

Analisando o informacionalismo, Cruz (2001) chama a atenção que em todo o mundo há uma expansão do trabalho remunerado por meio da incorporação maciça de mulheres à população economicamente ativa e do deslocamento de trabalhadores agrícolas para a indústria, os serviços e a economia informal urbana. É do trabalho e de sua proteção que se organizam o direito social, a seguridade social, a sociedade moderna. Suas transformações fazem emergir espaços públicos, esferas públicas de gestão de obrigações e direitos, enraizadas em instituições e redes sociais que ligam antigos agentes aos novos espaços, caracterizados pelas transformações nas relações de trabalho e, de imediato, os desafios do desenvolvimento, aspectos chave do problema da equidade de gênero, da elevação dos níveis de qualificação dos trabalhadores, do aumento ou preservação dos postos de trabalho.

Tendo realizado pesquisas empíricas no Brasil em 1999, Hirata (2002, p. 342) chegou aos seguintes resultados:

O conjunto das cinco empresas multinacionais francesas pesquisadas apresentavam um perfil de forte instabilidade (de crescimento ou de crise) e/ou de incerteza e risco quanto ao futuro do emprego, sobretudo junto aos assalariados mais antigos, menos qualificados e com menor escolaridade; processos de flexibilização do trabalho ainda maior estavam sendo intentados, inclusive pelo recurso – ainda raro na indústria brasileira – ao trabalho feminino de tempo parcial. Como meio de proteção adotado pelos trabalhadores face aos riscos no terreno do emprego, o esforço maior de formação escolar e profissional apareceu como mais significativo, impondo sacrifícios importantes no terreno pessoal, em termos de tempo trabalho extra e familiar e em termos de gastos financeiros. Todo o sistema de demissão, requalificação e reorganização da empresa, como parte das políticas de gestão adotada nesse momento de forte instabilidade, constituem material de uma apologia complexa em fase de elaboração.

Ocorre que no desenvolvimento simultâneo e conflituoso de novos modelos produtivos, a flexibilidade tem sido uma das dimensões principais buscadas pelas empresas, através do recurso às inovações tecnológicas e organizacionais. De forma que a flexibilidade no volume do emprego e no tempo de trabalho é garantida essencialmente pelas mulheres nos modelos de trabalho adotados atualmente no nível internacional (HIRATA, 2002).

Cruz (2001) ratifica qu, a dupla transformação do trabalho, tanto quanto ao conteúdo da atividade como quanto às formas de emprego – transformação aparentemente paradoxal, porque esse duplo processo ocorre em sentidos opostos. De um lado há uma exigência de estabilização do trabalho e do desenvolvimento do sujeito no processo, mediante atividades que requerem autonomia, iniciativa, responsabilidade, comunicação. Do outro lado, a emergência do novo modelo produtivo, a especialização flexível, funda-se sobre a flexibilidade máxima dos processos, da tecnologia, do emprego.

As mulheres possuem a função de contrabalancear a acumulação do capital e o salário pago de acordo com a demanda dos trabalhadores, que lutam para permanecerem nos empregos. A maior parte das operárias eram casadas e possuíam grandes famílias devendo, então, conciliar casa e trabalho, pois a dupla jornada de trabalho das mulheres exigia que houvesse uma harmonia entre os dois setores, cuidadosamente mantidos. Já o capitalismo manipulava a situação da classe explorada feminina, como sendo um fator natural, intrínseco à natureza da mulher, e não uma falha social que se processou ao longo da história, em detrimento da supremacia masculina (op. cit. 2001).

Segundo Probst (2005), no Brasil, de acordo com o Artigo 113, inciso 1, da Constituição Federal, “todos são iguais perante a lei”. Mas será que a realidade é essa mesma? Desde o século XVII, quando o

movimento feminista começou a adquirir características de ação política, as mulheres vêm tentando realmente colocar em prática essa lei.

No século XX, começou de fato com as I e II Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), quando os homens iam para as frentes de batalha e as mulheres passavam a assumir os negócios da família, e a posição dos homens no mercado de trabalho. Mas a guerra acabou. E com ela a vida de muitos homens que lutaram pelo país. Alguns dos que sobreviveram ao conflito foram mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho. No Brasil, foi nesse momento que as mulheres sentiram-se na obrigação de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos, e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos.

No século citado acima, com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino, que se antes pela necessidade faziam por exemplo, doces por encomendas, arranjo de flores, bordados, com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. Desde então, no Brasil, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. Ficou estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto, e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”.

Havia ainda um outro fator influenciador da substituição da mão-de-obra masculina, que era um grande número de operários lesados, devido às condições de trabalho precárias a que estavam destinados, já não servindo mais ao processo de acumulação industrial. Assim, a burguesia industrial sentindo-se ameaçada e prevendo uma queda nos lucros, traz para dentro das indústrias as mulheres e crianças, as quais, em sua grande parte, se constituíam em familiares

desse operários, sendo obrigados a cumprirem as jornadas de trabalho exigidas.

No período que antecede a guerra, já se ouve falar das longas jornadas de trabalho, reservadas às mulheres, das condições precárias do trabalho e dos baixos salários, todavia, a burguesia capitalista não se deixa intimidar pelas reivindicações das operárias que exigiam a reversão desse quadro, relacionadas à questão do trabalho; em contrapartida, não havia ainda um órgão fiscalizador, capaz de conter essa exploração. É no interior das fábricas industriais, que as mulheres passam a se organizar, inicialmente se somando à classe masculina, para fortalecer os movimentos grevistas. Posteriormente, as portas do setor público, restritas somente aos homens, abrem-se também para as mulheres, que tanto almejavam novas conquistas sociais, mesmo assim, não encontravam meios para alcançarem suas aspirações, pois não possuíam voz, em um espaço historicamente limitado.

A vida cotidiana traz novas experiências, inclusive mostrando formas de enfrentamentos dos problemas, solucionados a partir do processo de organização social. As mulheres começam a se perceberem como integrantes da classe operária, condições de vida subumanas e recursos precários, em se tratando de moradia, trabalho, educação, saúde e a participação na vida política, civil, econômica e social. Para Viezzer (1989, p. 121),

A burguesia explora as mulheres da classe popular, enquanto classe e enquanto gênero e subordina suas próprias mulheres burguesas apenas enquanto gênero. Mas as mulheres da classe dominante também são oprimidas em sua condição genérica: perderam, como todas as demais mulheres, o controle sobre sua sexualidade, sobre a reprodução biológica e sobre sua capacidade de trabalho.

Fica clara a divisão das classes, entre burguesia e proletariado, e que, devido as carências sociais sofridas pela classe operária, as mulheres se veem numa dupla tarefa; a sua ascensão social indiscriminada, em que, já se encontra incluso o problema de como

atingir esse objetivo, e o problema da melhoria nas condições de vida, no âmbito das conquistas sociais.

Vê-se dessa forma, que a luta das mulheres distingue-se em dois aspectos: classe e gênero. Classe, enquanto proletárias, exploradas e dominadas pelo sistema de produção capitalista e, gênero, enquanto mulher, oprimida e subordinada, ante à figura masculina.

Quando surge a idéia de liberdade, o que está claro nas mentes femininas é a divisão existente entre a classe burguesa e operária, e que a dominação e exploração se davam devido à sua condição operária, e não por sua condição historicamente atribuída, e sendo assim, não deveriam ser-lhes concedidos benefícios, até por isso, quando as mulheres participavam de greves e outros movimentos reivindicatórios, se engajavam juntamente com os homens, não havendo, portanto, a separação entre as classes feminina e masculina, mas todos participando de um único movimento.

Somente algum tempo depois, as mulheres percebem a real necessidade de fazerem um movimento de caráter essencialmente feminino, predominava, inclusive, o aspecto político, mas a questão da liberdade, continuava viva nos corações femininos, porém a expressão “liberdade e igualdade” passava a fazer parte das reivindicações femininas, como ideais a serem alcançados.

A liberdade pensada pelas mulheres deveria lhes garantir o direito de exercerem sua identidade feminina, livres de preconceitos e discriminações, buscavam, assim, o reconhecimento da sua condição de mulher, vivendo sem culpas, em uma sociedade dominada pelo machismo.

No que diz respeito à liberdade econômica, as mulheres queriam sentir-se trabalhadoras livres e autônomas, em se tratando de usufruírem normalmente do próprio salário, resultado das longas jornadas de trabalho, pois enfrentavam um duplo problema: primeiro, pela disparidade salarial, pois o salário pago às mulheres era de valor

irrisório, e segundo, porque essas trabalhadoras não tinham direito de receberem os próprios salários, os quais, eram entregues nas mãos dos maridos ou chefes de família. O modo de idealizarem a liberdade era o resultado das constantes discriminações pelas quais passavam, principalmente na divisão sexual do trabalho, que se trata basicamente da questão de gênero, ou seja, a relação homem/mulher no trabalho produtivo.

No tocante à igualdade, referia-se essencialmente à equiparação entre os homens e mulheres, sem distinção sexual, uma vez que o fator classe é o que deveria predominar nas relações sociais de produção, haja vista pertencerem à classe proletária. As mulheres, entretanto, não faziam caso de que o problema das desigualdades e das divisões nas relações de produção ultrapassavam a questão de gênero, e que, conseqüentemente, resultavam nas diferenciações predeterminadas historicamente. Apesar de conscientes das diferenças naturais, existentes entre os sexos, não eram conscientes de que o capitalismo se beneficiava com essas diferenças, manipulando essa realidade, de forma a lhe garantir lucros.

O fato é que, como diz Cruz (2001), em todas as sociedades humanas têm algum tipo de divisão sexual do trabalho, decidindo-se quais trabalhos devem realizar e quais se situam dentro da órbita feminina. A introdução da categoria de gênero se faz necessária uma vez que as condições de trabalho e as formas de inserção na atividade produtiva de mulheres e homens variam consideravelmente de acordo com o sexo.

A problemática evidenciada exigia das mulheres a definição da identidade feminina a partir daí, sendo possível às mulheres questionarem e articularem novos papéis nas relações sociais, negando, enfim, os modelos femininos criados e calcificados no processo da história feminina, criando situações para o capitalismo fazer apropriação dessa condição da mulher, articulando as relações de produção, ao nível

da divisão sexual do trabalho. Evidencia-se, dessa maneira, que o grau de exploração e discriminação sofrido por essas mulheres é notório. Percebe-se que o aspecto biológico feminino, desde o início da sua vida social, foi mal interpretado, incitando a outra parte da sociedade, a perceberem as mulheres a partir de conceitos pré-formulados, moldando a mulher de acordo com o que era esperado dela.

Nesse sentido, Paulson (2002) acredita que a teoria popular de determinismo biológico de papéis sexuais apresenta alguns problemas, a começar pelo fato de que a variedade de arranjos de gênero entre grupos culturais e através da história é grande demais para reduzir-se a um mesmo mecanismo biológico. Se por exemplo:

Nos Andes predomina uma divisão de trabalho/espço/conhecimento muito claro em que os homens são responsáveis pela agricultura e as mulheres pelos rebanhos de ovelhas e lhamas, na África, ao sul do Saara, as mulheres têm sido responsáveis pela agricultura durante séculos, e um homem respeitável não se aproxima de uma enxada: se considera que ele já se ocupa demais com a caça dos animais migrantes, as guerras entre tribos e, atualmente, com a migração para buscar trabalho na África do Sul ou Moçambique (p. 24).

Continuando Paulson (2002) informa que há outras tradições culturais muito mais antigas e estabelecidas do que as sociedades ocidentais oferecendo uma variedade de papéis de sexo/gênero, como na Índia, onde homens com mais recursos e com mais poder socioeconômico têm acesso a muitas mulheres, com haréns de 3 ou 4 até mais de 50 esposas. Por outro lado, muitos homens são educados para serem monges em ordens ascéticas, nas quais se negam os bens e prazeres materiais, entre estes o prazer erótico. Outros homens ainda são castrados e vestidos de mulheres, para serem educados como especialistas em saúde feminina e trabalhar como parteiros/travestis. Assim, pode-se concordar com Paulson (2002, p. 25), para quem:

É muito importante ver que embora o sexo biológico atinja aos corpos sexuados, o sexo social, o que chamamos de 'gênero' atinge tudo. Linguagens, cosmologia, ciências, arquitetura, paisagens, estruturas universitárias, leis, economias, mercados de trabalho: todos esses campos incorporam o

gênero, na organização dos espaços e atividades, assim como no valor simbólico e na distribuição de poder.

As mulheres estavam sempre em situação de desvantagem; aquelas que possuíam ainda algum recurso e que tinham acesso à educação passaram a ter funções equivalentes, sendo, neste caso, ajudantes ou auxiliares, pois, de fato, na hierarquia profissional, a mulher mostrou-se sempre abaixo, e quando a mesma conseguia se destacar em cargos de chefias, os homens já ocupavam cargos de diretores ou presidentes, e assim o degrau que a mulher galga em direção ao crescimento profissional, subentende-se que daquele mesmo degrau o homem já havia saído, passando a um outro bem mais superior. Diante do raciocínio, a impressão que se tinha era que a mulher nunca iria alcançar a capacitação profissional atingida pelo homem tido como ser superior, não permitindo à mulher se igualar (op. cit. 2002).

Considerando que, o grau de inteligência atribuído à mulher só alcançava o nível das atividades práticas e corriqueiras que não exigiam delas grandes elaborações nem raciocínio lógico, isto é, a mulher não possuía capacidade suficiente de raciocínio, esse pensamento havia sido reforçado pela própria educação moldada para as mulheres, conferindo às mesmas a habilidade necessária para resolver problemas imediatos do âmbito privado, e que não exigia grande capacidade intelectual impedindo as mulheres de ascenderem profissionalmente. Então, comparados às mulheres, somente os homens possuíam os dons do raciocínio lógico e da capacidade intelectual indicando uma categoria de empreendedores, principalmente no momento de criar condições para superarem as possibilidades femininas na divisão sexual do trabalho (PAULSON, 2002).

Muitas mulheres passaram a buscar na educação a superação para esse preconceito existente no âmbito do trabalho, mas, por não disporem de tempo livre, ficavam praticamente impossibilitadas de

ingressarem na educação, agregando mais este fator à sua tão oprimida vida de subordinação, o que, de certa forma, contribuía para mantê-la em situação de inferioridade em relação ao homem, no tocante à divisão sexual do trabalho e à desejada ascensão profissional, ocupando cargos iguais ou superiores aos homens. Logo, “o interesse pela profissionalização, por outro lado, tem uma relação direta com o tempo de atividade produtiva, a idade e a consciência dessas mulheres”(LEITE, 1994, p.36)

A função manipuladora do sistema de produção capitalista articula suas formas de ação, se valendo de ideologias e criando situações que se processam no âmbito social, para perpetuá-las nos domínios das indústrias ou fábricas, fazendo uso das mesmas para proveito próprio, estabelecendo mecanismos internos e divisões no âmbito do trabalho, em que a trajetória histórica tem demonstrado que a questão de sexo, cor e idade são tidos como critérios específicos para compartilhar situações referentes ao trabalho e outras problemáticas de classe.

Segundo Cruz (2001), mais recentemente as teses macroeconômicas sobre globalização não têm levado em conta as implicações sobre a divisão do trabalho e do emprego na dimensão sexo/gênero, enquanto que pesquisas efetuadas em países europeus e da América Latina têm permitido afirmar que a introdução de novas tecnologias pode favorecer a abertura de novas oportunidades positivas para o trabalho feminino, criando chances de emprego qualificado no setor de Informática. É que certas profissões exigem iniciativa, responsabilidade, conhecimento técnico criatividade, sendo aberta as mulheres engenheiras, analistas de sistema, programadores e técnicas de nível médio. Mas também pode reforçar a exclusão no mercado de trabalho para as mulheres não qualificadas.

Dessa forma, o processo produtivo se utiliza das condições naturais de cada pessoa para determinar a que nível a pessoa deve

situar-se na divisão sócio técnica do trabalho. Quem passa a sofrer com essa seletividade são as mulheres, os negros e os velhos, estes se encontravam em condições desfavoráveis, pois eram-lhes dirigidos todos os tipos de discriminação e ações preconceituosas, desvalorizando a força de trabalho dos mesmos, atribuindo às mulheres atividades inferiores aos dos homens e com baixa remuneração.

Nesse sentido, a autora (id. 2001) chama a atenção para o fato de que as transformações em curso na economia estão redefinindo o modo de vida dos cidadãos e o modo de operar as instituições, verificando-se que o capital atual é alimentado pela força de suas contradições. De um lado, observa-se o enorme volume de investimentos necessários à liderança de produtos e processos, numa competição acirrada por redução de preços e por qualidade na busca de eficiência, lucros e expansão do mercado. Por outro lado, vê-se a dialética da exclusão/inclusão, mesmo com o desemprego estrutural crescente. Dessa forma, o capitalismo garante sua dinâmica porque a queda dos preços dos produtos globais incorpora continuamente mercados que estavam à margem do consumo por falta de renda.

Quanto à questão salarial, somente recebiam o pagamento mensal aqueles operários em cargos de chefias, encarregados ou supervisores, tidos como mão-de-obra qualificada ou especializada, em contrapartida, as mulheres que já possuíam uma dupla jornada de trabalho e, conseqüentemente, não tinham o acesso à educação, a essas restavam o sistema horista de remuneração, reforçando a subalternidade da mulher em detrimento do poder masculino, considerando, ainda, que as operárias que executavam as mesmas tarefas dos homens, passavam pelo constrangimento de receberem salários inferiores a estes.

Na estrutura ocupacional, as mulheres estão subordinadas ao homem, oprimidas e exploradas por um sistema que se apropria da força de trabalho das pessoas, sem lhes atribuírem o seu valor real. Sabe-se

que os mecanismos que legitimam a condição de subempregados da mulher operária, estão, basicamente, no fato de que as empresas assinavam as carteiras profissionais, como sendo auxiliares ou simplesmente ajudantes, bem como se utilizavam de outros recursos, tipo o aumento de salário do operário, de acordo com o tempo de trabalho, não levando em conta o caso das mulheres fazerem parte desse contingente de trabalhadores.

Outra questão muito discutida é quanto ao ingresso no mercado de trabalho. Sua admissão é feita através da contratação da mão-de-obra feminina, sob esse aspecto, torna-se uma necessidade do capitalismo, porque permite que aumente em proporções consideráveis a possibilidade de exploração da mais valia dos trabalhadores em geral.

O aumento da participação da mulher cônjuge reflete, de um lado, o fato de algumas delas, com mais de 25 anos, terem começado a trabalhar por remuneração e, de outro, a permanência no trabalho remunerado daquelas que começaram a trabalhar jovens e não se afastaram da atividade econômica com a idade e a mudança no estado civil (Wajnman e Rios-Neto, 2000, citados por Hoffmann e Leone (2004, p. 36).

Nesse contexto, a mulher possui um novo papel, participando do exército industrial de reserva, que, de forma automática, já passava a fazer parte do exército de trabalhadores ativos, sendo os salários determinados a partir dessa rotatividade de empregados, que, em um dado momento, uma desempenhava funções no interior da indústria, enquanto a outra nos setores ligados à economia capitalista; estas são chamadas de parcialmente empregadas, pois a qualquer momento estariam também realizando atividades no setor industrial.

Mesmo nessa época, o trabalho manual predominantemente feminino permanecia, tais como: as bordadeiras, doceiras, costureiras; entre outras, muitas mulheres realizam esse tipo de trabalho, enquanto não eram requisitadas para as indústrias, outras, porque essa atividade

se constitui um meio de remuneração, e a outra parcela das mulheres simplesmente optavam por serem somente donas de casa com suas atividades restritas ao lar, sem terem nenhum contrato profissional. Estas, então, possivelmente não se classificavam como trabalhadoras ativas e, tão pouco, como parcialmente empregadas. De acordo com Leite (1984, p. 52),

Sobre esse aspecto vale ainda lembrar que mesmo nos países capitalistas industrializados, com escassez de mão de obra, significativos continentes femininos se mantêm fora do mercado de trabalho, na condição de donas de casa.

Dessa forma, o processo de produção feminina está intimamente ligado à questão do despertar da consciência dessa classe, que ocorre através da participação política, efetivado nos vários movimentos sociais, que contaram com a participação dessas mulheres, as quais se engajavam no processo de emancipação política e no processo de produção, conseguindo com isso, um maior espaço social que lhes permitiu adquirir novos direitos e romper barreiras alicerçadas com a formulação de preconceitos, que resultaram na dominação e opressão da classe masculina sobre a classe feminina.

Nas últimas décadas do século XX, até os dias atuais, houve um crescimento, devido ao desenvolvimento econômico, a ampliação do mercado de trabalho, que passou a receber, cada dia mais, um grande número de trabalhadoras, as quais, não estando satisfeitas com as funções secundárias normalmente ocupadas pela classe feminina, passaram a se preocupar com a qualificação profissional, um outro número de mulheres, que já possuíam melhores níveis culturais, passaram a conquistar novos cargos e funções, ascenderam-se profissionalmente, e, desde então, esse espaço tem crescido, não havendo, portanto, mais limites para a mulher, se levada em consideração, tão somente, a sua vontade de crescer.

Segundo Cruz (2001, p. 12),

Parece então confirmar-se a tendência da 'justaposição' entre taylorismo (setor feminizado) e flexibilidade (setor masculinizado), constatada em várias situações: existência de formas de empregos 'atípicos' para as mulheres e flexibilidade, formação qualificada e polivalência para os homens; intensificação do trabalho para as mulheres e enriquecimento do trabalho para os homens; apelos a tipos opostos de multifuncionalidade, com integração de atividades mais simples para as operadoras e mais complexas para os operadores. Assim, responsabilidade, trabalho em grupo, competência técnica diante de eventos e autoridade, não parecem caracterizar geralmente o trabalho feminino.

O forte crescimento do número de mulheres adultas ocupadas reflete variadas circunstâncias. Entre as mulheres situadas em níveis ocupacionais mais baixos – em setores que no passado serviram de postos de entrada no mercado de trabalho para jovens que posteriormente se deslocavam para outros setores –, a dificuldade de encontrar alternativas de emprego melhor levou muitas dessas mulheres a permanecer nas mesmas atividades, usufruindo de um progresso muito menor do que no passado, quando tiveram a oportunidade de mudar de ocupação (HOFFMAN e LEONE, 2004).

A permanência de mulheres nesses primeiros empregos transitórios vem dificultando a inserção das jovens no mercado de trabalho. Já as mulheres em níveis ocupacionais mais elevados e que entraram mais tarde no mercado de trabalho ocuparam as oportunidades criadas por alguns setores, como o de atividades sociais (saúde, educação, previdência e assistência social), serviços auxiliares da atividade econômica e administração pública, muitas vezes disputando essas ocupações com os homens. Essa disputa foi mais exacerbada nos setores de atividade em que não houve aumento no total de oportunidades ocupacionais (op. cit. 2004).

A ampliação da participação da mulher na atividade econômica continuou a ocorrer nas duas últimas décadas, a despeito do contexto econômico pouco favorável para a inserção no mercado de trabalho, que atingiu a população em idade ativa em geral.

Atualmente, observa-se que as mulheres capacitam-se mais e competem por cargos com os homens, inclusive, tendo a preferência para a ocupação de novos papéis, que exigem comando, ou seja, as mulheres, hoje, estão com o poder de decisão nas mãos, isso vale também na vida privada, onde existem mulheres que já percebem remuneração maior do que as de seus maridos, tendo um melhor poder aquisitivo e ditando as diretrizes dentro e fora do lar. Esse fato ocorre também nos casos em que o marido encontra-se fora do mercado de trabalho.

Entende Hirata (2002, p. 345), se a atividade feminina continua concentrada em setores como o de serviços pessoais, de serviços de saúde ou de educação, a tendência à diversificação das funções ocupadas aponta para uma situação de bipolarização:

Um dos pólos é constituído de profissionais altamente qualificadas e bem remuneradas (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras universitárias, gerentes, advogadas, juízas, etc) e outro, de trabalhadoras ditas não qualificadas, ocupando empregos mal remunerados e não valorizadas socialmente.

Para Cruz (2001), sob o olhar do gênero o desafio é entender que não haverá desenvolvimento social e econômico com justiça, se não houver oportunidades para homens e mulheres, direitos e deveres para todos, sem discriminação, sendo nossa tarefa aprofundar a ruptura com padrões de comportamentos e atitudes marcados pelo patriarcalismo. Se muito já foi alcançado, muito resta a fazer.

Assim, falar da ascensão profissional da mulher é tratar, basicamente, da questão de sua promoção em todos os aspectos da vida, que remetem à conquista de novos direitos, nos contextos social, político, econômico e cultural. Como se vê, essa conquista foi gradual e exigiu das mulheres o passo inicial para tentarem reverter conceitos pré-formulados e ascenderem-se na vida social.

A ascensão feminina no mercado de trabalho evidencia o processo de lutas reivindicatórias pela sua emancipação, criando condições para a mulher poder assumir uma nova identidade, de acordo com os novos direitos adquiridos que lhes dão autonomia para viverem com auto-suficiência os seus novos papéis.

De acordo com Viezzer (1989), no Brasil, a maneira como se deu o processo de industrialização modificou muito as relações entre homens e mulheres na família. Um dos fatos mais notáveis é o da grande quantidade de mulheres chefe-de-família que permanecem no campo, ou vêm para a cidade.

Para Ferreira (2004), o impacto proporcionado pela ação política do movimento feminista é responsável pela gradativa mudança de mentalidade que vem se processando na sociedade, juntamente com a implementação de políticas públicas que têm contribuído para a transformação da condição social das mulheres nas últimas décadas. Mas, existem setores que continuam como “santuários que fogem às mulheres”: o religioso, o militar e o político, como três ordens da Idade Média, constituem segundo Perrot (1998) espaços que continuam quase inacessíveis às mulheres, haja vista a resistência histórica de integrar mulheres neste “redutos”, no qual os homens dominavam e ainda dominam plenamente.

De acordo com o processo de discussão que ocorre na sociedade quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho e o desenvolvimento de sua carreira profissional, especialmente no que se refere à ocupação de cargos de liderança e de poder, que eram predominantemente exercidos por homens, acredita-se ser relevante um olhar sobre a mulher na Magistratura, na Polícia, na Política, na Engenharia e na Educação.

Sobre a magistratura, entende Schefer (2009), que ao assumir a liderança o juiz se coloca de forma atuante e proativa, transmitindo uma imagem que reflete sua filosofia, crenças e valores, influenciando e

conduzindo as pessoas a convergirem para objetivos comuns, o que repercute nos resultados alcançados, no clima do ambiente de trabalho, físico e emocional, e conseqüentemente na cultura institucional.

Continuando, Schefer (2009), acrescenta que apesar da dificuldade do ingresso e de acesso aos cargos de maior poder, a luta e motivação pela carreira de juiz, como as demais carreiras da administração pública têm sido preferidas pelas mulheres, por evitar os riscos de uma competição desigual em um mercado, como o da advocacia liberal, ainda dominado, basicamente, pela cultura masculina. A ocupação dos cargos pelas mulheres sinaliza a afirmação de um processo de modernização social. No início da carreira, algumas, principalmente aquelas que atuam em matéria criminal, em que a pressão e os riscos são maiores, têm os limites testados pelos advogados, através de questionamentos, não habituais, por serem mulheres, porém pouco significativas e que cessaram tão logo estas se posicionaram de forma firme e segura, não se configurando numa dificuldade adicional.

No Brasil, a história da participação da mulher no parlamento, tem como marco inicial à conquista do direito ao voto que se deu em 1932. Essa conquista é resultado da luta contínua do movimento sufragista, que emergiu, no Brasil em 1919, culminou com a conquista do direito ao voto pelas mulheres, mas, não foi suficiente para que estes contingentes humanos superassem o processo de exclusão (FERREIRA, 2004).

Até a década de 1970 esse quadro de exclusão não sofreu muitas modificações. A partir do final da década de 1980, a situação se modifica, em virtude do crescimento industrial, que contribuiu para um aumento significativo da participação feminina no mercado de trabalho, e, na crescente inserção das mesmas, nos cursos superiores. A isto se aliou o processo de redemocratização do País que se instaurou nesse período. Esses fatos contribuem, para ampliar a participação da mulher

nas esferas de poder, encorajando-as, também, a se organizarem politicamente, o que revela a importância dos movimentos de mulheres nesse processo (FERREIRA, 2004).

Discutindo o processo de inserção feminina no aparelho policial militar e como a violência, presente na cultura institucional desta polícia, funciona como um dispositivo estratégico que transforma as mulheres em policiais militares, Calazans (2004) concluiu que no processo de inserção de mulheres no aparelho policial militar, quando os sujeitos trabalhadores assumem novos postos na hierarquia dos círculos de convivência, seu gênero é fonte de *status* e poder, condicionando o modo de inserção e posicionamento nos postos de trabalho, o que vai definindo o processo de exclusão-dominância.

Dessa forma, observa-se que, mesmo na inclusão das mulheres na força policial, é evidente a permanência de modos de exclusão-dominância, posto que suas habilidades colocam-se como inatas, encaradas simplesmente como um modo “natural” de ser mulher. Portanto, a inserção feminina nos quadros das polícias do mundo é ilustrada por um processo de exclusão-dominância, variável presente nos estudos qualitativos encontrados a partir de uma revisão bibliográfica internacional e nacional. No Brasil, a concentração de entrada das mulheres na polícia deu-se na década de 1980, coincidindo com um momento de crise da própria instituição policial que, por sua vez, refletia uma crise mais ampla do próprio modo de organização do trabalho nas sociedades contemporâneas. Atualmente, em 26 Estados da Federação brasileira, há a participação de mulheres no ofício de polícia, mas a inserção feminina nas polícias militares brasileiras, sustentada na visão de que há um modo natural de ser mulher e de que as mulheres, enquanto minoria simbólica, terão papel saneador na instituição e o não-reconhecimento do papel da instituição policial militar na constituição de mulheres em policiais, levam-nos a perceber a crise nas “novas” concepções de segurança pública e práticas sociais e a refletir sobre

quais pilares construiremos a noção de segurança cidadã (CALAZANS, 2004).

No que diz respeito à mulher na engenharia, Lombardi (2009), baseando-se em entrevistas com engenheiras que, desempenharam, em algum momento de suas trajetórias profissionais, funções de alta gerência ou diretoria, percebeu que a maior presença de mulheres engenheiras hoje, comparativamente há trinta e cinco anos atrás, tem alterado os contornos da divisão sexual do trabalho na Engenharia brasileira, na direção do aumento da participação feminina em um maior número de especialidades, áreas de trabalho e atividades profissionais.

Entretanto, ainda de acordo com esse autor (op. cit.2009), persistem várias ordens de impedimentos ao maior ingresso das mulheres na profissão, bem como à sua progressão nas carreiras, como a existência de discriminação de gênero nos ambientes de trabalho, que se manifesta de variadas formas. No exercício profissional, por exemplo, na medida em que se atribuem às mulheres determinadas áreas de trabalho e certas atividades profissionais, em detrimento de outras. Mas talvez, uma das maiores barreiras encontradas pelas engenheiras em suas carreiras seja ascender a postos de comando nas organizações, as quais têm como desafio o importante papel do grupo masculino de profissionais, mais numeroso e mais antigo na engenharia. Outro desafio é a necessidade da prova permanente da competência profissional, como maneira feminina de se auto afirmar perante o grupo de homens, sejam eles colegas, subordinados ou superiores.

O mundo anda apostando em valores femininos, como a capacidade de trabalho em equipe contra o antigo individualismo, a persuasão em oposição ao autoritarismo, a cooperação no lugar da competição. As mulheres ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta. Pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo. Não há um único gueto masculino que ainda não tenha sido invadido pelas mulheres. Não há dúvidas de que nos últimos anos a

mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho e este fenômeno mundial tem ocorrido tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, e o Brasil não é exceção (PROBST, 2005)

O fato é que a história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está sendo escrita com base, fundamentalmente, em dois quesitos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina. Estes fatores vêm acompanhando, passo a passo, a crescente inserção da mulher no mercado e a elevação de sua renda. A analista do Departamento de Rendimento do IBGE Vandeli Guerra defende que a velocidade com que isto se dá não é o mais relevante. O que estamos constatando é uma quebra de tabus em segmentos que não empregavam mulheres. Nas Forças Armadas, por exemplo, elas estão ingressando pelo oficialato. Para consolidar sua posição no mercado, a mulher tem cada vez mais adiado projetos pessoais, como a maternidade. A redução no número de filhos é um dos fatores que tem contribuído para facilitar a presença da mão-de-obra feminina, embora não isto seja visto pelos técnicos do IBGE como uma das causas da maior participação da mulher no mercado (PROBST, 2005).

A redução da fecundidade ocorreu com mais intensidade nas décadas de 70 e 80. Os anos 90 já começaram com uma taxa baixa de fecundidade: 2,6% que cai para 2,3% no fim da década. Com menos filhos, as mulheres puderam conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora (PROBST, 2005).

Também referindo-se aos anos 90, Hoffmann e Leone (2004, p. 1) dizem que a continuidade da ampliação das taxas de participação feminina, sobretudo entre mulheres não muito jovens, foi o único fator responsável pelo crescimento da PEA. Em decorrência do estreitamento do mercado de trabalho para os jovens e do aumento da participação da mulher adulta na atividade econômica, a força de trabalho, nos anos 1990, assumiu traços diferentes, ficando mais adulta e com uma parcela feminina maior.

Como escreve Probst (2005, p. 6) para as mulheres a década de 90 foi marcada pelo fortalecimento de sua participação no mercado de trabalho e o aumento da responsabilidade no comando das famílias. A mulher, que representa a maior parcela da população, viu aumentar seu poder aquisitivo, o nível de escolaridade e conseguiu reduzir a defasagem salarial que ainda existe em relação aos homens.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dois estudos com o balanço dos ganhos e as dificuldades enfrentadas pelas brasileiras ao longo dos anos 90. A renda média das trabalhadoras passou de R\$ 281,00 para R\$ 410,00. As famílias comandadas por mulheres passaram de 18% do total para 25%. A média de escolaridade dessas “chefes de família” aumentou em um ano de 4,4 para 5,6 anos de estudos. A média salarial passou de R\$ 365 para R\$ 591 em 2000. Uma dificuldade a ser vencida é a taxa de analfabetismo, que ainda está 20%. Outra característica da década foi consolidar a tendência de queda da taxa de fecundidade iniciada em meados da década de 60. As mulheres têm hoje 2,3 filhos. Há 40 anos, eram 6,3 filhos.

De maneira geral, no Brasil, o problema afeta especialmente as profissões de salário mais baixo. Quando sobem na carreira e adquire maior qualificação, as mulheres têm seu talento mais bem remunerado. Assim, no topo elas quase se igualam aos homens. O fato é que pouco a pouco, as mulheres vão ampliando seu espaço na economia nacional. O fenômeno ainda é lento, mas constante, progressivo e sólido (PROBST, 2005).

Salienta-se que a ascensão profissional traz para as mulheres a garantia da sua participação social, pois, de acordo com seus méritos, se tornam para a sociedade pessoas capazes e auto-suficientes, adquirem um novo status, enfrentando com maior segurança os problemas e avançando em novas conquistas. Quando as mulheres ascendem na vida econômica, ocupando cargos de destaque, percebem que a sua participação nos contextos sociais encontra-se em mesmo pé de igualdade com os homens, não se deixando intimidar em situações que predomina o julgamento da sociedade machista.

Nesse sentido, torna-se relevante conhecer um pouco do trabalho de algumas mulheres que se destacaram ao longo da história, inclusive, algumas ganhadoras do Prêmio Nobel de Ciências.

4.2 Mulheres de Sucesso Profissional

Melanie Klein, (1882-1961), austríaca psicanalista, criou a principal corrente variante da psicanálise em relação à freudiana, consistindo em considerar o brincar da criança durante a sessão como equivalente à associação livre do adulto, cujo significado emocional correspondia ao sonho do adulto. Ao analisar as crianças, Klein desenvolveu um entendimento muito profundo do funcionamento emocional da personalidade infantil, de maneira que sua apreensão do mundo interno infantil e das formas por meio das quais as emoções ali adquirem significado contribuiu para o entendimento da personalidade adulta com seus núcleos infantis inseridos que persistem por toda a vida (SEGAL, 1975).

Mc Grayne(1994), aponta diversas mulheres que se destacaram profissionalmente:

- Marie Curie, (1867-1934), polonesa, física e radioquímica, ganhadora do Prêmio Nobel de Física em 1903 e de Química em 1911, descobriu os segredos da radioatividade, e forçou os colegas cientistas a prestar atenção ao mundo invisivelmente pequeno do interior do átomo, alterar a definição de um elemento e a reconhecer uma nova força da natureza, o rádio. Marie foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel em Ciências, em 1903

- Lise Meitner, física nuclear, com 60 anos, explicou como o núcleo de um átomo podia ser seccionado, e liberar enormes quantidades de energia.

- Emmy Noether, (1882-1935), alemã, matemática, ajudou a estabelecer os fundamentos matemáticos de Einstein e para a álgebra abstrata. Ajudou a orientar a álgebra para uma direção totalmente nova

e criou uma abordagem conceitual radicalmente diferente para a matemática durante a década de 20, e também trabalhou a teoria dos conjuntos teoria dos números. Os melhores jovens matemáticos alemães estudaram com ela, durante as décadas de 20 e 30, os estrangeiros também.

- Gerty Radnitz Cori, (1896-1957), americana, bioquímica, Prêmio Nobel em 1947, junto com o marido queria descobrir como o corpo envia energia de um local para o outro. Assim, durante toda a década de 20, os Cori mediram cuidadosamente quantidades mínimas de açúcar, glicogênio e dois hormônios controladores em animais de laboratório. Assim, explicaram como a energia de um mamífero, que se exercita muito, movimenta-se do músculo para o fígado, e volta em seguida para o músculo. O ciclo de Cori teve um efeito profundo no tratamento de diabetes, porque os médicos tiveram uma idéia de como os corpos saudáveis mantêm um equilíbrio entre exercício, alimentos e açúcar no sangue.

O fato é que nas últimas décadas, houve aumento generalizado da participação das mulheres adultas e essa expansão reflete nova e importante tendência de permanência da cônjuge com filhos no mercado de trabalho. Deve-se mencionar, entretanto, que essa participação mais intensa das mulheres foi acompanhada por elevadas taxas de desemprego, explicitando a geração insuficiente de postos de trabalho pela atividade econômica, incapaz de absorver todo o crescimento da PEA feminina (HOFFMANN e LEONE, 2004).

Atualmente, a presença das executivas no comando de grandes corporações dobrou e elas já disputam com vantagem os postos mais cobiçados nas empresas brasileiras. No início dos anos 2000, apenas 6% dos cargos de diretoria nas 500 maiores empresas do Brasil eram ocupados por executivas. Em pouco menos de dez anos, em postos de supervisão elas já representam 37% da força de trabalho. Nas gerências, a taxa está em torno de 25%. O fenômeno é observado em empresas de todos os setores, em grupos nacionais ou multinacionais,

em corporações gigantes, médias ou pequenas (SEGALA e GOIRIZ, 2009), podendo-se citar:

- Carmem Pereira – 40 anos, casada, mãe de um filho, formada em Administração de empresas, em Direito e MBA em finanças. Entrou na Rede Energia em 1987, e é presidente desde 2007. É uma empresa gigante que possui nove concessionárias distribuídas em sete estados brasileiros.

- Fátima Raimondi, 50 anos, casada, sem filhos, engenheira elétrica e pós-graduação em gestão de empresas em ICT em Portugal, é presidente desde 2008. Entrou na Ericsson, empresa de telecomunicações, em 1982 e é presidente desde 2008.

- Fátima Bottamelli, 45 anos, solteira, sem filhos, formada em jornalismo e relações públicas, pós-graduada em marketing. Entrou na Xerox Connection Center em 1982 e é diretora desde 2009.

Sabe-se que o mercado de trabalho competitivo de nossos dias exige do profissional seja em qualquer área, seja competente na área em que atua, porque a conotação de bom ou mau profissional, gira em torno do êxito através da aplicação direta ou indireta dos conhecimentos específicos anteriormente adquiridos e ora aplicados. Eis aí a chave que viabiliza o êxito profissional, e que vem sendo buscada de maneira incontestável pela mulher profissional de nossos tempos.

Dessa forma, muitas das mudanças ocorridas ao longo do século XX foram fundamentais para a quebra de paradigmas, entre eles, o da tal fragilidade feminina. Resistindo ao preconceito, as mulheres ingressaram no mercado de trabalho. Primeiro tiveram que atuar na base, nas linhas de montagem. Depois foram ascendendo, lentamente, na escala hierárquica, em uma trajetória muitas vezes feita de dois passos para a frente e um para trás, porque sobre elas pairava, e ainda paira, a desconfiança, de que poderão abandonar seus postos para dedicar-se exclusivamente às artes da vida em família (SINA, 2005).

Como diz Probst (2005), a mulher deixou de ser apenas uma parte da família para se tornar o comandante dela em algumas situações. Por isso,

esse ingresso no mercado é uma vitória. O processo é lento, mas sólido, mas, outra peculiaridade que acompanha a mulher é a sua “terceira jornada”.

Normalmente, além de cumprir suas tarefas na empresa, ela precisa cuidar dos afazeres domésticos. Isso acontece em quase 90% dos casos. Em uma década, o número de mulheres responsáveis pelos domicílios brasileiros aumentou de 18,1% para 24,9%, segundo os dados da pesquisa “Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil”, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (p.5).

Assim, convém ressaltar a opinião de Sina (2005), citada por Coimbra (2007), que chama a atenção para o fato de que o mundo está em constante e verdadeira mudança e não é mais possível desconsiderar fatos que alteraram sensivelmente o caminho da sociedade. Uma importante alteração tem ocorrido no campo de trabalho da mulher brasileira. Hoje, ela ocupa uma dupla jornada de trabalho, do lar ao emprego, exaustivamente suas funções são desempenhadas com muita responsabilidade e competência. A família passa a contar rotineiramente com uma mulher sempre à beira da exaustão e sem condições de transmitir a qualidade de relacionamento fundamental para manter a família como o esteio da sociedade. Isto vem ocorrendo, ainda segundo Sina (2005), em grande parte das classes sociais, e pode ter conseqüências graves para o futuro do país, já que estudiosos da educação afirmam que quando se educa um homem, está se educando apenas um indivíduo, mas, quando se educa uma mulher, educa-se a família inteira.

De qualquer forma, entende Probst (2005), que apesar da evolução da mulher dentro de uma atividade que era antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento. As mulheres ganham cerca de 39% a menos que os homens exercendo a mesma função. “Conforme o salário cresce, cai a participação feminina. Entre aqueles que recebem mais de vinte salários, apenas 19,3% são mulheres” (p.5).

Embora exista discriminação em relação ao trabalho feminino, elas estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes

era reduto masculino, ganhando o respeito através de um profissionalismo muito grande e está sendo cada vez maior o número de mulheres que ganham mais que o marido. Elas já provaram que além de ótimas cozinheiras, podem também ser boas motoristas, mecânicas, engenheiras, advogadas e sem ficar atrás de nenhum homem. Já está mais do que provado que as mulheres são perfeitamente capazes de cuidar de si, de conquistar aquilo que desejam e de provocar mudanças profundas no curso da história (op. cit. 2005).

Dessa forma, acredita-se que o conhecido sexo frágil está conseguindo reverter em seu benefício, problemas próprios do cotidiano do mercado de trabalho, onde a mulher passa a igualar-se ao homem, e aquela antiga fragilidade passa a ser questionada, agora, pela classe masculina, isso, se já não foi abolida totalmente das suas mentes, restando somente uma vaga lembrança de épocas passadas, quando a mulher se deixava calar diante da supremacia masculina.

5 METODOLOGIA

O labor científico caminha sempre em duas direções: em uma elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias, e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios de historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído. Nesse sentido, o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo e a realidade social é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela (MINAYO, 1996).

Como diz Gil (1999, p. 26), “pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

De acordo com Lakatos e Marconi (2000, p.46), “método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros-, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Assim, o quadro metodológico foi pensado a partir das peculiaridades da temática e responder a seguinte questão: Quais as dificuldades que as mulheres sergipanas tiveram de vencer para ocupar cargos de destaque no mercado de trabalho? Nesse sentido, o objetivo geral foi analisar as dificuldades na trajetória das mulheres sergipanas, que através da ascensão no mercado de trabalho, ocupam cargos de destaque na sociedade e os objetivos específicos foram: Analisar a mulher sergipana, levantar informações sobre as mulheres que ocupam cargos de destaque e correlacionar educação, gênero e mercado de trabalho .

5.1 Tipo de Pesquisa

De acordo com Gonsalves (2003), as pesquisas científicas podem ser classificadas por diferentes critérios. Dentre outros: segundo os objetivos, as fontes de informação e a natureza dos dados. Este trabalho apresenta características de uma pesquisa descritiva, onde visou compreender a trajetória das mulheres que ocupam cargos de destaque na sociedade sergipana.

Quanto às fontes de informação, trata-se de uma pesquisa de campo, pois pretendeu levantar as informações necessárias de maneira direta, ou seja, junto às próprias fontes informativas, sem o uso de dados secundários extraídos de publicações (MUNHOZ, 1989), objetivando compreender os mais diferentes aspectos do fenômeno em estudo.

Finalmente, em relação à natureza dos dados, essa investigação é considerada ser do tipo qualitativa, enfatizando a preocupação “com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que se dão as suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.” (GONSALVES, 2003, p.68)

Assim, a abordagem qualitativa favorece a explicação sobre a inserção e o sucesso das entrevistadas no mercado de trabalho, bem como a concretude histórico-social do tema. A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo:

Trabalha com universo de significados, motivações as aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável (1996, p.22).

Esse tipo de pesquisa deixa explícito à relação existente entre sujeito e objeto em um processo de conhecimento. O pesquisador é ativamente um descobridor da significância das ações e relações nas estruturas sociais. Segundo Minayo:

Se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo de significados (...). Advoga também a

necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou objetos sociais apresentam (1996, p.25).

5.2 Sujeitos

Constituíram os sujeitos da pesquisa um grupo composto por cinco mulheres que ocupam cargos de destaque na sociedade sergipana: Vice-Reitora, Presidente do Tribunal de Justiça, Política, Engenheira e Militar. As entrevistadas são pessoas públicas. Abaixo está o perfil das entrevistadas:

SUJEITO	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	CARGO DE DESTAQUE	LOCAL DE TRABALHO
Amélia Maria	62	Bela. em Pedagogia	Vice- Reitora	Universidade Tiradentes – UNIT
Célia Pinheiro	Não quis declarar	Bela. em Direito	Presidente	Tribunal de Justiça – TJ
Danusa Silva	40	Bela. em Engenharia Civil	Diretora de Incorporação e análise habitacional	Construções e Incorporações- COSIL
Maria Conceição	54	Lic. em Geografia	Deputada Estadual	Assembleia Legislativa de Sergipe
Rita de Cássia	45	Formação de Oficiais – C.F. O	Tenente Coronel da Polícia Militar de Sergipe	Câmara Municipal de Aracaju

Fonte: entrevistas individuais com as mulheres que participaram da pesquisa.

5.3 Procedimentos de Coleta dos Dados

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista. Segundo Gil (1999), possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social. Nesta pesquisa elegeu-se a entrevista

informal, tendo sido realizada através de um roteiro e de acordo com a disponibilidade de cada uma das entrevistadas.

Ademais, segundo Richardson (1999), a entrevista semi-diretiva sugere uma temática para nortear a fala das entrevistadas, procurando apontar a natureza geral do problema em questão. Sendo assim, podemos ratificar que, a mesma pode ser considerada como um enfoque discursivo, entendendo-a como uma integração alicerçada na contextualização que norteiam sentidos, contruindo versões reais, permitindo flexibilizar, na medida em que há alterações nos posicionamentos das perguntas, tendo assim uma liberdade interventiva, no decorrer da entrevista.

Logo, foram formuladas oito questões que estão no apêndice (Apêndice A). Os Temas contidos nas entrevistas analisadas nessa pesquisa versam sobre:

- ❖ Formação das entrevistadas e razão para ingresso na profissão;
- ❖ Trajetória no mercado de trabalho;
- ❖ Ser mulher relação de gênero no mercado de trabalho;
- ❖ Preconceito/ discriminação por ser mulher e ocupar cargo de destaque;
- ❖ Influências;
- ❖ Dificuldades e conciliação da vida familiar e vida profissional;
- ❖ Frase final.

Para obter as informações dos sujeitos, o processo das entrevistas foi feito da seguinte forma: no primeiro momento a pesquisadora fez um breve contato antecipado com as 05 entrevistadas para agendar as entrevistas de acordo com a disponibilidade das mesmas,

No segundo momento, foram abordados junto às mesmas os seguintes dados: local de trabalho, formação acadêmica, razão para o ingresso na profissão, trajetória laboral, ou seja, no mercado de trabalho, o ser mulher/relação de gênero no mercado de trabalho, preconceitos/ discriminação

por ser mulher e ocupar cargo de destaque, influências, dificuldades e conciliação da vida familiar e vida profissional e uma opinião para as mulheres que desejam entrar no mercado de trabalho.

5.4 Procedimentos de análise de conteúdo

Esse momento correspondeu ao tratamento das entrevistas através da análise de conteúdo. Dessa forma, juntamente com a sua organização cronológica, as ideias foram privilegiadas, sendo que a transcrição obedeceu a acertos combinados com as colaboradoras, que vai legitimar o texto no momento da conferência, até porque, na concepção de Meihry (1996), deve ficar claro que o narrador, de um dia para o outro, pode elaborar suas versões e assim perder a naturalidade, construindo versões distanciadas das primeiras

A análise de conteúdo utilizou como base as ideias de Bardin (1977), já que a pesquisa visou um estudo minucioso da fala das entrevistadas, ou seja, mulheres que ocupam cargos de destaque na sociedade sergipana, vindo a esclarecer suas diferentes características para assim, obter sua significação. Nesse sentido, a análise de conteúdo, segundo Bardin (1977, p. 38): “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre a qual debruça”.

Seguindo com as ideias desse autor (1977), a análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas de análise de comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de uma diversidade com maior rigor, sendo um único instrumento, marcado por uma grande disparidade de formas adaptáveis a um campo de aplicação muito vasto, quais sejam as comunicações.

Assim, foi realizada a leitura flutuante das entrevistas, a limpeza do texto sem alterar o estilo, a categorização e transcrição. Segundo Bardin (1977, p. 134), para quem “Qualquer análise de conteúdo, passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível!”.

A fase do tratamento dos resultados teve, por sua vez, o objetivo de elucidar a análise dos resultados de modo a tornarem-se válidos, materializando-se pelo fortalecimento das decisões tomadas acerca da definição das categorias abordadas advindas da análise de conteúdo.

6 O ESTADO DE SERGIPE

6.1 Características Socioeconômicas e Mercado

O Estado de Sergipe está situado na Região Nordeste, entre Alagoas, ao norte, Bahia ao Sul e ao Oeste e o Oceano Atlântico, a Leste. Possui uma área de 21.994 km², e de acordo com a Federação das Indústrias, sua população em 2008 é de 2.030.000 habitantes e sua colonização estabeleceu-se com as seguintes atividades: criação de gado, extração do pau-brasil, cultivo da cana-de-açúcar e do fumo, conforme se pode ver no mapa.



Fonte: COELHO (1996)

Figura 1 – Região Nordeste do Brasil.

IBGE – Dados estatísticos

A Região Metropolitana de Aracaju, criada pela Lei Complementar Estadual nº 25, de 29 de dezembro de 1995, é composta pelos Municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, tendo como sede o município de Aracaju. Possui população estimada de 794.475 habitantes vem crescendo aceleradamente, devido à imigração de pessoas provenientes de outros municípios de Sergipe, especialmente de áreas rurais, bem como de outros estados da Federação, especialmente do Nordeste Brasileiro.

A capital sergipana, foi fundada em 1885, com as ruas mais antigas de Aracaju chamam a atenção pelo traçado geometricamente regular, com esquinas a cada 100 metros. Hoje, a cidade passa por momentos de expansão, com desenvolvimento da arquitetura e reorganização do trânsito. Os serviços, a indústria e o turismo são a base da economia aracajuana. Segundo o IBGE (2008), tem uma área de 174.053 km², e uma população de 544.039 pessoas. Seu PIB em 2005 foi de R\$ 5.021.659.586.

Reverendo-se a história da formação dos 75 municípios sergipanos, de acordo com o Cinform (2002), percebe-se que em sua maioria foi fundados por vaqueiros que faziam pouso, motivando o nascimento de armazéns, moradias e feiras semanais; alguns também foram fundados por fugitivos; outros através de sitiantes, missionários e até pela produção e beneficiamento de algodão. Ou seja, os municípios voltavam-se para questões agrárias, pendências fundiárias e escoamento da produção.

Fica também patente, que todos os lugarejos viram sua incipiente ordenação jurídica refletida na sua fraca disposição física inicial, relativa de suas primeiras casas, de suas paisagens comuns e em uma capela.

A expulsão dos jesuítas não ocasionaria maiores conseqüências. Naquela época, sua população atingia pouco mais de 30 mil habitantes. Predominantemente rural, essa população buscava, nos meados do século XVIII, na pecuária, a principal atividade econômica (NUNES,1984, p.19).

A presença dos inacianos em terras sergipanas data da primeira tentativa de colonização, em 1575, no governo de Luís de Brito.

Os pioneiros foram o Pe. Gaspar Lourenço e o Irmão João Salônio, fundando missões de São Tomé, Sto. Inácio e São Paulo. Nessas aldeias, aproveitando a numerosa população indígena, os jesuítas logo começaram a ensinar-lhes a doutrina pela manhã, à tarde e à noite.

Segundo Nunes (1984, p.21), apesar da longa permanência em Sergipe, os jesuítas nunca haviam enveredado pelo ensino das Humanidades, embora tentativas houvessem sido feitas pelos habitantes da terra desde 1684, quando os membros da Câmara de São Cristóvão pediram ao Rei a fundação de um colégio, que se tornava necessário para o bem de seus filhos. A resposta, porém, foi desfavorável.

Para substituírem os Colégios dos Jesuítas, a partir de 1772 começaram a ser criadas, no Brasil, as aulas Régis, bem diferentes dos colégios mantidos pelos religiosos. Muitas foram as dificuldades enfrentadas para o funcionamento do novo sistema de ensino. A Sergipe ele só vai chegar nos fins da década de 1780, com a nomeação dos primeiros professores. Existiam cadeiras de Gramática Latina na Capital, cidade de São Cristóvão, na Vila de Santa Luzia e na Vila Nova Del Rei do Rio São Francisco. As cadeiras de Ler e Escrever estavam localizadas em São Cristóvão e em Santa Luzia. Porém, o ensino não foi além das aulas de Primeiras Letras, e de Gramática Latina como existira nos tempos coloniais.

Nunes (1984, p.34) diz que:

Na história da educação sergipana, como aconteceu em todo o Brasil, não pode ser esquecida a contribuição do padre secular, no interior das casas-grandes e das fazendas, como elemento marcante na sociedade patriarcal que ali floresceu.

Os que buscavam a escola, no período que se segue à Independência, não compunham, apenas, a parte da população pertencente à classe oligárquico-rural. “A esta, aos poucos se somava uma pequena camada intermediária, que, desde cedo, percebeu o valor da escola como instrumento de ascensão social” diz Romanelli (apud NUNES, 1984, p.43). Em 1825, as autoridades imperiais, acreditando na

eficácia da instrução do método lancasteriano nas escolas públicas de Primeiras Letras, oficiaram ao Presidente para promover sua adoção quanto fosse possível nas escolas sergipanas.

Data de fevereiro de 1831 a criação, na Capital, em Estância, Propriá e Laranjeiras, de cadeiras públicas para o sexo feminino. Só nessa época o governo provincial avocava a responsabilidade de ministrar as Primeiras Letras à mulher sergipana. Segundo Nunes (1984, p.47), o patriarcalismo dominante fizera que nunca o problema fosse enfrentado, que também era do país, como atestam os relatos dos viajantes estrangeiros que aqui passaram, e que se impressionaram com a situação da mulher reclusa no interior dos lares.

A primeira visão global da realidade educacional sergipana só aparecerá em janeiro de 1836 com a fala, à Assembléia Legislativa Provincial, do Vice-Presidente em exercício, Dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros. Realisticamente, ele levantou a situação educacional de Sergipe, na qual somente 1/3 dos homens livres sabia ler, fazendo sentir as conseqüências que isto trazia ao seu desenvolvimento. Demonstra aos legisladores, a necessidade de ser elaborado um Plano de Instrução Elementar, sendo indispensável a criação de um Inspetor de Aulas, com ordenado razoável, para informar, circunstancialmente, ao governo a marcha das escolas. Chama a atenção dos deputados para que fossem concedidos os mesmos ordenados das grandes vilas aos professores dos lugares distantes, como uma forma de estímulo para que surgissem candidatos aptos a preencher essas cadeiras, muitas delas ainda desocupadas. Assim, jovens de classe média, geralmente professores, começavam a obter a autorização para, com os vencimentos, cursarem as Academias do Império, como conseguiram Manuel Malaquias Leão Brasil e Francisco José Gomes, em 1846, do Presidente Ferreira Souto (NUNES, 1984).

Inúmeras foram as dificuldades a serem vencidas para que Aracaju vivificasse. Com o falecimento de Inácio Joaquim Barbosa em outubro do mesmo ano da mudança, acentuaram-se os obstáculos

naturais que deveriam ser enfrentados pela ousadia e obstinação de seu fundador.

Para a autora (op. cit, 1984), era visível em Sergipe, o descompasso entre o sistema educacional vigente e as exigências das transformações estruturais que se vinham processando em decorrência da prosperidade que envolvia o país, acarretando maior concentração urbana e começando a exigir mão-de-obra qualificada. Os internatos de Laranjeiras e Estância, apesar de terem sido criados objetivando o progresso dessas cidades, não alcançaram a finalidade por alta de entrosamento com a realidade local, embora seus professores fossem “os melhores da Província”. Em 1857, o Dr. Pedro Autran, Inspetor Geral das Aulas sugeriu que funcionasse em Laranjeiras uma Aula de Comércio, sendo de mais utilidade aos jovens aprenderem Inglês, Francês, Aritmética, escrituração comercial e Geometria, do que Latim e Filosofia.

Em Sergipe, a República significou, num primeiro momento, a vitória das novas forças sócio-econômicas que se vinham afirmando no país a partir dos meados do século passado. A burguesia, responsável pela expansão do café já em forma capitalista, e que se expandia. Em Sergipe, as ideias republicanas ora propagadas por homens oriundos dos setores urbanos mais esclarecidos, predominando as profissões liberais (NUNES, 1984).

O regulamento da Instrução Pública, baixado em 11 de março de 1924, em 471 artigos estruturou, globalmente a educação sergipana, definindo-a desde as escolas maternas e os jardins de infância ao ensino profissional e secundário, inclusive as instituições particulares.

Pela primeira vez, em Sergipe, o Estado avocava a responsabilidade da educação a ser ministrada em escolas maternas e jardins-de-infância.

As determinações da Reforma Rocha Vaz, na equiparação ao Colégio Pedro II dos estabelecimentos oficiais de ensino secundário, condicionaram o novo regulamento do Atheneu nos moldes daquele

educandário, que se tornou seu paradigma. Dessa época até a promulgação da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, denominada Lei de Diretrizes e bases da Educação nacional, seguiria todas as alterações que, na estrutura, nos currículos e nos programas adotassem aquele estabelecimento. Assim, o objetivo do Atheneu passava a ser, além de ministrar a instrução de humanidades indispensável ao exame vestibular aos estabelecimentos de ensino superior, e, também, a conferir o diploma de bacharel em ciências e letras, nos termos da lei vigente, segundo Nunes (1984).

6.2 A Mulher em Sergipe

Em Sergipe, apesar dos movimentos internacionais terem deixado seus frutos, não houve um movimento feminista propriamente dito e, como a emancipação da mulher mantém uma ligação direta com o seu engajamento político, pode-se afirmar que, se o homem nordestino é, ele próprio, oprimido por um sistema político contra o qual não tem armas para combater, a opressão feminina deve, necessariamente, ser uma extensão (DINIZ; SANTOS, 1991).

A educação da qual o Nordeste é carente, contribui de forma acentuada para perpetuar a opressão dos homens e conseqüentemente das mulheres. A mulher sergipana, apesar das limitações impostas pela organização político-social procurou de alguma forma acompanhar o desenvolvimento das atividades que envolviam a condição feminina, sobretudo as ligadas aos movimentos pelos direitos humanos. Em meados dos anos 60, observou-se em Aracaju grande participação de mulheres nos debates e nas lutas pelo restabelecimento da democracia no Brasil, bem como nas organizações ligadas à Igreja (DINIZ; SANTOS, 1991).

No final de 1978, surge o movimento feminino pela anistia, o qual constituía-se, basicamente em reuniões semanais promovidas nas

residências dos membros do grupo, com o objetivo de debater estratégias de ação para reivindicar, junto ao governo central, a anistia para os presos políticos brasileiros. Essas reuniões não eram restritas às mulheres, tendo porém sido a participação masculina concentrada mais especificamente num grupo de artistas plásticas (DINIZ; SANTOS, 1991).

A abertura política no governo ditatorial brasileiro, permitiu que em 8 de março de 1979 fosse comemorado o Dia Internacional da Mulher e, através do movimento feminino pela anistia, promoveu-se no Instituto Histórico e Geográfico um seminário sobre o papel da mulher na sociedade, presidido por D. José Brandão, o que demonstrava o engajamento da Igreja no movimento pela anistia. Os movimentos pela anistia e os movimentos feministas de Alagoas e Bahia também participaram do seminário (DINIZ; SANTOS, 1991).

Logo, no século XX, as mulheres sergipanas demonstraram vontade de fugir à estrutura patriarcal arcaica, mas não conseguiram romper a estrutura social que ainda as oprime. Nesse sentido, cabe lembrar mulheres sergipanas que e se destacaram como: Eufrásia Teixeira Leite, pioneira social; Rosa Maria, historiadora que tão bem manteve o museu de Sergipe; Núbia Marques, professora, pintora e escritora, além de representar tão bem a simpatia da mulher sergipana; Maria Thetis Nunes, primeira mulher sergipana a ingressar em uma faculdade, também criou de faculdades, professora de renome, diretora de colégios e conselhos, tendo o cotidiano profissional e intelectual intenso, Aglaé Fonte, professora e escritura dedicada ao folclore sergipano e a Clara Leite Rezende, primeira Desembargadora do Estado em Sergipe.

Qualquer que seja a área de atuação, a nova mulher se cobra o tempo todo para estar alinhada a todas as tendências, não se descuidando de quase nada. Trata de sua beleza, busca atualização, volta aos estudos, lapida idiomas, investe em vestimenta, treinamentos, um sem fim de atividades utilitárias. Isto tem um preço, que ela paga

sem pedir recibo para conquistar sua independência, tanto financeira quanto individual (COIMBRA, 2007).

Dessa forma, compreende-se que a mulher de hoje continua lutando por condições de vida melhores, procurando sempre evoluir, e não se deixando esquecer no tempo. É dessa forma que o mercado de trabalho já conta de maneira quase total com a ocupação de mulheres em profissões e funções antes não imaginadas, mas que vem reafirmar as capacidades femininas, as quais, procuram auto afirmar-se, qualificando-se cada vez mais, capacitando-se para competirem de igual modo com o sexo oposto, apesar do modelo da nossa sociedade, atendendo assim, às constantes exigências do mercado de trabalho.

7 TRAJETÓRIA DAS ENTREVISTADAS

7.1 A formação das entrevistadas, e razão para ingresso na profissão

Segundo Leite (1994), chama a atenção para o fato de que muitas mulheres passaram a buscar na educação a superação para esse preconceito existente no âmbito do trabalho, mas, por não disporem de tempo livre, ficavam praticamente impossibilitadas de ingressarem na educação, agregando mais este fator à sua tão oprimida vida de subordinação. “o interesse pela profissionalização, por outro lado, tem uma relação direta com o tempo de atividade produtiva, a idade e a consciência dessas mulheres” (p. 36).

Nesse sentido, observa-se que uma boa formação é fundamental para que as mulheres cheguem à posição de destaque em suas profissões e servido de exemplo para as demais, como é o caso das nossas colaboradoras: Amélia Maria, casada, mãe de quatro filhos, vice-reitora da Universidade Tiradentes; Célia Pinheiro, casada, mãe de três filhos, juíza e Presidente do Tribunal de Justiça; Maria Conceição, solteira, mãe adotiva de três filhos, deputada estadual; Danusa Silva, casada, mãe de dois filhos e diretora de incorporação da Construtora COSIL; Rita de Cássia, casada, sem filhos, Tenente-Coronel da Polícia Militar.

Falar de minha formação acadêmica faz-me reviver tempos passados, sou filha de agricultor meu pai se chama Mauro Cerqueira Passos, já minha mãe era prenda do lar e se chama Leonizia Teles Cerqueira, sou bacharela em pedagogia pela Faculdade Pio Décimo, na época era faculdade, hoje é uma universidade, escolhi essa formação por afinidade à área pedagógica, como também, sou pós-graduada em administração pedagógica, pois, essa pós me ajudou e ajuda nas minhas atividades dentro da Instituição de Ensino, ou seja, na Universidade (Amélia Maria).

Escolhi direito na Universidade Federal de Sergipe, pois me identifiquei com as disciplinas e posso te confessar que sempre fui

uma excelente aluna, sempre tive a preocupação em estudar, era uma aluna considerada aplicada, eu tinha um objetivo na minha vida, eu estudava muito, me preocupava em ser bacharela em direito e fazer um bom concurso público e de primeira passar, confirmo que meu hobby é ler, adoro ficar atualizada com minha profissão, com as notícias e estratégias do mundo. Não vou negar que depois que me formei resolvi fazer várias especializações na minha área, que é o judiciário (Célia Pinheiro).

Eu sou professora, formada em geografia e fiz especializações em psicopedagogia Institucional e Educação para pais em resoluções de conflitos pela Universidade Federal de Sergipe em parceria com a Universidade Jaime I na Espanha, o trabalho da ciência geográfica, acho que ela me facilita até a concepção de mundo no que diz respeito à distribuição espacial dos fenômenos humanos, sociais, além dos riscos climáticos geográficos mais precisamente para a atividade que eu exerço hoje na distribuição dos fenômenos sociais, nas relações dos homens e mulheres com a terra, com o meio, com a economia e com todo o movimento de organização do espaço do Estado sergipano e do Estado brasileiro (Maria Conceição).

... E 3º grau que hoje é ensino superior, eu fiz na FAAP – São Paulo sabe essa instituição é renomada e bem recebida no exterior, inclusive quem se forma nela não fica desempregado, mas tive que voltar para Aracaju a pedido do meu pai para ajudá-lo na empresa (Danusa Silva).

Em 1992 fui fazer curso de formação de oficiais - C. F. O, na academia de Polícia Militar de Paudalho - localizada em Pernambuco, fiz também Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – C. A. O, na academia de Polícia de Cabo Branco - localizada na Paraíba, essa foi em 2001. Como temos que aproveitar as oportunidades nunca as deixei passar, sou especialista em Gestão de Segurança Pública, pela Universidade de Potiguar – localizada em João Pessoa –PB em 2001, como também tenho especialização em Segurança Pública pela Universidade Federal de Sergipe em 2005. [...] E ainda pretendo fazer outros cursos com fé em Deus, pois só crescemos profissionalmente se crescermos intelectualmente e a Polícia Militar nos favorece esse crescimento basta querermos (Rita de Cássia).

De acordo com as falas, todas as entrevistadas receberam apoio familiar durante sua formação e que não mediram esforços para concluírem seus estudos, reconhecendo na família e na educação a base para o seu crescimento.

Amélia Maria, mesmo gostando da área pedagógica, que cursou porque já trabalhava no colégio do seu esposo, desejaria ter cursado Psicologia. Célia Pinheiro e Rita de Cássia tiveram formação

acadêmica, de acordo com sua vocação, desejando ser juíza e militar respectivamente. Danusa Silva cursou engenharia por se identificar e também queria fazer parte da empresa da família. Já Maria Conceição procurou uma formação pela “preocupação com as relações humanas”.

Como já falei, sou filha de um agricultor e uma penda do lar, sou de classe popular, já da para perceber como foi difícil chegar onde estou hoje. Meu pai na época não tinha condições de arcar com as despesas educacionais de todos os filhos, me casei com 17 anos de idade com Prof. Jouberto Uchôa, eu sem experiência e como ele tinha um colégio tive que ajudá-lo, depois que fui trabalhar com meu esposo tive que me dedicar por completo, assim houve a necessidade de ter um fundamento pedagógico e isso só seria possível através de uma faculdade, como também pelo tipo de atividade que tínhamos, ou seja, ainda temos rsss, mas o meu sonho mesmo era fazer psicologia, fugi um pouco do meu ideal e fiz pedagogia, como na pedagogia tem um pouco da psicologia, isso me completou. Veja que o destino me levou à formação pedagógica, em 1º lugar porque eu gostava na época e ainda gosto da área pedagógica e em 2º lugar pela atividade laboral que exerço. (Amélia Maria).

Desde pequena que desejava ser juíza e esse sonho foi aflorando dentro do meu ser, por isso que a cada dia que passa tenho certeza que foi realmente vocação, meus pais me deram apoio inclusive tenho 4 irmãos e um deles é juiz Dr. Rui Pinheiro, por sinal um excelente jurista rsss, para completar tenho um filho que é promotor da Comarca de São Cristóvão. Ah, perceba que tenho a família com bases no judiciário. Além do sonho desde a minha infância, recebi o estímulo dos meus pais. Sempre soube como eles gostariam de me ver na magistratura, distribuindo justiça (Célia Pinheiro).

A minha trajetória de vida e o gosto pela política em busca de uma sociedade mais justa e igualitária para todos, fazendo cumprir direitos (Maria Conceição).

Sou oriunda de uma família de construtores, a Construtora COSIL é de propriedade do meu pai – José Carlos Silva, que tem essa construtora desde 1965 no mercado imobiliário de Sergipe, em 1966 inaugurou uma filial em São Paulo. Desde pequena que ouvia falar de construções, planos mirabolantes de execuções de obras em Sergipe e em São Paulo, conquistando espaços, tomei gosto pela coisa e após terminar meu 2º grau, agora é ensino médio, não é? Conversei com minha família que tinha decidido fazer Engenharia Civil, meu pai adorou a idéia e disse que eu iria para São Paulo, estudei lá e me formei em 1993 e assim que conclui voltei a minha terra querida Aracaju (Danusa Silva).

O que me fez ingressar na área militar foi à formação do meu pai que é militar reformado do exército. [...] além do mais tenho três irmãos, todos seguiram carreira militar. [...] Será que precisa te falar a razão que me levou a ser militar? Ser militar na minha família já vem no alicerce. Como dizem, estava escrito, desde criança que via a militância do meu pai e dos meus irmãos dentro de casa e com eles aprendi a gostar dessa formação e também como emprego estadual, fonte de renda segura. Enfatizo que meu pai era do exército e meus irmãos e eu, somos integrantes da Polícia Militar de Sergipe (Rita de Cássia).

7.2 Trajetória no mercado de trabalho

As qualidades femininas hoje são colocadas em destaque e percebidas como essenciais para as relações na divisão sócio-técnico do trabalho chegam a adquirir, em algumas situações, até mesmo a valorização e o reconhecimento de que muitas habilidades femininas são, na verdade, instintivas, como a capacidade de administrar, o senso de organização e do planejamento. Como bem diz Melo (1998), a classe feminina tem o dom de saber ouvir outras opiniões e ponderar sobre questões acerca da confiança e da compreensão que estão inseridas nas análises técnicas.

Considerando o fato de que em todos os âmbitos sociais, as mulheres passaram a projetar sua vida profissional alcançando funções de comando e respeito por parte da classe masculina, tendo uma preservação da sua vida pessoal, os depoimentos revelam as colaboradoras, com determinação as colaboradoras exerceram com competência todas as funções exercidas e assim conquistaram a ascensão dos postos que hoje ocupam.

Minha trajetória foi árdua comecei na atividade educacional com 17 anos e ainda não parei, inicialmente, para ajudar meu esposo, mesmo sem a formação acadêmica assumi com 18 anos de idade a responsabilidade com o maternal e o pré-escolar do colégio Tiradentes, depois fiquei na direção juntamente com Jouberto Uchôa (meu esposo). Vou fazer um retrospectiva histórica para você entender melhor! Tudo começa em 1962 com a inauguração do Colégio Tiradentes. [...] em 1969 conseguimos ter uma sede própria, agora situado na Rua Lagarto, 234 B - Centro, onde idealizamos o

sonho de oferecer além do Colégio de 1º e 2º grau, uma Faculdade que fora concretizada em 1972 com a aprovação do MEC, chamando de Faculdade Integrada Tiradentes. [...] por fim, em 1994 a tão sonhada Faculdade Integrada Tiradentes é transformada em Universidade Tiradentes, onde hoje é composta por cinco Campi de atuação como: Campi- Centro, Campi –Farolândia, Campi-Estância, Campi – Propriá e Campi Itabaiana, além das graduações, têm pós-graduações, mestrados, ensino à distância e cursos tecnológicos. Vejo que em 47 anos dessa trajetória tudo valeu à pena, atualmente estou como vice-reitora da Universidade e exercer esse papel não é fácil. [...] essa dedicação à educação é quem me impulsiona a apoiar Uchôa, pois estou sempre de prontidão para auxiliá-lo no que for preciso, tenho convicção que não posso parar, pois o futuro dos meus filhos está alicerçado na universidade, mesmo me sentindo cansada, sei que é normal, décadas e décadas de muito trabalho, a caminhada é árdua, desgastante e sei que ainda não acabou nós ainda temos muito que contribuir para a educação do nosso Estado, essa é a minha satisfação (Amélia Maria).

Bom! Antes de ser magistrada, já tinha acesso ao serviço público, fui inicialmente secretária da CONDESE – Conselho Deliberativo do Estado de Sergipe, logo depois, passei de secretária para ser assessora jurídica do mesmo Conselho. Em seguida assumi a Assessoria Jurídica do ITPS- Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe, depois tive que sair do cargo que ocupava, porque fui aprovada em concurso público, sendo nomeada Juíza de Direito para a Comarca de Xique Xique na Bahia,mas infelizmente não assumi, atendendo um apelo da minha mãe que não queria ficar longe da tão estimada filha, ou seja, de mim rsss. Em Dezembro de 1971 tive uma grande alegria fui aprovada no concurso público em Sergipe, sendo nomeada Juíza de Direito da Comarca de Porto da Folha, iniciando minha judicatura em nossa terra, depois sai de Porto da Folha e fui ocupar o cargo de Juíza da Comarca de Neópolis, em seguida, assumi a Comarca de Riachuelo e após alguns anos a Comarca de Direito de Laranjeiras, por fim,em 14 de Julho de 1983, por antiguidade fui promovida para Aracaju, trabalhando especificamente com a 4ª Vara criminal, em 2002 fui presidente da turma recursal dos juizados criminais da capital e do interior e cíveis das comarcas de Estância, Itabaiana, Lagarto, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, ainda fui por quatro anos juíza eleitoral de segunda instância, e por dois anos, de primeira instância, na 27ª Zona Eleitoral de Aracaju. Dar para fazer um livro não é? Mas não parei por aí, vamos lá! Em 2004, fui nomeada Desembargadora junto ao Tribunal de Justiça de Sergipe, cheguei a ser vice-presidente do Tribunal de Justiça[...]. Em 2008, cheguei a essa à Presidência dessa corte de Justiça até os dias atuais (2009), para mim foi uma realização pessoal e profissional (Célia Pinheiro).

É difícil dizer precisamente, quando começou a minha trajetória enquanto política, pois fui estudante, fui de diretório acadêmico, depois fui viver em uma atividade de comunidade, renunciei muitas coisas até os empregos para ir conviver em uma comunidade voltada para as questões da organização social popular, mas também para a espiritualidade, para busca de um centramento, para a busca de um eixo entre elementos de constituintes humanos como o pensar, o sentir, o fazer e a divindade, né! [...] entrei no partido dos

trabalhadores em 1994/1995 e, de lá para cá fui presidente Estadual do partido, fui presidente Municipal em Aracaju, fui vereadora- 2 mandatos, fui candidata a vice-governadora, fui candidata a Deputada Estadual que estou no mandato atualmente. Então, uma vida relativamente curta na militância conciliada, mas muito intensa, então em um curto espaço de tempo eu fiz, um percurso, muito intenso, muito grandioso também, e agradeço a Deus a oportunidade e ao partido dos trabalhadores essa oportunidade que me deu de ocupação de espaço, porque isso é raro para algumas pessoas, em um curto espaço de tempo ser permitido, principalmente por ser mulher, que é mais difícil ainda, muito difícil. [...] Hoje estou deputada, amanhã não estarei deputada, mas permanecerei com meus valores, com minhas concepções, com meu compromisso social, eu vim para política, mas recentemente com base em uma vida voltada para o desenvolvimento das comunidades [...] mas, apesar com cargo eletivo, então amanhã não poderei ser deputada, não ter cargo, mas meu compromisso social, como agente de transformação isso eu vou permanecer. Então! As dificuldades, os desafios foram muitos, desde o início, até no sentido do palavreado que me tornei Deputada Estadual, talvez seja a única que sentada naquela casa hoje, então esse tenha sido poucas, ou não sei com essa história de mulher, tenha sentado lá além de mim, ser mulher, ter essa história de vida, ser solteira, ser negra, então, são muitas coisas que servem muitas vezes de filho, então todos esses fatos existentes dificultam a caminhada na vida política, mas está dando tudo certo. [...] eu tenho procurado colocar o meu coração, a minha capacidade de construção e vários foram os momentos de alegria e de felicidade, por ver isso, por ver o outro feliz e eu por estar partilhando dessa felicidade, me colocando ao lado como agente capaz de viabilizar, ou de oferecer possibilidades, dessa construção de felicidade coletiva (Maria Conceição).

Assim que entrei na COSIL, fiz um programa de trainee, passando por várias áreas da empresa, inclusive assumindo a área administrativa-financeira, mas eu não parei aí não, fui convidada para dividir o meu tempo também administrando um hotel do grupo Del Mar que é 5 estrelas localizado na orla, para mim foi maravilhoso novas técnicas de atuação e conciliação, olha fui também responsável pela reativação da ABIH – Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de Sergipe, que fui elevada ao cargo de presidente, enquanto isso estava engatinhando na COSIL, veja eu também sou administradora e faço muito bem os dois papéis, afinal uma engenheira tem que saber também administrar, nem que seja o cargo que ocupa. Meu desejo era exercer bem o meu papel enquanto profissional. No decorrer do tempo não foi possível conciliar os dois locais de trabalho, pois minhas responsabilidades foram aumentando na empresa que é da minha família e tive com o coração apertado que optar, um ou outro e escolhi ficar na COSIL, deixando a administração do hotel. Hoje sou Diretora de Incorporação, responsável pela análise de lançamento do produto habitacional no mercado, ou seja, faço análise de mercado para a empresa- COSIL (Danusa Silva).

Vejamos, bem, a minha caminhada não foi fácil, acima mencionei todas as minhas formações, mas isso foi com muito esforço, sou de uma família de classe média e há tempos atrás ter filhos em colégio particular não era fácil, mesmo meus pais trabalhando, isso me emociona, pois estou onde estou graças a eles e aos meus esforços,

para fazer o Curso de Formação de Oficiais – C. F.O em Pernambuco, esse durou 4 anos e ele me fez chegar até capitã, já o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais- C. A.O na Paraíba, durou 1 ano e cheguei até Tenente-Coronel, mas pretendo chegar a Coronel que é o último patamar da Polícia Militar. [...] Ao retornar para Aracaju fui vista com outros olhos, agora eu tinha uma formação e aperfeiçoamento militar, acima de tudo, a pioneira em Sergipe, ou seja, a 1ª mulher a entrar no quadro de oficiais da Polícia Militar- Q. O. P. M, agora tinha formações que o quadro militar exigia. É bom frisar que em 2002 recebi medalha por 10 anos de tempo de serviço e em 2003, medalha de mérito da Polícia Militar. Paralelo a tudo isso exerci várias funções, que até então, eram funções exercidas apenas pelo sexo masculino, ora, fui Comandante da Companhia Feminina, Comandante do Policiamento de Guardas, Sub-comandante da Companhia da Rádio-Patrolha do 5º Batalhão, Chefa de Subseção de Cadastro de Identificação do Setor Pessoal da 1ª seção do Estado Maior Geral – EMG, Adjunto da 3ª Seção do Estado maior Geral, Adjunto da 1ª seção do Estado Maior Geral – EMG e atualmente estou como Adjunto do Gabinete Militar da Câmara Municipal de Aracaju. Ratifico que todos os cargos que eu assumi e assumo até hoje, sempre tive a convicção de mostrar a competência, com muita responsabilidade e humildade, com esse meu jeito, na qual acredito ser o correto, tenho certeza de que alcançarei ultrapassar os obstáculos conseguindo realizar meus objetivos (Rita de Cássia).

7.3 Ser mulher/ relação de gênero no mercado de trabalho

O gênero hoje em dia pode ser considerado um conceito de valor para o entendimento das transformações da sociedade, assim como o trabalho constitui elemento socializador onde se constrói as relações de gênero. Até porque, no mercado de trabalho o que é exigido acima de tudo é a qualificação profissional a capacitação para exercerem cargos e funções.

Perceber a participação das mulheres no mundo do trabalho passa também por uma questão de gênero, tendo como empecilhos, manifestações de preconceitos, dificuldades para conciliar a carreira com as atividades do lar e a priorização da família, ambas muito absorventes. Como se não bastasse, as ocupações destinadas ao sexo feminino são as de menor prestígio, talvez porque estejam dentro de

uma esfera privada. Além do mais, não são as que possuem melhor remuneração, o que sinaliza rebaixamento econômico (SANTOS, 2009).

As entrevistadas também concordam que não existe certo preconceito machista em relação à mulher no trabalho, como também afirmam que a mulher abriu, e continua abrindo caminhos e espaços preciosos, graças à sua capacidade de conduzir pessoas e situações, enquanto relatam sua história, citando, inclusive, outras mulheres que obtiveram sucesso profissional.

Ser mulher! A mulher tem um significado simbólico, guerreira, nós temos que fazer vários papéis e todos perfeitos, ou quase perfeitos, em minha opinião mulher e homem se completam independentes do papel que lhe são atribuídos. É difícil fazer esse comparativo, até porque percebo que a mulher está se igualando em todos os sentidos com os homens, principalmente no mercado de trabalho, hoje vemos mulheres ocupando cargos. Antigamente os concursos eram exclusivamente para homens, isso está mudando, mas ainda existe um estigma de não aceitação pela classe machista. Vejo que apesar desses entraves a mulher está evoluindo e revelando com muito conhecimento e competência os cargos de destaque que são atribuídos a nós, grandes mulheres no mercado de trabalho. [...] Na Universidade Tiradentes, na qual faço parte da direção superior, com o cargo de vice-reitora, existem momentos que estou entre homens, tomando decisões institucionais e todos acatam as diretrizes a serem executadas, até porque temos metas a atingir, nossa missão é de prestar serviço à sociedade sergipana através de uma educação de excelência, promovendo uma formação na integralidade do cidadão, para isso estamos munidos de valores que conduzem o êxito no mercado, vou falar alguns que acho muito importante: honestidade é o principal, ética, a valorização do ser humano, o compromisso com o outro, a humildade dentre outros (Amélia Maria).

Ser mulher é uma palavra maravilhosa eu definiria como amor, ternura, dedicação, humildade, luta, decência, companheira, ou seja, é ter missões. É inquestionável, falar da mulher no mercado de trabalho, ela abriu e continua abrindo caminhos e espaços preciosos no mercado de trabalho, quando falo de mulher, deixo explícito sua capacidade e habilidade de conduzir situações e pessoas, vejo esse entrelaçamento. E não há dúvidas que isso se deve, entre outros fatores, ao ingresso decisivo da mulher no mundo da educação. [...] Hoje vemos mulheres frente à engenharia, nesse caso na área de construção civil, mulheres reitoras, dentre outras. Vou dar uma ênfase, que dos 27 tribunais de justiça espalhados pelo país, além de Sergipe, somente a Bahia, Acre, Pará e Rondônia tem o cargo máximo do judiciário ocupado por uma mulher, agora me reportando ao Tribunal de Justiça de Sergipe, além da presidência, a nova mesa diretora do Tribunal de Justiça é composta por cinco membros incluindo a presidente, conta com mais três mulheres, desembargadoras: Clara Leite Rezende, Marilza Maynard Salgado e

Maria Aparecida Santos Gama da Silva, sendo que as duas primeiras já foram presidentes do Tribunal de Justiça. Ratifico que, um grande desafio para mim foi dar celebridade à justiça sergipana contando é lógico com a parceria dos servidores e desembargadores, trabalho com muita seriedade, eficiência, transparência, eficácia nas decisões, isso marca a minha trajetória, enquanto presidente do Tribunal de Justiça veja que minha longa história no poder judiciário estadual, foi pontilhada de lutas e sucessos (Célia Pinheiro).

A mulher no país inteiro, e em certos aspectos no mundo, ainda deixa a desejar a mulher ainda precisa muita luta para ocupação de espaços no mundo do trabalho em nossa sociedade, quer seja, ela tem que ser superdotada, ela tem que dar conta da casa, dos cuidados da casa, os cuidados com filhos e filhas, os cuidados, e o zelo e a preparação para o acolhimento do companheiro, quando possui e trabalhar fora do lar para se manter ou contribuir com a renda familiar, ainda há a concepção que o trabalho para o mundo masculino é apenas o trabalho fora da casa, fora do lar, no máximo os que são entre aspas, muito bons, fazem à feira e olhe lá, e tudo mais é para a mulher dar conta. Então, ainda é resultado da nossa educação, é possível cada um, no seu canto, no seu espaço familiar, no seu espaço profissional, sejam agentes de transformação dessa realidade, sejam homens e mulheres constituindo uma sociedade igualitária, nos direitos e também nos deveres, sabemos que há atividades na vida em sociedade que são mais, mulheres têm mais jeito para a socialização e outras, homens têm mais jeito para suas realizações, mas às vezes nos acomodamos e ficamos muito restritas naquilo que já é lugar comum, então, nesse aspecto já é difícil a mulher concorrer, ela vai concorrer ao mundo do trabalho lá fora muito mais cansada do que o companheiro, mas, mesmo assim, a disputa na sociedade por essa ocupação, levou a mulher despertar uma inteligência emocional, é mais aguçada, do que o homem ao lado da inteligência racional, então de superar as dificuldades e buscar frente de novas oportunidades e não deixar abater pelas intempéries que lhe surgem e isso fortalece de qualquer forma o gênero feminino nessa disputa de espaço e ela se tornou capaz de dar conta de várias coisas simultaneamente, diferentemente, das adversidades menos sofridas pelos homens, que impossibilitou afetar a energia e o racional em uma única coisa, então às vezes, se destaca demais em uma atividade única, o homem, e é muito bom naquilo que faz, mas não consegue ver os lados, ter as adversidades e ter a capacidade, de uma forma integral, ver outras constituintes de um processo, de um sistema, de uma vida e isso termina sendo competência para a mulher (Maria Conceição).

Ah, ser mulher é uma complexidade, eu diria que ser mulher é sublime, você vai querer que eu denomine o que é “SER MULHER”? Olha vou falar na minha concepção, mesmo vindo a crer que somos frutos de uma sociedade predominantemente machista, os homens se acham superiores, mas deixa isso pra lá, é um processo histórico, você sabe não é? É cultural, a mulher há tempos atrás era submissa, não quero dizer que hoje elas não sejam ainda, existem aquelas que aceitam tudo, eles ditam as regras, olha estamos em outro tempo onde a mulher é vista lado a lado deles, ou até mesmo acima, quando ocupa um cargo de destaque, seja em todos os aspectos: sentimental, profissional, social dentre outros,

essa mulher que se deixa dominar é cúmplice do sistema. Eu também aplaudo aquelas que parecem comigo independentes, determinadas, batalhadoras que têm por obrigação cumprir metas profissionais, ora eu lutei, a minha vida não foi fácil apesar de ser de uma família classe média, não vejo a mulher como sexo frágil, como muitos homens dizem e até mesmo muitas mulheres aceitam e dão reverência a eles. Ser frágil que nada! Eles não sabem o que é ser frágil, os homens não agüentariam fazer o que fazemos não é? A mulher é munida de capacidades, falo daquelas que querem crescer, para ela ser considerada e respeitada tem que mostrar a capacidade e mostrar para que veio, ter a identidade definida, sua importância deve ser exalada, como um perfume que contagia todo ambiente rs., Não é pela empresa ser da minha família que eu tenho que deixar as coisas a vontade, eu tenho que dar exemplo, me polio o tempo inteiro e sempre digo que eu posso fazer melhor, sabe eu cobro de mim mesma a perfeição, embora a construção civil ainda tenha um perfil masculino, não vejo isso como uma ameaça, ou como oportunidade, ora bolas, me vejo em um mundo empresarial, onde preservo a competência e não o sexo. Um exemplo disso é que coordeno equipes e a maioria são homens, você sabe não é?, afinal é uma construtora e eles respeitam, no final entramos em consenso, trabalhamos em prol da empresa, dos funcionários e dos clientes também, se a empresa lucra todos lucram juntos, trabalhamos, mas nem tudo é um mar de rosas (Danusa Silva).

Para mim é um orgulho ser mulher, pois sempre busquei melhorias e os espaços que vieram através do conhecimento, foi assim que cheguei ao cargo que ocupo atualmente, analiso que nada fora feito de forma aleatória, eu tinha objetivos e estou conseguindo alcançá-los paulatinamente, não é toa que ocupo cargo que há tempos atrás eram ocupados apenas por homens, eram exclusivos, os méritos eram deles, inclusive fui a 1ª mulher a ingressar na Polícia Militar, isso não é fácil, mas observo que ainda são poucas mulheres que ocupam cargos de destaque na sociedade sergipana, mas essas poucas exercem seus cargos com muita competência e para chegar a assumi-los tiveram que ultrapassar os obstáculos. Mas vamos clarificar os questionamentos, dentro do contexto da palavra “Gênero”, sei que gênero é atribuído as diferenciações de comportamento do homem e da mulher, os papéis são diferenciados e todo esse contexto se torna problemático, pois a sociedade fica passando de geração a geração, esse estigma do comportamento subserviente da mulher em relação ao sexo oposto, ou seja, o homem. Olha! Eu vejo, que tudo isso é uma questão cultural e isso pode ser mudado e muitos passos foram dados, existem muitas mulheres no mundo e no Brasil que são competentes e muito respeitadas, no nosso Estado, temos mulheres fantásticas que ocupam cargos de destaque, temos exemplos de mulheres que chegaram a serem Presidentes do Tribunal de Justiça, é um avanço ou não é? Temos mulheres atuantes frente ao Ministério Público, em empresas privadas de renome nacional e estadual, no meio político em âmbito Federal, Estadual e Municipal, então isso é busca de mudanças, mas ainda vejo que no mercado de trabalho ainda existem resistências do sexo oposto, eles ignoram o êxito da mulher, mas isso para nós mulheres é um simples fato rsss. Se não lutamos, ou ao menos tentamos como vamos saber se conseguiremos ter êxito nas nossas funções? Sei que não é fácil, a luta é árdua, mas se quisermos conseguiremos. Não é? Ser mulher é resumidamente

independência, humildade, ternura dentre outras características rsss (Rita de Cássia).

7.4 Preconceito/discriminação por ser mulher e ocupar cargo de destaque

A ascensão feminina no mercado de trabalho evidencia o processo de lutas reivindicatórias pela sua emancipação, criando condições para a mulher poder assumir uma nova identidade, de acordo com os novos direitos adquiridos que lhes dão autonomia para viverem com auto-suficiência os seus novos papéis.

A ascensão profissional traz às mulheres a garantia da sua participação social, pois, de acordo com seus méritos, tornam-se para a sociedade pessoas capazes e auto-suficientes, adquirem um novo status, enfrentando com maior segurança os problemas e avançando em novas conquistas. Quando as mulheres ascendem na vida econômica, ocupando cargos de destaque, percebem que a sua participação nos contextos sociais encontra-se em mesmo pé de igualdade com os homens, não se deixando intimidar em situações em que predomina o julgamento da sociedade machista (LEITE, 1994).

Portanto, é fato notório que o conhecido sexo frágil está conseguindo reverter em seu benefício, problemas próprios do cotidiano do mercado de trabalho, em que a mulher passa a igualar-se ao homem, e aquela antiga fragilidade passa a ser questionada, agora, pela classe masculina, isso, se já não foi abolida totalmente das suas mentes, restando somente uma vaga lembrança de épocas passadas, quando a mulher se deixava calar diante da supremacia masculina.

As entrevistadas concordam que ainda existe preconceito, mas que não sofreram nem pelo fato de serem mulheres, nem por ocuparem lugares de destaque no trabalho.

Ah! Falar de preconceito, é falar de um conceito antecipado, como posso dizer, é um pré-julgamento e a discriminação seria deixar o indivíduo a parte, ratifico que seria a violação de direitos do cidadão, não sei se deu para você entender, mas quero deixar claro, que nunca sofri nenhum dos dois, percebo isso como algo sombrio e isso não faz parte da minha vida. O cargo que ocupo, ou seja, a minha titularidade é por capacidade, assim como existem várias mulheres que ocupam cargos, conheço mulheres que são reitoras de universidades no Brasil e elas são muito capazes até muito mais que os homens, por serem cautelosas, perfeccionistas e analisam fatos cruciais, invertendo problemas em soluções. Para mim é gratificante ocupar o cargo que ocupo nos dias atuais, pois exerço com capacidade, satisfação e muito respeito (Amélia Maria).

Nunca sofri preconceito e nem discriminação por ser mulher, sempre fui respeitada e bem aceita, caso haja, pois eu nunca percebi até o presente momento, ele será vencido com um trabalho sério, atuando com descrição, competência e humildade. Vejo que o preconceituoso eu o definiria como um ser que se sente ameaçado pela presença do outro. É preciso conhecê-lo e lhe inspirar confiança. Existem fatos que me recordo em que as mulheres não tinham acesso ao judiciário, por se acharem limitadas e incapazes e hoje temos circunstâncias que até o Supremo Tribunal Federal foi dirigido por uma mulher que abrilhantou o Supremo com o seu sucesso profissional, eram dez ministros masculinos dirigidos por uma mulher. Quando tomei posse da presidência o nosso governador fez questão de me parabenizar, por ser mais uma mulher a ocupar o cargo da presidência do Tribunal de Justiça, para mim é gratificante ver mulheres brasileiras exercendo, ou ocupando cargos de destaque, principalmente no judiciário, que eram ocupados apenas pelo sexo masculino, isso era perceptível. Embora deva registrar um considerável avanço, sobretudo no serviço público, onde as mulheres estão na magistratura, no Ministério Público Federal e Estadual, nas procuradorias Jurídicas Federais, Estaduais e Municipais, nas Delegacias de Polícia e também como agentes policiais ou integrantes das carreiras militares, mas ainda se nota a existência de barreiras na atividade privada, onde se entrega ao homem posições de chefia ou mando. Enfatizo que infelizmente, ainda se percebe um tratamento preconceituoso em relação às mulheres, quando se analisam as remunerações percebidas. Com exceção do serviço público, onde os salários são padronizados, independente do gênero, o homem continua mais bem remunerado que a mulher. Na iniciativa privada em nosso Estado, as mulheres embora integrem em grande percentual a massa prestadora de serviços, não têm ocupado como deveriam, cargos e funções de mando que, na maioria das vezes, são reservados aos homens (Célia Pinheiro).

Ainda há muito preconceito com relação as atividade profissionais, então a sociedade cobra muito ainda, de algumas atividades profissionais realizadas pelos homens, mulheres também, às vezes ainda se disputam no espaço, nós sabemos que no mundo político, por exemplo, é, a mulher não votar em outra mulher, embora falem dos direitos da mulher, falem de busca de perspectiva das mulheres, fale de tão, eu não estou dizendo que todas que estão inseridas na política estão preocupadas com isso, mas a grande maioria está e as

demais não encontrar nelas a sua representação no espaço do poder. (Maria Conceição).

Que pergunta essa em? Veja só! Preconceito é algo que, deixe-me explicar, tenho que refletir sobre o conceito para me adequar à pergunta, preconceito seria uma idéia pré-concebida, ora! Julgar sem conhecer e a discriminação seria a ação ou omissão que vai de encontro aos direitos, seria isso? No pouco conhecimento que tenho, afirmo que nunca fui vítima de nenhum dos dois. Olha! Particularmente, nunca sofri, nem mesmo percebi nenhum tipo de preconceito ou discriminação por ser mulher, ou por ocupar um cargo que ocupo na empresa, começando pela minha própria família, isso nunca foi um empecilho e estou sendo sincera com você, nunca tive regalias por ser mulher, ao contrário tinha que me dedicar mais. Acredito que embora a submissão ainda exista, mas as mulheres estão ocupando espaços que antigamente eram apenas ocupados pelos homens, isso é um avanço, hoje a gente vê as mulheres, assumindo empresas, gerenciando negócios, fechando contratos nacionais e internacionais, mulheres que são presidentes como exemplo a do Chile, falo de Michelle Bachelet. A mulher está conquistando o seu espaço na sociedade, olha! Falo conquistando porque ainda não foi consolidado, mas a passo a passo ela mostra que pode se trabalhar com eficiência e eficácia. Hoje temos a liberdade, olha, quando falo de ser livre é nas suas ações, conduta e um fator primordial é na liberdade intelectual. Muitas vezes as mulheres se sentem discriminadas, mais por um modelo mental, que elas adotam do que pelo menos o ato da discriminação possa realmente acontecer, eu diria que provoca até, muitas vezes leituras de realidades que não são verdadeiras, ou não existam e sim resultados das suas próprias interpretações. Esse estigma tem que acabar (Danusa Silva).

Preconceito e discriminação, essas duas palavras para mim não existem. São palavras para pessoas pobres de espírito, eu nunca percebi nenhum tipo de discriminação e nem preconceito dos meus colegas para comigo, dentro ou fora do quartel, mas se existiu ou existi isso não me incomoda, pois hoje sou Tenente-Coronel com muita luta, isso foi demonstrado no decorrer da entrevista na minha trajetória de vida, pois bem, estou exercendo o cargo que exerço por competência, em conversas informais e até mesmo nas conversas formais, sempre digo para meus colegas que estou em aperfeiçoando, pois sem conhecimento intelectual não vamos a lugar nenhum. O conhecimento nos dá, como posso dizer, eu resumo que, o conhecimento abre oportunidades, basta querermos, é lógico primeiro temos que acreditar que somos capazes e com muita habilidade exercer bem as nossas funções. Por isso, preconceito e discriminação os ignoro como sou muito determinada e tenho metas a atingir isso não me atinge (Rita de Cássia).

7.5 Influências

Sabe-se que desde tempos muito remotos, a influência da família, através das condições oferecidas em seu ambiente físico e social, sempre foi

considerada como um elemento fundamental no desenvolvimento do caráter do indivíduo tal fato pode ser confirmado de acordo com as falas das entrevistadas.

Influência? Não posso deixar de falar que a pessoa que me incentivou durante toda a minha, enquanto acadêmica e profissional foi Jouberto Uchoa, ele quem influenciou toda a minha trajetória profissional, acreditou na minha capacidade e nas minhas ações, pois juntos superamos todas as dificuldades advindas dessa longa trajetória, enquanto eu respondo pelas questões internas da instituição, ele cuida das relações externas (Amélia Maria).

Influências!! Recebi da minha família na figura materna e paterna, acredito que eu concretizei um sonho deles e o meu também, ser magistrada chegando a presidência do Tribunal de Justiça, além de galgar passo a passo cada cargo ocupado, em suma foram eles quem me influenciaram, além do sonho que me animou desde criança (Célia Pinheiro).

Inicialmente, a minha mãe falava muito que entendia que eu devia ser professora, até por que vínhamos de uma sociedade cujo parâmetro para famílias de classes populares, são as classes mais simples da sociedade, filhos de trabalhadores assalariados, filhos de homens e mulheres na cidade, no meio urbano, que dependiam de escola pública, para seus filhos e filhas, havia um entendimento na minha época infantil de que a forma mais fácil de arrumar emprego era ser professora, porque existia uma necessidade cada vez mais ampla, era um campo cada vez mais aberto, pela necessidade de formação de mais pessoas para lidar com educação, pois minha mãe sempre falava, mas eu não queria ser professora, então fiz uma escola inicial, hoje é tudo ensino básico, mas naquela época fiz o antigo curso ginasial em uma escola de formação para professores, mas quando chegou a época da formação de professores que era ensino médio de formação pedagógica eu sai a escola e fui para escola de formação que naquela época era considerada científica, preparar para vestibulares fora das linhas de educação, mas eu fui estudar sim, precisava trabalhar cedo, estudava à noite e pelo dia por ironia do destino fui dar aula, dava aula de reforço escolar, hoje isso seria proibido teria que chamar o conselho tutelar, mas eu fui dar aula com 14 anos de idade, dava aula de reforço escolar aos meninos de 1º e 2ª séries, estudando o 1º ano do ensino médio e a referência foi estudar um pouco aquilo que minha mãe tinha dito e as circunstâncias da vida, foi a 1ª oportunidade de trabalho que apareceu na minha frente. Então, muitas pessoas na minha caminhada de lá para cá foram referências, foram educadores, foram educadoras que serviram de referência em minha caminhada servem até hoje, as influências são do meio, são do meio familiar, foram das circunstâncias da vida, que foi o que me ofereceu inicialmente tentei até outra coisa de trabalho, mas só dava certo com o ensino, aí eu tive que ir por esse caminho e aprendi a gostar. Então, acho que tudo passa pela educação, tudo passa pela capacidade de despertar no outro a vontade de aprender e nessa troca o educador vai

constantemente também aprendendo, se refazendo, se construindo a cada dia na relação de ensino-aprendizagem. Minha mãe era prenda do lar, mas costurava para as filhas de dentro de casa e meu pai era um pequeno comerciante então, ela tinha comércio de material de construção, tinha carro de praça, mas muito cedo faleceu, gastou muito ainda jovem com tratamento de saúde e logo cedo faleceu, com 31 anos de idade e minha mãe foi viver de costurar, naquela época a previdência era muito complexa e muito ainda incipiente no país e minha mãe, chegou a receber uma época meio salário, do salário mínimo vigente pelo que ele tinha pagado e os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras sem nenhuma capacidade de interlocução mais qualificada, mais determinada do mundo jurídico, ficava por muito tempo a mercê e ela precisava trabalhar para manter as duas filhas (eu e minha irmã) e essa foi a base da construção da família e das possibilidades de ocupação de espaço na sociedade. Quando meu pai morreu eu fiquei com 6 anos e minha irmã com 4 anos de idade (Maria Conceição).

Minha família foi à grande precursora, falo que foram meus pais e meus irmãos tenho dois irmãos que são engenheiros, assim como eu, tenho uma irmã administradora e uma arquiteta, todos trabalham na COSIL, mais meu pai, ah meu pai! Meu pai é o espelho de dignidade, caráter, personalidade e muito trabalho que me inspirei para minha atuação profissional, foi com ele que aprendi construção civil, sabe que aprendemos muito mais na prática, ele sempre direcionou o caminho certo que devia seguir você sabe que família é família não é? Hoje me entristece ver a instituição familiar sendo colocada em um plano secundário, veja só, eu tenho irmãos e eles sempre me deram incentivo para que eu buscasse o que desejava, não era da boca pra fora, eles falavam com o coração, muitas vezes desprezava a super proteção deles. Minha família me influenciou muito, me ajudava estava sempre presente, quando em muitas vezes estava passando por situações difíceis eles levantavam minha auto-estima. Por mim mesma resolvi subir cada degrau da empresa, conhecendo cada departamento, assumindo cargos mais simples e tudo foi acontecendo de forma natural e pouco a pouco, fui conquistando meu espaço e o respeito de todos com muita capacidade, graças a DEUS tenho uma família harmoniosa falo de amor mesmo e carinho, entre pai, mãe e irmãos. Eles foram fundamentais na minha trajetória, eles confiam a diretoria da empresa a mim (Danusa Silva).

Recebi influência principalmente, digo que foram os que nortearam toda a minha trajetória, aliás, os responsáveis, foram meus pais e meus irmãos eles sempre foram compreensivos e me apoiavam sempre que estive ausente, eles bem sabem como foi difícil para mim, pela hierarquia militar só permitiam que eu viesse a Aracaju visitar a minha família de vez em quando, isso para mim era terrível, mas tinha que saber que era concursada e tinha que cumprir às ordens do meu superior, além disso tinha o fator financeiro, pois muitas vezes não tinha condições financeiras de vir a Aracaju, pois quando vinha era de ônibus e como era muito distante passava horas de viagem, quando chegava a Aracaju já era hora de voltar, meus irmãos não tinham condições de ir me visitar, eles tinham os trabalhos deles, a vida deles. Ah! Não posso deixar de mencionar, meu namorado na época que também me incentivou e muito, além de ser

compreensivo, pois se não fosse não estaríamos casados hoje (Rita de Cássia).

7.6 Dificuldades e conciliação da vida familiar com a vida profissional

A ascensão da mulher no mercado de trabalho foi necessária para o rompimento de barreiras discriminatórias de uma cultura paternalista e avançando em direção a novas conquistas, mostrando ser a mesma capaz de optar mais livremente e sem sentimentos de culpa por conciliar seu papel de profissional, esposa e, principalmente, de mãe.

Tive muita dificuldade no início da minha vida para conciliar o papel de mãe e profissional, pois sempre tive que ajudar meu esposo e penso que naquela época não dei assistência devida aos meus filhos quando eles eram pequenos, mesmo sabendo que quando eu saía para trabalhar, eles estavam seguros, pois foram muito bem criados com a ajuda das minhas irmãs, hoje em dia vejo a situação inversa com meus netos, eles têm uma educação e assistência diferenciada, eles têm dedicação exclusiva de meus filhos e filhas, até hoje meus filhos lembram que eu os deixava com as tias e dentro de mim acredito ser uma cobrança do passado. Sei que ser mãe é muito mais que procriar, ser mãe é amor, é dedicação é inculcar valores. Inclusive todas as terças-feiras convoco reunião de família, ou seja, com meus filhos, aqui na empresa, a reunião começa às 09:00 e não tem hora para terminar, esse é o momento que tenho exclusivo com eles para resolvermos as pendências e conversarmos. No que concerne ao item esposa, sempre estou lado a lado com Uchôa, até porque somos donos da Instituição e temos que estar à frente, apesar de que meus filhos dão um ótimo andamento nas ações, pois a eles são atribuídos funções e eles fazem jus delas. Vamos falar agora de uma dificuldade, essa que tive e ainda tenho, acho que é a maior delas, é lidar com adolescentes que fazem parte da universidade, pois não tolero determinadas atitudes deles, um exemplo disso é o aluno falar mais alto que o professor, isso para mim é uma falta de respeito, mesmo sabendo que estamos em outra geração e que eu tenho que me adequar. A minha formação, a criação dos meus filhos são outra, vou te dar um exemplo de criação! Até hoje meus filhos tem por obrigação de pedir a bênção a mim e ao pai, nos beijar e dar bom dia, isso é respeito e para mim é prazeroso entregá-los a Deus todos os dias, isso é uma forma de demonstrar meu carinho e amor para com eles. Por não permitir determinadas condutas dos alunos é que eu deixo essa função para a área acadêmica. Ah!! Esqueci de lhe dizer, que é no meu lar que eu me realizo, a minha casa é meu xodó, essa é a minha realização pessoal, gosto de cuidar da minha casa, ainda gosto de ver se está tudo em ordem, se tem algo fora de lugar rrrrr (Amélia Maria).

Dificuldades! Claro, existiram e ainda existem por eu estar ocupando esse cargo, falo que estou, é algo transitório, assim como muitas coisas em nossas vidas, dificuldades para mim são estímulos para que eu faça cada vez melhor, as coisas com as quais me comprometo. Na minha vida nunca tive dificuldades intransponíveis. O tempo nunca é escasso. Tudo depende de um bom planejamento. Eu sempre tive tempo para trabalhar, para o estudo, para os deveres e compromissos com o lar. A magistratura e a maternidade conviveram pacificamente na minha jornada. Posso te falar que a mãe ajudou a melhorar a visão da juíza, a juíza contribuiu para desenvolver o compromisso da mãe com a educação de seus filhos, por mais severa que eu seja às vezes no cumprimento dos meus deveres, fazendo assim cumprir a lei. Creio e amo, isso me capacita no sucesso. Nunca perdi de vista a minha humildade e aprendo a cada dia a render graças a DEUS, isso são todos os dias, tantos pelas vitórias como pelos tropeços. O tempo do fracasso que é o melhor para a sementeira do sucesso, eu sou um exemplo, assim como muitas mulheres desse imenso Brasil, país que eu amo, apesar das divergências (política, econômica, cultural e principalmente a social) contidas. Entretanto dificuldades existem independentes de sexo, posição social, aliás, em todos os âmbitos isso é um processo natural (Célia Pinheiro).

Olhe! A mulher para de destacar nesses espaços que eu falei de lideranças, quer seja em um trabalho diretivo de empresa, como na vida política, na vida pública, é difícil às vezes, porque nem outras mulheres, às vezes acreditam em outras mulheres, então, você chegar ali e convencer os homens, mas, às vezes algumas conseguem isso com maior clareza para convencer a sociedade e, consegue se eleger, mas às vezes a estrutura partidária é muito voltada para os homens, o mínimo que os partidos contribuem com uma candidatura, sempre preferem e sempre colocam maior possibilidade, maior credibilidade e às vezes os recursos também nas candidaturas masculinas. Então, depois vêm os limites nas ocupações de espaços, achar que esse ou aquele enfoque são coisas de mulher, não existem assuntos mais ou menos importantes na sociedade, e assuntos que são dos homens e assuntos que são das mulheres. As mulheres podem tratar do desenvolvimento sustentável das comunidades, dos Estados, as mulheres podem estar voltadas para a preocupação com a educação, como eixo principal para o despertar das potencialidades humanas, pode estar despertas para as políticas de assistência que buscam ver o outro de forma solidária mesmo nos limites das condições econômicas-sociais e aí, ela se faz liderança no seio da sociedade, a partir da relação humana, a partir da sua concepção de vida, a partir de sua identidade com políticas de inclusão, com políticas de assistência, com políticas de desenvolvimento social, mas possui a mesma tenacidade, a mesma capacidade de idear a busca do desenvolvimento global, econômico para um Estado, para uma cidade e para um país. Não é fácil conciliar o papel de mãe, filha e profissional, estabelecer por essa vida intensa, vivida o tempo inteiro no engajamento das questões da educação, da construção da sociedade que, talvez eu nem tenha cuidado direito da vida afetiva pessoal, que eu sou até agora solteira, então, deve ter passado aí despercebida até agora, olhando muito no que eu tenho muito que fazer, dizem assim comigo e eu fico olhando muito para o trabalho, mas Deus me potenciou a oportunidade de em determinado momento na vida decidir, é, acolher pelo coração 3

filhos- 2 filhas, 1 filho, que são maiores e estão começando a ser independentes e 1 neto e tenho essa família, então que a vida me ofereceu e uma família pequena, como minha família de origem também, que minha mãe ficou viúva cedo só tinha eu e minha irmã, minha irmã tem 1 filha. Então, é um matriarcado um pouco limitado nos seus elementos, mas que acha também ter dado certo. Então! Estamos buscando a ocupação de espaços de nos colocarmos a disposição para servir a sociedade, porque minha mãe e minha irmã, embora não sejam políticas de cargos eletivos nem filiadas, mas tem trabalhos sociais, mas também porque assim nós fomos acostumadas, criadas dessa natureza, minha mãe até hoje está fazendo 80 anos daqui a 2 meses e a mais de 50 anos que dirigi um trabalho semanal com um grupo de mulheres construindo enxovais para recém-nascidos para darem a mulheres que engravidam, cedo, que não tem como manter os filhos que vão nascer que não tem, então, fui criada num trabalho numa vida, numa sociedade, numa família que a preocupação era servir ao outro, minha irmã também muito envolvida, nesse trabalho social de contribuir e ajudar tanto minha mãe como a mim nos trabalhos, na instituição que eu criei que atende hoje mais de 300 crianças e adolescentes, que trabalha com mulheres, fomos formadores de uma instituição, hoje estamos mais distantes pelo cargo eletivo, mas que trabalham com crianças, adolescentes e geração de renda. Então, mulheres e homens estão produzindo camarão, peixe, artesanatos, alguma coisa para sobrevivência e dessa forma é que vamos fazendo atuantes as nossas possibilidades de ação, então a minha família é militância, eu também fui sempre assim, muito voltada para o social (Maria Conceição).

Se fosse para começar a minha vida faria tudo a mesma coisa, os tempos são outros, mas eu não mudaria o meu jeito de ser, pois sei exercer muito bem os três papéis, o de mãe, de dona de casa e esposa, sabe falo de esposa porque nunca o deixei a mercê, infelizmente, atualmente estou separada, essa situação é tão nova para mim, mas estou me acostumando, vou ampliar para cinco papéis o de filha e o de irmã, agora está completo não é? A minha jornada é dupla às vezes até tripla de trabalho e quando termino a minha jornada na empresa, cansada do dia inteiro, ainda tenho que sair do cenário laboral e entrar no cenário familiar, desempenhando as mais variadas funções, a de acolhedora, de amiga, de doméstica, assim a digo, que o equilíbrio tem que existir, pois os problemas da empresa não trago para casa, assim como os de casa não levo para empresa, tenho horário dedicado a minha família, se não como vai ser? Já tenho dedicação tempo integral à empresa à noite é para colocar tudo em ordem e dar atenção as minhas filhas. Na empresa não tenho dificuldade e o que facilita a minha atuação é a equipe competente e responsável que compõe a empresa, você sabe, que ter uma boa equipe não é fácil, para manter esse padrão é muitas vezes desgastante, pois tenho três reuniões diárias para que assim eu possa ter o contato direto semanal com todos os gestores da minha área, após as reuniões departamentais, dedico parte do meu tempo para avaliar as atividades do dia e seleciono as mais urgentes, selecionando os assuntos que precisam ser tratados e observados, veja só! Meu dia de trabalho termina geralmente às 19:30. Sabe não quero apenas me destacar no profissional e não me destacar no seio familiar, para mim, falo que para mim, não sei como outras mulheres

pensam, mas vejo que não existe destaque profissional sem um alicerce familiar (Danusa Silva).

Inicialmente, quem não tem dificuldades? Principalmente uma mulher que ingressa na área militar e fui eu quem dei abertura para o seguimento feminino dentro da Polícia Militar, mas apesar das dificuldades sempre soube administrar meu duplo papel, dona de casa e esposa, mesmo tendo uma tripla jornada no trabalho, pois trabalhava tempo integral e ainda tinha o cumprimento das escalas, meu esposo nunca reclamou rss. No tocante aos filhos esses eu não os tive infelizmente e nem os terei, pois não posso ter, já tentei adotar, mas a burocracia é tão grande que me desanima em querer adotar um filho, já desisti de ser mãe, estou passando esse amor de mãe para meus sobrinhos e afilhados, que não deixam de ser meus filhos também. Veja bem, no cargo que estou, a única dificuldade que vejo ultimamente são as execuções de alguns projetos que dependem de verbas, ou seja, licitações, mas na Polícia Militar existem verbas exclusivas para o desenvolvimento intelectual para aqueles que têm interesse, é lógico, como acontece isso, deixe eu explicar, existe um planejamento anual com pedidos por exemplo: frotas de carros, uniformes, cursos dentre outros. Logo, a instituição militar, está valorizando mais os seus funcionários, desejando que eles cresçam intelectualmente, hoje é uma minoria dentro da PM que não é formado, e eu vejo isso como um grande avanço (Rita de Cássia).

7.7 Uma frase final

Aqui, as entrevistadas, baseadas em suas experiências, dão uma palavra para as mulheres que pretendem ascender no mercado de trabalho, onde se percebe que incentivam o estudo, uma escolha profissional que lhes deem não só independência financeira, mas também prazer, que confiem na sua capacidade e busquem seus ideais.

A mulher tem que ter sua independência financeira, buscando algo que a satisfaça, tem que ter uma segurança para o futuro. O emprego é uma independência, mas não esqueça que paralelo a isso devesse existir o sentimento de prazer no que faz (Amélia Maria).

Primeiro, procure fazer o que ama e se não conseguir, basta aprender a amar o que faz. Estude, conserve a humildade e não desista diante dos obstáculos. Pense sempre positivamente. Você será exatamente aquilo que deseja ser. Se for pessimista encontrar-se-á com o fracasso, mas se for otimista, alcançará os resultados desejados (Célia Pinheiro).

As mulheres têm que estar com os olhos abertos para essa evolução, seja na cidade ,seja no campo. Então são essas buscas de direitos que devemos estar engajadas, fortalecidas, estarmos buscando, propiciando as possibilidades de direitos iguais para homens e mulheres na sociedade. Então! Elas são resistentes, mulheres estão ocupando espaços maiores nos concursos, já vimos concursos no mundo jurídico que a maior parte é mulher, isso é um avanço, nas universidades a mesma coisa. Então devemos fazer uma construção e estabelecer uma relação mais geométrica entre homens e mulheres, gênero e trabalho. As mulheres se acreditem como seres humanos capazes de produzir o tanto quanto, não disputando espaços com ele, sabendo que há lugar para os dois, que as mulheres se acreditem e acreditem na outra, nós temos que estar unidas para criar um espaço de construção coletiva. Para construirmos uma sociedade mais igualitária e mais justa (Maria Conceição).

Nunca deixe que o fato de ser uma mulher, isto impeça a realização de qualquer sonho ou o atingimento dos seus objetivos desejados. Às vezes o “preconceito” está dentro das nossas próprias cabeças. Os percalços existem e devem ser ultrapassados (Danusa Silva).

Que as mulheres que estão ingressando no mercado de trabalho, não desistam que sempre busquem seus ideais, superem os obstáculos. Sabendo que para isso precisam estar convictas do conhecimento, falo intelectualmente e culturalmente (Rita de Cássia).

8 CONCLUSÃO

Os dados levantados na pesquisa em pauta permitiram estabelecer um diagnóstico preciso a respeito da trajetória das mulheres sergipanas que através da ascensão no mercado de trabalho ocupam cargos de destaque na sociedade, e certamente servindo de incentivo para outras mulheres.

Através de pesquisa bibliográfica foi possível saber que a ascensão feminina no mercado de trabalho representa, de fato, uma vitória conquistada a partir das muitas lutas travadas pelas mulheres no transcorrer da história. A resistência de uma sociedade com características predominantemente machista e manipuladora das ações femininas, incutindo em suas mentes valores normativos legitimados da opressão e subordinação da mulher a qual costumava sempre ser apenas a responsável pela vistoria e supervisão do domicílio, primando pelo bem-estar da família.

O tempo nunca é escasso. Tudo depende de um bom planejamento. Eu sempre tive tempo para trabalhar, para o estudo, para os deveres e compromissos com o lar. A magistratura e a maternidade conviveram pacificamente na minha jornada. Posso te falar que a mãe ajudou a melhorar a visão da juíza, a juíza contribuiu para desenvolver o compromisso da mãe com a educação de seus filhos, por mais severa que eu seja às vezes no cumprimento dos meus deveres, fazendo assim cumprir a lei (Célia Pinheiro).

Mas, através da conscientização da necessidade de estudar, passou a adquirir maior confiança no seu agir, adentrou no mercado de trabalho e hoje, graças a sua competência, avança até em áreas antes exclusivamente masculinas. No entanto, a mulher, mesmo tendo uma profissão, não se libera dessa responsabilidade, deixando claro que não abre mão do seu papel de dona de casa, mãe e esposa, acumulando dupla jornada de trabalho.

Tive muita dificuldade no início da minha vida para conciliar o papel de mãe e profissional, pois sempre tive que ajudar meu esposo e penso que naquela época não dei assistência devida aos meus filhos quando eles eram pequenos, mesmo sabendo que quando eu saía para trabalhar, eles estavam seguros, pois foram muito bem criados com a ajuda das minhas irmãs [...] até hoje meus filhos lembram que eu os deixava com as tias e dentro de mim acredito ser uma cobrança do passado. No que concerne ao item esposa, sempre estou lado a

lado com Uchôa, até porque somos donos da Instituição e temos que estar à frente... (Amélia Maria).

A minha jornada é dupla às vezes até tripla de trabalho e quando termino a minha jornada na empresa, cansada do dia inteiro, ainda tenho que sair do cenário laboral e entrar no cenário familiar, desempenhando as mais variadas funções, a de acolhedora, de amiga, de doméstica, assim a digo, que o equilíbrio tem que existir, pois os problemas da empresa não trago para casa, assim como os de casa não levo para empresa, tenho horário dedicado a minha família senão como vai ser? (Danusa Silva).

As regras impostas pela sociedade permitem-nos perceber que a classe feminina está conseguindo vencer a ideologia cultural instituída historicamente, pois seja nas relações familiares ou no âmbito das relações do trabalho, há, por parte das mulheres, uma tendência em partilharem com o homem a decisão final e por vezes definitiva em diversas situações, revelando o respeito e a supremacia entre os gêneros.

As mulheres se acreditem como seres humanos capazes de produzir o tanto quanto, não disputando espaços com ele, sabendo que há lugar para os dois, que as mulheres se acreditem e acreditem na outra, nós temos que estar unidas para criar um espaço de construção coletiva. Para construirmos uma sociedade mais igualitária e mais justa (Maria Conceição).

Em relação a preconceito, as entrevistadas concordam que ainda existe preconceito, mas que não sofreram nem pelo fato de serem mulheres nem por ocuparem lugares de destaque no trabalho.

O cargo que ocupo, ou seja, a minha titularidade é por capacidade, assim como existem várias mulheres que ocupam cargos, conheço mulheres que são reitoras de universidades no Brasil e elas são muito capazes até muito mais que os homens, por serem cautelosas, perfeccionistas e analisam fatos cruciais, invertendo problemas em soluções. Para mim é gratificante ocupar o cargo que ocupo nos dias atuais, pois exerço com capacidade, satisfação e muito respeito (Amélia Maria).

Nunca sofri preconceito e nem discriminação por ser mulher, sempre fui respeitada e bem aceita, caso haja, pois eu nunca percebi até o presente momento, ele será vencido com um trabalho sério, atuando com descrição, competência e humildade. [...] Quando tomei posse da presidência o nosso governador fez questão de me parabenizar, por ser mais uma mulher a ocupar o cargo da presidência do Tribunal

de Justiça, para mim é gratificante ver mulheres brasileiras exercendo, ou ocupando cargos de destaque, principalmente no judiciário, que eram ocupados apenas pelo sexo masculino, isso era perceptível. [...] (Célia Pinheiro).

Olha! Particularmente, nunca sofri, nem mesmo percebi nenhum tipo de preconceito ou discriminação por ser mulher, ou por ocupar um cargo que ocupo na empresa, começando pela minha própria família, isso nunca foi um empecilho e estou sendo sincera com você, nunca tive regalias por ser mulher, ao contrário tinha que me dedicar mais. (Danusa Silva).

Preconceito e discriminação, essas duas palavras para mim não existem. São palavras para pessoas pobres de espírito, eu nunca percebi nenhum tipo de discriminação e nem preconceito dos meus colegas para comigo, dentro ou fora do quartel, mas se existiu ou existi isso não me incomoda, pois hoje sou Tenente-Coronel com muita luta (Rita de Cássia).

E, mesmo que nos dias atuais tenha havido a readaptação de papéis entre homens e mulheres, nos mais diversos âmbitos da vida social, embora a mulher seja bem aceita em quase todas as áreas profissionais, alguns ramos, como o da política, tem se mostrado resistente, tendo como causa própria sociedade, deixando transpassar atitudes machistas que desqualificam a atuação da mulher nesse aspecto profissional.

Olhe! A mulher para de destacar nesses espaços que eu falei de lideranças, quer seja em um trabalho diretivo de empresa, como na vida política, na vida pública, é difícil às vezes, porque nem outras mulheres, às vezes acreditam em outras mulheres, então, você chegar ali e convencer os homens, mas, às vezes algumas conseguem isso com maior clareza para convencer a sociedade e, consegue se eleger, mas às vezes a estrutura partidária é muito voltada para os homens, o mínimo que os partidos contribuem com uma candidatura, sempre preferem e sempre colocam maior possibilidade, maior credibilidade e às vezes os recursos também nas candidaturas masculinas (Maria Conceição).

Vejamos, bem, a minha caminhada não foi fácil, [...] o Curso de Formação de Oficiais – C. F.O em Pernambuco, esse durou 4 anos e ele me fez chegar até capitã, já o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais- C. A.O na Paraíba, durou 1 ano e cheguei até Tenente-Coronel, mas pretendo chegar a Coronel que é o último patamar da Polícia Militar (Rita de Cássia).

Diante do exposto, verificou-se que apesar de diferenças pouco significativas no que tange às condições econômicas, é possível concluir que as mulheres aqui pesquisadas são destaque na profissão porque buscaram sua identidade, auto-afirmação e emancipação primeiro, através dos estudos, uma boa formação acadêmica. Depois, com determinação e competência, foram galgando cargos e funções que assumiram com sucesso em toda a sua trajetória profissional. Mas também ficou claro que o convívio, o apoio e o incentivo familiar a todas elas continuam sendo forte e indispensável.

Portanto, a temática abordada na dissertação nos permitiu fazer uma análise minuciosa da mulher, onde podemos perceber o progressivo crescimento da participação feminina no mercado de trabalho e a flexibilidade do reconhecimento intelectual entre homens e mulheres na sociedade atual, sendo assim, ratificam-se as inúmeras atividades exercidas ativamente pelas mulheres em áreas que eram exclusivas do sexo masculino, inclusive em cargos de comando.

Ressaltando que, houve um desenvolvimento gradual das mesmas, nos cinco segmentos pesquisados, onde os obstáculos tiveram que ser ultrapassados, chegando a ocuparem cargos de destaque na sociedade sergipana. Porém, as oportunidades igualitárias entre ambos os sexos ainda não foram efetivadas por completo, mas acreditamos na evolução da representatividade feminina que conquistará a equiparação sem discriminação de gênero. Logo, a pesquisa supramencionada nos deu uma contribuição imansa tanto no crescimento intelectual, pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Z. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.
- ALBORNOS, S. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense S/A (Coleção Primeiros Passos, 171), 1994.
- ARANHA, M. L. de A. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. Lisboa- Portugal Ltda., 1977.
- CALAZANS, M. E. de. **Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã**. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22236.pdf>
- CARLOTO, C. M. **Conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais** Disponível em http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n2_genero.htm Acesso em 24 fev./2009
- CINFORM. **História dos municípios: um jeito fascinante de conhecer Sergipe**. Edição Histórica, Aracaju, 2002.
- COELHO, M. de A. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Moderna1996.
- COIMBRA, A. L. de C. **A imagem da mulher na sociedade e na política**. 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0418-1.pdf> Acesso em 24 fev.2009
- COSTA, C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1997.
- CRUZ, M. H. S. **Novas tecnologias e impacto sobre a mulher**. Trabalho apresentado no X Encontro da Rede Feminista Norte-Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR). Na Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.
- _____. **Organização do trabalho e tradição na indústria moderna**. In: Candeeiro. Revista de Política e Cultura da Seção Sindical dos Docentes da UFS, 2001.
- DEL PINO, C. C. **A função de ser mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Ednub, 1993.

DINIZ, D. M; SANTOS, L. (org.). **Textos para a história de Sergipe**. Aracaju: UFS/BANES, 1991.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FAGUNDES, L. **O trabalho feminino na sociedade**. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1119>, 2003.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SERGIPE – FIES. **Sergipe econômico**. Aracaju, n. 11, 25 de setembro de 2009.

FERREIRA, E. F. X. **Mulheres, militância e memória**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, C. **Do voto feminino à Lei das Cotas: a difícil inserção das mulheres nas democracias representativas**, 2004. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/037/37cferreira.htm> Acesso em 7 mar/2009

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez, 1997.

GHIRALDELLI JR, P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre Iniciação a Pesquisa Científica**. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

GUTIERREZ, R. **O feminismo é um humanismo**. São Paulo. Nobel (Edições Antares), 1985.

HERKENHOFF. J. B. **Direitos humanos: a construção universal de uma utopia**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1997.

HIRATA, H. **Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual**. In: *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. (orgs. Cristina Bruschini, Sandra G. Unbehun). 34. ed. São Paulo: FCC, 2002.

HOFFMANN, R; LEONE, E. T. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002**. Disponível em <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf> Acesso em 24 fev./2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Dados estatísticos**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 22 Fev/2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LEITE, M. P. **O resgate da qualificação**. São Paulo: USP Tese de doutoramento, 1994.

LEITE, M. L. M. **Outra face do feminismo** Trad. Maria Lacerda de Moura. São Paulo. Ática. (Ensaio 112), 1984.

LEITE, R. de S. C. **A Operária metalúrgica**. 2.vol. São Paulo. Cortez, 1984.

LOMBARDI, M. R. **Engenheira & Gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica**. Disponível em <http://www.fcc.org.br/seminario/LOMBARDI.pdf>. Acesso em 11 mar./2009.

LOURO, G. L. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. 34. ed. São Paulo: FCC, 2002.

_____. **Gênero: questões para a educação**. In: Gênero, democracia e sociedade brasileira. (orgs. Cristina Bruschini, Sandra G. Unbehun). 34. ed. São Paulo: FCC, 2002.

MARQUES, L. **Mulheres: uma longa história de lutas por seus direitos**. Disponível em <http://www.aticaeducacional.com.br>. Acesso em 11 maio/2008.

MC GRAYNE, S. B. **Mulheres que ganharam o prêmio Nobel em ciências: suas vidas, lutas e notáveis descobertas**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

MELMAM, J. **Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde mental e familiares**. São Paulo: Escrituras Editoras, 2001.

MELLO, G. N. de. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MENESES, J. G. de C. et al. **Estrutura e funcionamento da educação básica: leituras**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORAES, E. L. de. **Relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional**. 2005– Brasília: MTE, SPPE. DEQ. Disponível em http://www.mte.gov.br/png/relacao_genero_raca.pdf acesso em 24 fev/2009.

MUÑOZ, D.G. **Economia aplicada: técnicas de pesquisa e análise econômica**. Brasília, UNB, 1989.

NUNES, M. T. **Sergipe colonial I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFS, 1984.

PAULSON, S. **Sexo e gênero através das culturas**. In: Gênero, democracia e sociedade brasileira. (orgs. Cristina Bruschini, Sandra G. Unbehun). 34. ed. São Paulo: FCC, 2002.

PILETTI, N., PILETTI, C. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1997.

PINA, M. L. M. **A mulher na história**. São Paulo: T.A.Queiroz, 1979.

PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em 24 fev/2009.

QUINTANEIRO, T. **Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob olhar de viajeros do século XIX**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, (Coleção Memória da Educação), 2003.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, L. F. **Manual de psicologia preventiva**. Madrid: Siglo Veintiuno de Espana, 1996.

SANTARCANGELO, M. C. V. **A situação da mulher**. São Paulo: Soma, 1980.

SANTOS, E. F. **Mulheres entre o lar e a escola: os porquês do magistério**. São Paulo: Annablume, 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP. Autores Associados, 2000.

SCHEFER, E. E. **Mulher na Magistratura: carreira e Liderança**. Disponível em <http://www.ibrajus.org.br/revista/artigo.asp?idArtigo=22> Acesso em 7mar/2009

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melaine Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SEGALA, A.; GOIRIZ, F. **Elas chagaram ao topo**. In: Revista Isto é Dinheiro. Ed. 613, 8 de julho. (p. 59-65), 2009.

SILVA, G. C. da. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br> acesso em 8.mar.2009.

SILVA, P. B. da. **Mulher na Idade Média**. Disponível em <http://www.brasilecola.com>. Acesso em 30 mar.2009.

SINA, A. **Mulher e trabalho: o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade**. São Paulo: Saraiva, 2005.

TAVARES, M. S. **Pelas lentes do amor: um estudo sobre o cotidiano amoroso de camadas médias urbanas**. Aracaju: Remar, 2002.

TELES, M. A. de A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense (Coleção tudo é história,145), 1993.

TERUYA, M. T. **A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas**. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira.pdf>. Acesso em 15 mar./2009.

VIEZZER, M. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez, 1989.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Organização e introdução de GERTH, H. H. e MILLS, C. Wright, Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

Apêndice I

GUIÃO DE RECOLHIMENTO DOS DEPOIMENTOS PESSOAIS

1. IDENTIFICAÇÃO: NOME, ENDEREÇO, ESTADO CIVIL, IDADE (CASO SEJA POSSÍVEL) E LOCAL DE TRABALHO.
2. QUAL A SUA PERCEPÇÃO SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO EM SERGIPE HOJE?
3. COMO VÊ A RELAÇÃO DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO AQUI EM SERGIPE?
4. JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO PARA OCUPAR ALGUM CARGO, POR SER MULHER?
5. QUE FATOS, PESSOAS E CIRCUNSTÂNCIAS INFLUENCIARAM A SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL?
6. COMO CONCILIA O SEU PAPEL DE MÃE, ESPOSA E PROFISSIONAL?
7. QUAL O CONSELHO QUE DARIA PARA AS MULHERES QUE ESTÃO INICIANDO NO MERCADO DE TRABALHO?
8. O QUE DIFICULTA OU FACILITA A SUA PRÁTICA PROFISSIONAL?

APÊNDICE II

FALA DE AMÉLIA MARIA CERQUEIRA UCHÔA

Identificação, data e local	Entrevista feita à Amélia Maria Cerqueira Uchôa , no dia 08 de Junho de 2009, entre 08:30 às 12:00, em seu local de trabalho, tenho 62 anos de idade, casada com o Profº Jouberto Uchôa de Mendonça - Reitor da Universidade Tiradentes, tenho 04 filhos e 06 netos.
Categoria de análise	Fala
Local de trabalho	Universidade Tiradentes - Localizada na Av. Murilo Dantas, 300 B – Farolândia, mas resido na Av. Beira Mar, 1600 Aptº 901 Edº Cândi do Portinari B – 13 de Julho.
Formação acadêmica	Falar de minha formação acadêmica me faz reviver tempos passados, sou filha de agricultor meu pai se chama Mauro Cerqueira Passos, já minha mãe era prenda do lar e se chama Leonizia Teles Cerqueira, sou bacharela em pedagogia pela Faculdade Pio Décimo, na época era faculdade, hoje é uma universidade, escolhi essa formação por afinidade à área pedagógica, como também, sou pós-graduada em administração pedagógica, pois, essa pós me ajudou e ajuda nas minhas atividades dentro da Instituição de Ensino, ou seja, na Universidade.
Razão para o ingresso na área educacional	Como já falei, sou filha de um agricultor e uma prenda do lar, sou de classe popular, já dá para perceber como foi difícil chegar aonde estou hoje. Meu pai na época não tinha condições de arcar com as despesas educacionais de todos os filhos, me casei com 17 anos de idade com Profº Jouberto Uchôa, eu sem experiência e como ele tinha um colégio tive que ajudá-lo, depois que fui trabalhar com meu esposo tive que me dedicar por completo, assim houve a necessidade de ter um fundamento pedagógico e isso só seria possível através de uma faculdade, como também pelo tipo de atividade que tínhamos, ou seja, ainda temos rsss, mas o meu sonho mesmo era fazer psicologia, fugi um pouco do meu ideal e fiz pedagogia, como na pedagogia tem um pouco da psicologia, isso me completou. Veja que o destino me levou a formação pedagógica, em 1º lugar porque eu gostava na época e ainda gosto da área pedagógica e em 2º lugar pela atividade laboral que exerço. Continuando, meu esposo foi o fundador do Colégio Tiradentes que inicialmente era do maternal ao 1º grau, em seguida, com muita luta ele conseguiu implantar o 2º Grau e cursos profissionalizantes, depois ele idealizou fundar a Faculdade Integrada Tiradentes, que permaneceu com o nome do colégio que tínhamos, depois que fundou a faculdade, mais tarde teve que se desfazer do colégio e hoje temos uma universidade. Então, posso lhe afirmar que a educação permeia a minha vida.
Trajetória laboral, ou seja, no mercado de trabalho	Minha trajetória foi árdua comecei na atividade educacional com 17 anos e ainda não parei, inicialmente, para ajudar meu esposo, mesmo sem a formação acadêmica assumi com 18 anos de idade a responsabilidade com o maternal e o pré-escolar do colégio Tiradentes, depois fiquei na direção juntamente com Jouberto Uchôa (meu esposo). Vou fazer um retrospectiva histórica para você entender melhor! Tudo começa em 1962 com a inauguração do Colégio Tiradentes, que ficava situado na Rua Laranjeiras, Bairro – Centro em uma casa que era alugada, em 1967 o Colégio Tiradentes muda de localidade, exercendo suas atividades educacionais na Av. Airton Teles, nº 270, que também era alugada, com

	muita luta, pois nunca tivemos nada fácil, em 1969 conseguimos ter uma sede própria, agora situado na Rua Lagarto, 234 B - Centro, onde idealizamos o sonho de oferecer além do Colégio de 1º e 2º grau, uma Faculdade que fora concretizada em 1972 com a aprovação do MEC, chamando de Faculdade Integrada Tiradentes, que iniciou com apenas três cursos superiores que foram: Administração, Ciências Contábeis e Economia, por fim, em 1994 a tão sonhada Faculdade Integrada Tiradentes é transformada em Universidade Tiradentes, onde hoje é composta por cinco Campi de atuação como: Campi- Centro, Campi – Farolândia, Campi-Estância, Campi – Propriá e Campi Itabaiana, além das graduações, têm pós-graduações, mestrados, ensino à distância e cursos tecnológicos. Vejo que em 47 anos dessa trajetória tudo valeu à pena, atualmente estou como vice-reitora da Universidade e exercer esse papel não é fácil, apesar de não ter muito contato com os alunos, pois temos profissionais capacitados que exercem essa atividade dentro da empresa, mas percebo que há 46 anos os alunos respeitavam mais o professor, sei que os adolescentes têm dificuldades e temos que estar aptos para resolvermos as problemáticas inerentes a todos os assuntos, o cargo que estou atualmente resolve todas as questões administrativas . Recentemente fundamos a FIT's – Faculdade Integrada Tiradentes em Maceió, essa dedicação à educação é quem me impulsiona a apoiar Uchôa, pois estou sempre de prontidão para auxiliá-lo no que for preciso, tenho convicção de que não posso parar, pois o futuro dos meus filhos está alicerçado na universidade, mesmo me sentindo cansada, sei que é normal, décadas e décadas de muito trabalho, a caminhada é árdua, desgastante e sei que ainda não acabou nós ainda temos muito que contribuir para a educação do nosso Estado, essa é a minha satisfação.
Ser MULHER/ relação de gênero no mercado de trabalho	Ser mulher! A mulher tem um significado simbólico, guerreira, nós temos que fazer vários papéis e todos perfeitos, ou quase perfeitos, em minha opinião mulher e homem se completam independentes do papel que lhe são atribuídos. É difícil fazer esse comparativo, até porque percebo que a mulher está se igualando em todos os sentidos com os homens, principalmente no mercado de trabalho, hoje vemos mulheres ocupando cargos. Antigamente os concursos eram exclusivamente para homens, isso está mudando, mas ainda existe um estigma de não aceitação pela classe machista. Vejo que apesar desses entraves a mulher está evoluindo e revelando com muito conhecimento e competência os cargos de destaque que são atribuídos a nós, grandes mulheres no mercado de trabalho. Mas esses resquícios são de uma historicidade, cultura, aliás, todo o processo de subordinação da mulher, a mulher tem que ser prenda do lar, mas essa condição está sendo modificada em passos largos. Na Universidade Tiradentes, na qual faço parte da direção superior, com o cargo de vice-reitora, existem momentos que estou entre homens, tomando decisões institucionais e todos acatam as diretrizes a serem executadas, até porque temos metas a atingir, nossa missão é de prestar serviço à sociedade sergipana através de uma educação de excelência, promovendo uma formação na integralidade do cidadão, para isso estamos munidos de valores que conduzem o êxito no mercado, vou falar alguns que acho muito importante: honestidade é o principal, ética, a valorização do ser humano, o compromisso com o outro, a humildade dentre outros.
Preconceito/ discriminação por ser MULHER e ocupar cargo de destaque	Ah! Falar de preconceito, é falar de um conceito antecipado, como posso dizer, é um pré-julgamento e a discriminação seria deixar o indivíduo a parte, ratifico que seria a violação de direitos do cidadão, não sei se deu para você entender, mas quero deixar claro, que nunca sofri nenhum dos dois, percebo isso como algo sombrio, e isso não faz parte da minha vida. O cargo que ocupo, ou seja, a minha titularidade é por capacidade, assim como existem várias mulheres que ocupam cargos, conheço mulheres que são reitoras de universidades no Brasil, e elas são muito capazes até muito

	mais que os homens, por serem cautelosas, perfeccionistas e analisam fatos cruciais, invertendo problemas em soluções. Para mim é gratificante ocupar o cargo que ocupo nos dias atuais, pois exerço com capacidade, satisfação e muito respeito.
Influências	Influência? Não posso deixar de falar que a pessoa que me incentivou durante toda a minha vida, enquanto acadêmica e profissional foi Jouberto Uchôa, ele quem influenciou toda a minha trajetória profissional, acreditou na minha capacidade e nas minhas ações, pois juntos superamos todas as dificuldades advindas dessa longa trajetória, enquanto eu respondo pelas questões internas da instituição, ele cuida das relações externas.
Dificuldades e conciliação vida familiar e vida profissional	Tive muita dificuldade no início da minha vida para conciliar o papel de mãe e profissional, pois sempre tive que ajudar meu esposo e penso que naquela época não dei assistência devida aos meus filhos quando eles eram pequenos, mesmo sabendo que quando eu saía para trabalhar, eles estavam seguros, pois foram muito bem criados com a ajuda das minhas irmãs, hoje em dia vejo a situação inversa com meus netos, eles têm uma educação e assistência diferenciada, eles têm dedicação exclusiva de meus filhos e filhas, até hoje meus filhos lembram que eu os deixava com as tias e dentro de mim acredito ser uma cobrança do passado. Sei que ser mãe é muito mais que procriar, ser mãe é amor, é dedicação é incutir valores. Inclusive, todas as terças-feiras, convoco reunião de família, ou seja, com meus filhos, aqui na empresa, a reunião começa às 09:00 e não tem hora para terminar, esse é o momento que tenho exclusivo com eles para resolvermos as pendências e conversarmos. No que concerne ao item esposa, sempre estou lado a lado com Uchôa, até porque somos donos da Instituição e temos que estar à frente, apesar de que meus filhos dão um ótimo andamento nas ações, pois a eles são atribuídos funções e eles fazem jus delas. Vamos falar agora de uma dificuldade, essa que tive e ainda tenho, acho que é a maior delas, é lidar com adolescentes que fazem parte da universidade, pois não tolero determinadas atitudes deles, um exemplo disso é o aluno falar mais alto que o professor, isso para mim é uma falta de respeito, mesmo sabendo que estamos em outra geração e que eu tenho que me adequar. A minha formação, a criação dos meus filhos são outra, vou te dar um exemplo de criação! Até hoje meus filhos têm por obrigação de pedir a bênção a mim e ao pai, nos beijar e dar bom dia, isso é respeito e para mim é prazeroso entregá-los a Deus todos os dias, isso é uma forma de demonstrar meu carinho, e amor para com eles. Pôr não permitir determinadas condutas dos alunos é que eu deixo essa função para a área acadêmica. Ah!! Esqueci de lhe dizer, que é no meu lar que eu me realizo, a minha casa é meu xodó, essa é a minha realização pessoal, gosto de cuidar da minha casa, ainda gosto de ver se estar tudo em ordem, se tem algo fora de lugar rrrs.
Frase final	A mulher tem que ter sua independência financeira, buscando algo que a satisfaça, tem que ter uma segurança para o futuro. O emprego é uma independência, mas não esqueça que paralelo a isso deverá existir o sentimento de prazer no que faz.

APÊNDICE III

FALA DE CÉLIA PINHEIRO SILVA MENEZES

Identificação, data e local	Entrevista feita à Célia Pinheiro Silva Menezes , no dia 07 de Maio de 2009, entre 08:00 às 12:00, em seu local de trabalho,(não quis dizer a idade), casada com Hermelino Menezes - Médico e mãe de 3 filhos, todos maiores e independentes que são:Marcelo Pinheiro-Médico como o pai, Fábio Pinheiro– Promotor de Justiça, ora na Comarca de São Cristóvão e Patrícia Pinheiro-Bela. Direito e servidora concursada do Tribunal Regional Eleitoral.
Categoria de análise	Fala
Local de trabalho	TJ- Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Localizado na Praça Fausto Cardoso, 112 B – Centro.
Formação acadêmica	Escolhi Direito na Universidade Federal de Sergipe, pois me identifiquei com as disciplinas, e posso te confessar que sempre fui uma excelente aluna, sempre tive a preocupação em estudar, era uma aluna considerada aplicada, eu tinha um objetivo na minha vida, eu estudava muito, me preocupava em ser bacharela em Direito e fazer um bom concurso público e de primeira passar, confirmo que meu hobby é ler, adoro ficar atualizada com minha profissão, com as notícias e estratégias do mundo. Não vou negar que depois que me formei resolvi fazer várias especializações na minha área, que é o judiciário. Mas não posso ficar desatenta ao mundo, principalmente no que concerne às notícias do meu país (Brasil) já viajei muito, e digo a você que o nosso país é o um país excelente para se viver, apesar das divergências contidas.
Razão para o ingresso na área jurídica	Desde pequena que desejava ser juíza, e esse sonho foi aflorando dentro do meu ser, por isso que a cada dia que passa tenho certeza que foi realmente vocação, meus pais me deram apoio inclusive tenho 4 irmãos e um deles é juiz Drº Rui Pinheiro, por sinal um excelente jurista rsss, para completar tenho um filho que é promotor da Comarca de São Cristóvão. Ah, perceba que tenho a família com bases no judiciário. Além do sonho desde a minha infância, recebi o estímulo dos meus pais. Sempre soube como eles gostariam de me ver na magistratura, distribuindo justiça.
Trajetória laboral, ou seja, no mercado de trabalho	Bom! Antes de ser magistrada, já tinha acesso ao serviço público, fui inicialmente secretária da CONDESE – Conselho Deliberativo do Estado de Sergipe, logo depois, passei de secretária para ser assessora jurídica do mesmo Conselho. Em seguida assumi a Assessoria Jurídica do ITPS- Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe, depois tive que sair do cargo que ocupava, porque fui aprovada em concurso público, sendo nomeada Juíza de Direito para a Comarca de Xique Xique na Bahia,mas infelizmente não assumi, atendendo um apelo da minha mãe que não queria ficar longe da tão estimada filha, ou seja, de mim rsss. Em Dezembro de 1971, tive uma grande alegria fui aprovada no concurso público em Sergipe, sendo nomeada Juíza de Direito da Comarca de Porto da Folha, iniciando minha judicatura em nossa terra, depois sai de Porto da Folha e fui ocupar o cargo de Juíza da Comarca de Neópolis, em seguida, assumi a Comarca de Riachuelo e após alguns anos a Comarca de Direito de Laranjeiras, por fim,em 14 de Julho de 1983, por antiguidade fui

	promovida para Aracaju, trabalhando especificamente com a 4ª Vara criminal, em 2002 fui presidente da turma recursal dos juizados criminais da capital e do interior e cíveis das comarcas de Estância, Itabaiana, Lagarto, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, ainda fui por quatro anos juíza eleitoral de segunda instância, e por dois anos, de primeira instância, na 27ª Zona Eleitoral de Aracaju. Dar para fazer um livro não é? Mas não parei por aí, vamos lá! Em 2004, fui nomeada Desembargadora junto ao Tribunal de Justiça de Sergipe, cheguei a ser vice-presidente do Tribunal de Justiça, quando quem estava assumindo o cargo de presidente era meu colega desembargador, José Artêmio de Barreto, que assumiu em 2006 pendurando até 2008. Em 2008, cheguei a essa Presidência dessa corte de Justiça, até os dias atuais (2009), para mim foi uma realização pessoal e profissional.
Ser MULHER/ relação de gênero no mercado de trabalho	Ser mulher é uma palavra maravilhosa eu definiria como amor, ternura, dedicação, humildade, luta, decência, companhia, ou seja, é ter missões. É inquestionável, falar da mulher no mercado de trabalho, ela abriu e continua abrindo caminhos e espaços preciosos no mercado de trabalho, quando falo de mulher, deixo explícito sua capacidade e habilidade de conduzir situações e pessoas, vejo esse entrelaçamento. E não há dúvidas que isso se deve, entre outros fatores, ao ingresso decisivo da mulher no mundo da educação. Hoje é quase impossível encontrar-se salas de aula, em nossas faculdades e universidades, falo "nossas" por que realmente contribuímos para que elas existam, vejo que as mulheres ocupam no mínimo 50% das vagas ofertadas e essa numerosa participação não ocorre, apenas, em cursos como os de enfermagem, pedagogia, letras e serviço social que são tradicionalmente, ocupados pelo sexo feminino, não é apenas nas áreas de humanas, hoje vemos mulheres frente à engenharia, nesse caso na área de construção civil, mulheres reitoras, dentre outras. Vou dar uma ênfase, que dos 27 tribunais de justiça espalhados pelo país, além de Sergipe, somente a Bahia, Acre, Pará e Rondônia têm o cargo máximo do Judiciário ocupado por uma mulher, agora me reportando ao Tribunal de Justiça de Sergipe, além da presidência, a nova mesa diretora do Tribunal de Justiça é composta por cinco membros incluindo a presidente, conta com mais três mulheres, desembargadoras: Clara Leite Rezende, Marilza Maynard Salgado e Maria Aparecida Santos Gama da Silva, sendo que as duas primeiras já foram presidentes do Tribunal de Justiça. Ratifico que, um grande desafio para mim foi dar celebridade à justiça sergipana contanto é lógico com a parceira dos servidores e desembargadores, trabalho com muita seriedade, eficiência, transparência, eficácia nas decisões, isso marca a minha trajetória, enquanto presidente do Tribunal de Justiça veja que minha longa história no poder judiciário estadual, foi pontilhada de lutas e sucessos.
Preconceito/ discriminação por ser MULHER e ocupar cargo de destaque	Nunca sofri preconceito e nem discriminação por ser mulher, sempre fui respeitada e bem aceita, caso haja, pois eu nunca percebi até o presente momento, ele será vencido com um trabalho sério, atuando com descrição, competência e humildade. Vejo que o preconceituoso eu o definiria como um ser que se sente ameaçado pela presença do outro. É preciso conhecê-lo e lhe inspirar confiança. Existem fatos de que me recordo em que as mulheres não tinham acesso ao Judiciário, por se acharem limitadas e incapazes e hoje temos circunstâncias que até o Supremo Tribunal Federal foi dirigido por uma mulher que abrilhantou o Supremo com o seu sucesso profissional, eram dez ministros masculinos dirigidos por uma mulher. Quando tomei posse da presidência, o nosso governador fez questão de me parabenizar, por ser mais uma mulher a ocupar o cargo da presidência do Tribunal de Justiça, para mim é gratificante ver mulheres

	brasileiras exercendo, ou ocupando cargos de destaque, principalmente no judiciário, que eram ocupados apenas pelo sexo masculino, isso era perceptível. Embora deva registrar um considerável avanço, sobretudo no serviço público, onde as mulheres estão na magistratura, no Ministério Público Federal e Estadual, nas procuradorias Jurídicas Federais, Estaduais e Municipais, nas Delegacias de Polícia e também como agentes policiais ou integrantes das carreiras militares, mas ainda se nota a existência de barreiras na atividade privada, onde se entrega ao homem posições de chefia ou mando. Enfatizo que infelizmente, ainda se percebe um tratamento preconceituoso em relação às mulheres, quando se analisam as remunerações percebidas. Com exceção do serviço público, onde os salários são padronizados, independente do gênero, o homem continua mais bem remunerado que a mulher. Na iniciativa privada em nosso Estado, as mulheres embora integrem em grande percentual a massa prestadora de serviços, não têm ocupado como deveriam, cargos e funções de mando que, na maioria das vezes, são reservados aos homens.
Influências	Influências!! Recebi da minha família na figura materna e paterna, acredito que eu concretizei um sonho deles e o meu também, ser magistrada chegando À presidência do Tribunal de Justiça, além de galgar passo a passo cada cargo ocupado, em suma foram eles quem me influenciaram, além do sonho que me animou desde criança.
Dificuldades e conciliação vida familiar e vida profissional	Dificuldades! Claro, existiram e ainda existem por eu estar ocupando esse cargo, falo que estou, é algo transitório, assim como muitas coisas em nossas vidas, dificuldades para mim são estímulos para que eu faça cada vez melhor, as coisas com as quais me comprometo. Na minha vida nunca tive dificuldades intransponíveis. O tempo nunca é escasso. Tudo depende de um bom planejamento. Eu sempre tive tempo para trabalhar, para o estudo, para os deveres e compromissos com o lar. A magistratura e a maternidade conviveram pacificamente na minha jornada. Posso te falar que a mãe ajudou a melhorar a visão da juíza, a juíza contribuiu para desenvolver o compromisso da mãe com a educação de seus filhos, por mais severa que eu seja às vezes no cumprimento dos meus deveres, fazendo assim cumprir a lei. Creio e amo, isso me capacita no sucesso. Nunca perdi de vista a minha humildade e aprendo a cada dia a render graças a DEUS, isso são todos os dias, tantos pelas vitórias como pelos tropeços. O tempo do fracasso que é o melhor para a semeadura do sucesso, eu sou um exemplo, assim como muitas mulheres desse imenso Brasil, país que eu amo, apesar das divergências (política, econômica, cultural e principalmente a social) contidas. Entretanto dificuldades existem independentes de sexo, posição social, aliás, em todos os âmbitos isso é um processo natural.
Frase final	Primeiro, procure fazer o que ama e se não conseguir, basta aprender a amar o que faz. Estude, conserve a humildade e não desista diante dos obstáculos. Pense sempre positivamente. Você será exatamente aquilo que deseja ser. Se for pessimista encontrar-se-á com o fracasso, mas se for otimista, alcançará os resultados desejados.

APÊNDICE IV

FALA DE DANUSA SILVA MENEZES

Identificação, data e local	Entrevista feita à Danusa Silva Menezes , no dia 19 de Junho de 2009, entre 09:00 às 12:00, em seu local de trabalho, tenho 40 anos de idade, estou separada há 1 ano e 6 meses, do filho do dono da SAMAM veículos, sou mãe de 02 filhas, sendo uma de 14 anos e a outra de 11 anos.
Categoria de análise	Fala
Local de trabalho	COSIL – Construções e Incorporações Ltda. Localizada na Av. Ivo do Prado, 352 B – Centro.
Formação acadêmica	Eu estudei como toda criança normal fiz maternal, infantil, pré-escolar, 1º grau que hoje é ensino fundamental, 2º grau que hoje é ensino médio, estou correta? E 3º grau que hoje é ensino superior, eu fiz na FAAP – São Paulo sabe essa instituição é renomada e bem recebida no exterior, inclusive quem se forma nela não fica desempregado, mas tive que voltar para Aracaju a pedido do meu pai para ajudá-lo na empresa.
Razão para o ingresso na construção civil	Sou oriunda de uma família de construtores, a Construtora COSIL é de propriedade do meu pai – José Carlos Silva, que tem essa construtora desde 1965 no mercado imobiliário de Sergipe, em 1966 inaugurou uma filial em São Paulo. Desde pequena que ouvia falar de construções, planos mirabolantes de execuções de obras em Sergipe e em São Paulo, conquistando espaços, tomei gosto pela coisa e após terminar meu 2º grau, agora é Ensino Médio, não é? Conversei com minha família que tinha decidido fazer Engenharia Civil, meu pai adorou a idéia e disse que eu iria para São Paulo, estudei lá e me formei em 1993 e assim que conclui voltei a minha terra querida Aracaju.
Trajetória laboral, ou seja, no mercado de trabalho	Olha, deixa eu te contar como tudo começou, assim que conclui minha graduação em Engenharia Civil, que não foi fácil, passei por muitas dificuldades principalmente por estar longe da minha família, que até então nunca tinha me afastado deles, mas eu estava muito convicta do que eu realmente queria, eu tive determinação, sabia que passaria muito tempo fora e quando voltasse para Aracaju eu sabia que muitas coisas tinham mudado, quando eu saí daqui eu era imatura, a cidade de São Paulo me fez amadurecer, achei que tinha que começar de baixo, com muita dificuldade, mas a cada dia eu subia mais um degrau na minha vida. Conhecer cada departamento da empresa, falo da COSIL, tudo para mim era uma descoberta em todos os dias, tinha sede de saber como tudo funcionava e como os colaboradores faziam para dar tudo certo, prazos de entrega sabe, prazos cumpridos em tempo hábil, como por exemplo, um edifício teria que ser construído em 1 ano, 2 anos , isso é meta e eles atingem, aliás hoje eu também faço parte, mas vamos voltar um pouquinho no tempo. Assim que entrei na COSIL, fiz um programa de trainee, passando por várias áreas da empresa, inclusive assumindo a área administrativa-financeira, mas eu não parei aí não, fui convidada para dividir o meu tempo também administrando um hotel do grupo Del Mar que é 5 estrelas localizado na orla, para mim foi maravilhoso novas técnicas de atuação e conciliação, olha fui também responsável pela reativação da ABIH – Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de Sergipe, que fui elevada ao cargo de presidente, enquanto isso estava engatinhando na COSIL, veja eu também sou administradora e faço muito bem os dois papéis, afinal uma engenheira tem que saber também administrar, nem que seja o cargo que ocupa. Meu desejo era exercer bem

	o meu papel enquanto profissional. No decorrer do tempo não foi possível conciliar os dois locais de trabalho, pois minhas responsabilidades foram aumentando na empresa que é da minha família e tive com o coração apertado que optar, um ou outro e escolhi ficar na COSIL, deixando a administração do hotel. Hoje sou Diretora de Incorporação, responsável pela análise de lançamento do produto habitacional no mercado, ou seja, faço análise de mercado para a empresa- COSIL.
Ser MULHER/ relação de gênero no mercado de trabalho	Ah, ser mulher é uma complexidade, eu diria que ser mulher é sublime, você vai querer que eu denomine o que é “SER MULHER”? Olha vou falar na minha concepção, mesmo vindo a crer que somos frutos de uma sociedade predominantemente machista, os homens se acham superiores, mas deixa isso pra lá, é um processo histórico, você sabe não é? É cultural, a mulher há tempos atrás era submissa, não quero dizer que hoje elas não sejam ainda, existem aquelas que aceitam tudo, eles ditam as regras, olha estamos em outro tempo em que a mulher é vista lado a lado deles, ou até mesmo acima, quando ocupa um cargo de destaque, seja em todos os aspectos: sentimental, profissional, social dentre outros, essa mulher que se deixa dominar é cúmplice do sistema. Eu também aplaudo aquelas que parecem comigo independentes, determinadas, batalhadoras que têm por obrigação cumprir metas profissionais, ora eu lutei, a minha vida não foi fácil apesar de ser de uma família classe média, não vejo a mulher como sexo frágil, como muitos homens dizem e até mesmo muitas mulheres aceitam e dão reverência a eles. Ser frágil que nada! Eles não sabem o que é ser frágil, os homens não aguentariam fazer o que fazemos não é? A mulher é munida de capacidades, falo daquelas que querem crescer, para ela ser considerada e respeitada tem que mostrar a capacidade e mostrar para que veio, ter a identidade definida, sua importância deve ser exalada, como um perfume que contagia todo ambiente rs., Não é pela empresa ser da minha família que eu tenho que deixar as coisas à vontade, eu tenho que dar exemplo, me polio o tempo inteiro e sempre digo que eu posso fazer melhor, sabe eu cobro de mim mesma a perfeição, embora a construção civil ainda tenha um perfil masculino, não vejo isso como uma ameaça, ou como oportunidade, ora bolas, me vejo em um mundo empresarial, onde preservo a competência e não o sexo. Um exemplo disso é que coordeno equipes e a maioria são homens, você sabe não é?, afinal é uma construtora e eles respeitam, no final entramos em consenso, trabalhamos em prol da empresa, dos funcionários e dos clientes também, se a empresa lucra todos lucram juntos, trabalhamos, mas nem tudo é um mar de rosas.
Preconceito/ discriminação por ser MULHER e ocupar cargo de destaque	Que pergunta essa em? Veja só! Preconceito é algo que, deixe-me explicar, tenho que refletir sobre o conceito para me adequar à pergunta, preconceito seria uma idéia pré-concebida, ora! Julgar sem conhecer e a discriminação seria a ação ou omissão que vai de encontro aos direitos, seria isso? No pouco conhecimento que tenho, afirmo que nunca fui vítima de nenhum dos dois. Olha! Particularmente, nunca sofri, nem mesmo percebi nenhum tipo de preconceito ou discriminação por ser mulher, ou por ocupar um cargo que ocupo na empresa, começando pela minha própria família, isso nunca foi um empecilho e estou sendo sincera com você, nunca tive regalias por ser mulher, ao contrário tinha que me dedicar mais. Acredito que embora a submissão ainda exista, mas as mulheres estão ocupando espaços que antigamente eram apenas ocupados pelos homens, isso é um avanço, hoje a gente vê as mulheres, assumindo empresas, gerenciando negócios, fechando contratos nacionais e internacionais, mulheres que são presidentes como exemplo a do Chile, falo de Michelle Bachelet. A mulher está conquistando o seu espaço na sociedade, olha! Falo conquistando porque ainda não foi consolidado, mas a passo a passo ela mostra que pode se trabalhar com eficiência e eficácia. Hoje temos a liberdade, olha, quando falo de ser livre é nas suas ações, conduta e um fator primordial é

	na liberdade intelectual. Muitas vezes as mulheres se sentem discriminadas, mas por um modelo mental, que elas adotam do que pelo menos o ato da discriminação possa realmente acontecer, eu diria que provoca até, muitas vezes leituras de realidades que não são verdadeiras, ou não existam e sim resultados das suas próprias interpretações. Esse estigma tem que acabar.
Influências	Minha família foi a grande precursora, falo que foram meus pais e meus irmãos tenho dois irmãos que são engenheiros, assim como eu, tenho uma irmã administradora e uma arquiteta,todos trabalham na COSIL, mais meu pai, ah meu pai! Meu pai é no espelho de dignidade, caráter, personalidade e muito trabalho que me inspirei para minha atuação profissional, foi com ele que aprendi construção civil, sabe que aprendemos muito mais na prática, ele sempre direcionou o caminho certo que devia seguir você sabe que família é família não é? Hoje me entristece ver a instituição familiar sendo colocada em um plano secundário, veja só, eu tenho irmãos e eles sempre me deram incentivo para que eu buscasse o que desejava, não era da boca pra fora, eles falavam com o coração, muitas vezes desprezava a super proteção deles. Minha família me influenciou muito, me ajudava estava sempre presente, quando em muitas vezes estava passando por situações difíceis eles levantavam minha auto-estima. Por mim mesma resolvi subir cada degrau da empresa, conhecendo cada departamento, assumindo cargos mais simples e tudo foi acontecendo de forma natural e pouco a pouco, fui conquistando meu espaço e o respeito de todos com muita capacidade, graças a DEUS tenho uma família harmoniosa falo de amor mesmo e carinho, entre pai, mãe e irmãos. Eles foram fundamentais na minha trajetória, eles confiam a diretoria da empresa a mim.
Dificuldades e conciliação vida familiar e vida profissional	Se fosse para começar a minha vida faria tudo a mesma coisa, os tempos são outros,mas eu não mudaria o meu jeito de ser, pois sei exercer muito bem os três papéis, o de mãe, de dona de casa e esposa,sabe falo de esposa porque nunca o deixei a mercê, infelizmente, atualmente estou separada, essa situação é tão nova para mim, mas estou me acostumando, vou ampliar para cinco papéis o de filha e o de irmã, agora está completo não é? A minha jornada é dupla às vezes até tripla de trabalho e quando termino a minha jornada na empresa, cansada do dia inteiro, ainda tenho que sair do cenário laboral e entrar no cenário familiar, desempenhando as mais variadas funções, a de acolhedora, de amiga, de doméstica, assim a digo, que o equilíbrio tem que existir, pois os problemas da empresa não trago para casa, assim como os de casa não levo para empresa, tenho horário dedicado a minha família senão como vai ser?Já tenho dedicação tempo integral à empresa à noite é para colocar tudo em ordem e dar atenção as minhas filhas. Na empresa não tenho dificuldade e o que facilita a minha atuação é a equipe competente e responsável que compõe a empresa, você sabe, que ter uma boa equipe não é fácil, para manter esse padrão é muitas vezes desgastante, pois tenho três reuniões diárias para que assim eu possa ter o contato direto semanal com todos os gestores da minha área, após as reuniões departamentais, dedico parte do meu tempo para avaliar as atividades do dia e seleciono as mais urgentes, selecionando os assuntos que precisam ser tratados e observados, veja só! Meu dia de trabalho termina geralmente às 19:30. Sabe não quero apenas me destacar no profissional e não me destacar no seio familiar, para mim, falo que para mim, não sei como outras mulheres pensam, mas vejo que não existe destaque profissional sem um alicerce familiar.
Frase final	Nunca deixe que o fato de ser uma mulher, isto impeça a realização de qualquer sonho ou o atingimento dos seus objetivos desejados. Às vezes o “preconceito” está dentro das nossas próprias cabeças. Os percalços existem e devem ser ultrapassados.

APÊNDICE V

FALA DE MARIA CONCEIÇÃO VIEIRA SANTOS

Identificação, data e local	Entrevista feita à Maria Conceição Vieira Santos , no dia 07 de Junho de 2009, entre 14:00 às 18:00, em sua residência, tenho 54 anos de idade, solteira e tenho 03 filhos de coração (adotados).
Categoria de análise	Fala
Local de trabalho	Assembléia Legislativa de Sergipe - Localizada na Av. Ivo do Prado s/n B – Centro, resido na Rua: Raul Nunes, 20 anexo 4 Residencial Santa Lúcia B- Jabotiana.
Formação acadêmica	Eu sou professora, formada em geografia e fiz especializações em psicopedagogia Institucional e Educação para pais em resoluções de conflitos pela Universidade Federal de Sergipe em parceria com a Universidade Jaime I na Espanha, o trabalho da ciência geográfica, acho que ela me facilita até a concepção de mundo no que diz respeito à distribuição espacial dos fenômenos humanos, sociais, além dos riscos climáticos geográficos mais precisamente para a atividade que eu exerço hoje na distribuição dos fenômenos sociais, nas relações dos homens e mulheres com a terra, com o meio, com a economia e com todo o movimento de organização do espaço do Estado sergipano e do Estado brasileiro. Eh! Então, de qualquer forma a geografia me serviu de referência para essa questão e essa preocupação com as relações humanas no espaço geográfico e a complementaridade no que diz respeito a psicopedagogia, eu acho que o foco de tudo é a educação e que sabendo da psicopedagogia no sentido de descobertas e discussões com relação a metodologia para a aprendizagem, não aprendizagem na infância, na pré-escola, nas séries iniciais de formação ,mas aprendizagem de uma maneira geral para os indivíduos que seja na infância, na adolescência, na fase adulta, cada pessoa tem seu ritmo, seu jeito de despertar para o conhecimento, para adquirir novas informações e cabe a quem estiver na condição de coordenador, de condutor ,de educador ter a capacidade de despertar essas pendências e esses jeitos especiais de cada um, e toda a paciência que diz respeito a maior ou menor capacidade de aprendizagem, a forma de aprender diz respeito a ciência da psicopedagogia e ela passa no individuo, quando esse individuo dentro das relações institucionais ,dentro das relações sociais, quer seja na escola, quer seja no mundo do trabalho, quer seja na atividade religiosa, quer seja onde ele se encontre em um agrupamento constituído, então em todos os lugares, que se emana perpassa uma necessidade de se ter como foco um trabalho de aprender, a vida é um eterna aprendizagem. Daí o entendimento que a psicopedagogia e seus fundamentos são importantes para qualquer fase da vida, independente de ser na idade infantil, o aprender a ler, o aprender a perceber o mundo, mas essa percepção o tempo inteiro se precisa estar aberta a ela, porque há dentro de cada um, uma eterna criança em aprender na vida, no existir. E! a educação para pais em resoluções de conflitos estão em uma sociedade cada vez mais conturbada pela luta , pela ocupação de espaço individual e isso às vezes distanciam homens e mulheres da vida coletiva, da vida em comunidade. Então, buscar esse espaço na sociedade, buscar o teu jeito de ser, buscar o seu espaço, um lugar ao sol na existência humana, sem tomar o lugar do outro, buscar com a preocupação do ser, um ser único na existência e por isso tem espaço para cada um que tenha sua unicidade, trabalhar na busca desses espaços, respeitando o espaço do outro, isso é

	importante ser visto metodologicamente, à luz de pensadores, de idealizadores, à luz de um estudo sistemático, por isso, busquei a formação também em educação para pais em resoluções de conflitos, conflitos são inúmeros, na sociedade sempre existiram, mas no momento eles são mais fortes, mais visíveis, mais percebíveis do que em outros momentos. Acho que no momento atual, na sociedade hodierna nós temos muitos conflitos e eles começam dentro dos próprios indivíduos, os conflitos intrapessoais, os conflitos das relações do seu querer, do seu sentir, do seu fazer e depois os conflitos de toda a formação anterior de cada um com o sentir, o quer e o fazer do outro e então nessa troca de relações nós tivemos que construir uma sociedade pendente a busca na resolução de conflitos eles são muito maiores, às vezes em nível interno, em cada um de nós, que se manifesta na relação nossa com o outro e a sociedade só crescerá com desenvolvimento integral, se nós nos tornarmos cada vez mais menos conflituosos, mais agentes da paz na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais feliz.
Razão para o ingresso na Política	A minha trajetória de vida e o gosto pela política em busca de uma sociedade mais justa e igualitária para todos, fazendo cumprir direitos.
Trajetoária laboral, ou seja, no mercado de trabalho	É difícil dizer precisamente, quando começou a minha trajetória enquanto política, pois fui estudante, fui de diretório acadêmico, depois fui viver em uma atividade de comunidade, renunciei muitas coisas até os empregos para ir conviver em uma comunidade voltada para as questões da organização social, popular, mas também para a espiritualidade, para busca de um centramento, para a busca de um eixo entre elementos de constituintes humanos como o pensar, o sentir, o fazer e a divindade, né! De cada ser, nessa época eu fiquei um pouco afastada, mas, também isso é uma forma de fazer política, agora assim, em filiação entrei no partido dos trabalhadores em 1994/1995 e, de lá para cá fui presidente Estadual do partido, fui presidente Municipal em Aracaju, fui vereadora- 2 mandatos, fui candidata a vice-governadora, fui candidata à Deputada Estadual que estou no mandato atualmente. Então, uma vida relativamente curta na militância conciliada, mas muito intensa, então em um curto espaço de tempo eu fiz, um percurso, muito intenso, muito grandioso também, para, e agradeço a Deus a oportunidade e ao partido dos trabalhadores essa oportunidade que me deu de ocupação de espaço, porque isso é raro para algumas pessoas, em um curto espaço de tempo ser permitido, principalmente por ser mulher, que é mais difícil ainda, muito difícil. O que mais me decepciona são as mentiras sobre você, os falsos testemunhos da vida pública, as calúnias que você recebe, então essas coisas balançam muito, principalmente quando muitas vezes, envolve família, então isso é muito difícil de se viver, então vezes por outra, essas diversidades surgem para a caminhada Então, tenho todos os desafios ultrapassados, por estar em um espaço político que eu me encontro, não porque seja a coisa mais importante para mim, o importante para mim é ter permanecido nele com a minha história de vida, com a personalidade que tenho e com os valores que tenho, isso é mais importante. Hoje estou deputada, amanhã não estarei deputada, mas permanecerei com meus valores, com minhas concepções, com meu compromisso social, eu vi para política, mas recentemente com base em uma vida voltada para o desenvolvimento das comunidades, então esse engajamento é uma Militância para mim e eu vou permanecer, apesar da política de cargo eletivo, quanto a política em si que não via deixar a política, mas, apesar com cargo eletivo, então amanhã não poderei ser deputada, não ter cargo, mas meu compromisso social, como agente de transformação isso eu vou permanecer. Então! As dificuldades, os desafios foram muitos,

	desde o início, até no sentido do palavreado que me tornei Deputada Estadual, talvez seja a única que sentada naquela casa hoje, então esse tenha sido poucas, ou não sei com essa história de mulher, tenha sentado lá além de mim, ser mulher, ter essa história de vida, ser solteira, ser negra, então todos esses fatos existentes dificultam a caminhada na vida política, mas está dando tudo certo. Mas em cada fato, em cada momento, uma pessoa em uma comunidade, vê-se feliz por uma realização que coube a nós o exercício dela, isso me contenta, isso me alegra, isso me dá felicidade. Então, poder ter sido, ter tido a oportunidade de estender a tábua de salvação para alguns, algumas pessoas sob determinado momento, isso dá felicidade, a felicidade de poder estar colocada pela vida, por Deus, no lugar certo, no momento certo, então, isso gratifica muito, isso dar mais contentamento, isso foi em vários momentos, então na hora que você discute empreendimento voltada para uma qualificação profissional e a pessoa depois é encaminhada para um emprego, isso na hora em que você conseguiu viabilizar a política de habitação e ver as pessoas dizerem, eu tenho uma casa hoje, sem pagar nada ou pagando aquilo que pode e em alguns casos sem pagar nada, então nessas políticas eu tenho procurado colocar o meu coração, a minha capacidade de construção e vários foram os momentos de alegria e de felicidade, por ver isso, por ver o outro feliz e eu por estar partilhando dessa felicidade, me colocando ao lado como agente capaz de viabilizar, ou de oferecer possibilidades, dessa construção de felicidade coletiva.
Ser MULHER/ relação de gênero no mercado de trabalho	A mulher no país inteiro, e em certos aspectos no mundo, ainda deixa a desejar a mulher ainda precisa muita luta para ocupação de espaços no mundo do trabalho em nossa sociedade, quer seja, ela tem que ser superdotada, ela tem que dar conta da casa, dos cuidados da casa, os cuidados com filhos e filhas, os cuidados, e o zelo e a preparação para o acolhimento do companheiro, quando possui e trabalhar fora do lar para se manter ou contribuir com a renda familiar, ainda há a concepção de que o trabalho para o mundo masculino é apenas o trabalho fora da casa, fora do lar, no máximo os que são entre aspas, muito bom, fazem a feira e olhe lá, e tudo mais é para a mulher dá conta, então, ainda é resultado da nossa educação, é possível cada um, no seu canto, no seu espaço familiar, no seu espaço profissional, sejam agentes de transformação dessa realidade, sejam homens e mulheres constituindo uma sociedade igualitária, nos direitos e também nos deveres, sabemos que há atividades na vida em sociedade que são mais, mulheres tem mais jeito para a socialização e outras, homens tem mais jeito para suas realizações, mas às vezes nos acomodamos e ficamos muito restritas naquilo que já é lugar comum, então, nesse aspecto já é difícil a mulher concorrer, ela vai concorrer ao mundo do trabalho lá fora muito mais cansada do que o companheiro, mas, mesmo assim, a disputa na sociedade por essa ocupação, levou a mulher despertar uma inteligência emocional, é mais aguçada, do que o homem ao lado da inteligência racional, então de superar as dificuldades e buscar frente de novas oportunidades e não deixar abater pelas intempéries que lhe surgem e isso fortalece de qualquer forma o gênero feminino nessa disputa de espaço e ela se tornou capaz de dar conta de várias coisas simultaneamente, diferentemente, das adversidades menos sofridas pelos homens, que impossibilitou afetar a energia e o racional em uma única coisa, então às vezes, se destaca demais em uma atividade única, o homem, e é muito bom naquilo que faz, mas não consegue ver os lados, ter as adversidades e ter a capacidade, de uma forma integral, ver outras constituintes de um processo, de um sistema, de uma vida e isso termina sendo competência para a mulher.
Preconceito/ discriminação por	Ainda há muito preconceito com relação às atividades profissionais, então a sociedade cobra muito ainda, de algumas atividades profissionais

ser MULHER e ocupar cargo de destaque	realizadas pelos homens, mulheres também, às vezes ainda se disputam no espaço, nós sabemos que no mundo político, por exemplo, é a mulher não votar em outra mulher, embora falem dos direitos da mulher, falem de busca de perspectiva das mulheres, fale de tão, eu não estou dizendo que todas que estão inseridas na política estão preocupadas com isso, mas a grande maioria está, e as demais não encontram nelas a sua representação no espaço do poder. Ainda, acho que o espaço do poder é masculino, por isso, nós temos ainda, menos de 10% no congresso, nos parlamentos do Brasil de representações femininas, é, e outras atividades também, ainda nas ciências exatas, né, na engenharia, eles preferem um engenheiro a uma engenheira, por que às vezes não quer que o operário, venha a cumprir ordens de uma mulher na chefia, no comando mesmo de uma obra, às vezes ela é uma engenheira e está em uma situação de subalterna, não de chefia, de coordenação, as gerências, as diretorias não são proporcionais para sociedade, nem no público, nem no privado, a quantidade de mulheres com formação superior e com capacidade de exercê-las. Então, ainda as diretorias, as gerências, os comandos estão nas mãos dos homens, agora em nosso Estado, particularmente, neste momento, há uma representação de mulheres no espaço de poder significativa comparada, a outros estados do Brasil. Nós temos mulheres senão, atualmente, mas muito recentemente, por exemplo, passando pelo Tribunal de Justiça na presidência teve mulher recentemente, é no Ministério Público do Estado, tem mulher na sua condição, no Ministério Público Federal, ééé a Câmara de Aracaju, tem uma representação de 20% aproximadamente, a Assembléia Legislativa tem uma representação de quase 30% -24 Deputados, 6 mulheres. Então, isso ainda quer dizer que é um número alto comparado a outros estados no Brasil, imagine quão distante nós estamos do jeito de se vê e do jeito de se organizar na sociedade, porque no meu entendimento o jeito será mais equânime, o mais equilibrado possível, quando for meio a meio, a forma de pensar, de idealizar e de fazer cumprir leis, e fazer cumprir direitos, e fazer cumprir e realizar trabalhos de construção da vida humana na sociedade. Então, eu acho que é preciso ter, essa partilha da compreensão e do jeito de fazer as coisas acontecerem, mas nós chegaremos lá. Eu levei muito tempo para decidir ir para esse cargo eletivo exatamente por isso, eu entendi que quando eu me candidatasse todo mundo ia me julgar dali para frente de ladra, de corrupta, de uma mulher desperta para a sexualidade a mais perversa possível, então porque ainda acha que há em parte da sociedade, hoje menos, mas ainda há esse imaginário coletivo de que a política é o lugar de permissividade, de promiscuidade, e nessa hora é porque a pessoa desconhece um pouco dessa ciência humana, da ciência que se constitui o meio, até daquilo que eu falei inicialmente a questão das relações dos homens nos espaços geográficos homens e mulheres. Os políticos saem do seio da sociedade, de uma sociedade que dali, dela mesma, saem médicos, saem professores, saem educadores, saem lavadores de carros, saem pedreiros, da mesma sociedade. Então, X números de políticos, em cada 100 que saem daquela sociedade terá a tendência de ser bom ou ruim, certo ou errado, mais afetivo ou menos afetivo, depende da concepção de cada um entenda, igualmente a 100 pedreiros que saiam daquela mesma sociedade, o mesmo índice de políticos quadridermes, que derem para coisas erradas de corrupção, seja o que for via ter no pedreiro, vai ter no professor, vai ter no engenheiro, vai ter na dona de casa. Então, elas têm a mesma perspectiva, isso é matemática, o mesmo índice de possibilidade de vir a ser, mas a serviço do bem ou mais a serviço de energia, de forças que dificultam a vida harmoniosa na sociedade, forças negativas, a facilidade vai ser a mesma. Então, tanto faz ou ser político, como ser professor, a sua tendência de ser boa ou má não depende de ser político, você já traz a sua concepção, o
--	---

	seu jeito de ser, o seu perfil, a tendência de ser mais assim ou mais assado, em qualquer profissão. Então você às vezes, tem apenas manifestação mais fácil em algumas atividades profissionais do que em outras. Que tem muito corrupto e tudo escondidinho em atividades profissionais que ninguém imagina que tenha esse comportamento, porque a atividade que exerce não faculta a exposição já na atividade política qualquer coisa é corrupção, qualquer coisa é para denegrir a imagem do outro, porque a vida está muito exposta, qualquer coisa, se for negativa o povo já acha que é verdade, então venho muito tempo preocupada com isso, entendendo que talvez não fosse um espaço bom para a convivência e acho que as mulheres e muitas não vão muito para política por esse motivo. Vou falar sinceramente, nós mulheres, somos mais sensíveis a esse desgaste, sofremos muito e eu sofro muito com essas intempéries, com essas concepções e ter que lidar na vida com essas diversidades, trabalhando 24 horas incessantemente para mostrar competência, para mostrar a honestidade, isso é cansativo para o ser humano, é preciso muita disposição interior, é preciso muito centramento, para não abrir mão de valores, não desistir, persistir e querer ser uma cabecinha de fósforo acesa, servindo de referência para aqueles que tiverem olhos ver e queiram se espelhar, queria também ser no ser no seu espaço, o poder de manifestação, um fosforozinho também acesso aqui e acolá. Então, é com essa esperança dessa multiplicação, que a gente, que eu particularmente permaneço na atividade pública.
Influências	Inicialmente, a minha mãe falava muito que entendia que eu devia ser professora, até por que vínhamos de uma sociedade cujo parâmetro para famílias de classes populares, são as classes mais simples da sociedade, filhos de trabalhadores assalariados, filhos de homens e mulheres na cidade, no meio urbano, que dependiam de escola pública, para seus filhos e filhas, havia um entendimento na minha época infantil de que a forma mais fácil de arrumar emprego era ser professora, porque existia uma necessidade cada vez mais ampla, era um campo cada vez mais aberto, pela necessidade de formação de mais pessoas para lidar com educação, pois minha mãe sempre falava, mas eu não queria ser professora, então fiz uma escola inicial, hoje é tudo ensino básico, mas naquela época fiz o antigo curso ginasial em uma escola de formação para professores, mas quando chegou a época da formação de professores que era ensino médio, de formação pedagógica eu sai da escola e fui a escola de formação que naquela época era considerada científica, preparar para vestibulares fora das linhas de educação, mas eu fui estudar sim, precisava trabalhar cedo, estudava à noite e pelo dia por ironia do destino fui dar aula, dava aula de reforço escolar, hoje isso seria proibido teria que chamar o conselho tutelar, mas eu fui dar aula com 14 anos de idade, dava aula de reforço escolar aos meninos de 1º e 2ª séries, estudando o 1º ano do ensino médio e a referência foi estudar um pouco aquilo que minha mãe tinha dito e as circunstâncias da vida, foi a 1ª oportunidade de trabalho que apareceu na minha frente. Então, muitas pessoas na minha caminhada de lá para cá foram referências, foram educadores, foram educadoras que serviram de referência em minha caminhada servem até hoje, as influências são do meio, são do meio familiar, foram das circunstâncias da vida, que foi o que me ofereceu inicialmente tentei até outra coisa de trabalho, mas só dava certo com o ensino, aí eu tive que ir por esse caminho e aprendi a gostar. Então, acho que tudo passa pela educação, tudo passa pela capacidade de despertar no outro a vontade de aprender e nessa troca o educador vai constantemente também aprendendo, se refazendo, se construindo a cada dia na relação de ensino-aprendizagem. Minha mãe era prenda do lar, mas costurava para as filhas de dentro de casa e meu pai era um pequeno comerciante então, ela tinha comércio de

	material de construção, tinha carro de praça, mas muito cedo faleceu, gastou muito ainda jovem com tratamento de saúde e logo cedo faleceu, com 31 anos de idade e minha mãe foi viver de costurar, naquela época a previdência era muito complexa e muito ainda incipiente no país e minha mãe, chegou a receber uma época meio salário, do salário mínimo vigente pelo que ele tinha pagado e os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras sem nenhuma capacidade de interlocução mais qualificada, mais determinada do mundo jurídico, ficava por muito tempo à mercê e ela precisava trabalhar para manter as duas filhos (eu e minha irmã) e essa foi a base da construção da família e das possibilidades de ocupação de espaço na sociedade. Quando meu pai morreu eu fiquei com 6 anos e minha irmã com 4 anos de idade.
Dificuldades e conciliação vida familiar e vida profissional	Olhe! A mulher para de destacar nesses espaços que eu falei de lideranças, quer seja em um trabalho diretivo de empresa, como na vida política, na vida pública, é difícil às vezes, porque nem outras mulheres, às vezes acreditam em outras mulheres, então, você chegar ali e convencer os homens, mas, às vezes algumas conseguem isso com maior clareza para convencer a sociedade e, consegue se eleger, mas às vezes a estrutura partidária é muito voltada para os homens, o mínimo que os partidos contribuem com uma candidatura, sempre preferem e sempre colocam maior possibilidade, maior credibilidade e às vezes os recursos também nas candidaturas masculinas. Então, depois vêm os limites nas ocupações de espaços, achar que esse ou aquele enfoque são coisas de mulher, não existem assuntos mais ou menos importantes na sociedade, e assuntos que são dos homens e assuntos que são das mulheres. As mulheres podem tratar do desenvolvimento sustentável das comunidades, dos Estados, as mulheres podem estar voltadas para a preocupação com a educação, como eixo principal para o despertar das potencialidades humanas, pode estar despertas para as políticas de assistência que buscam ver o outro de forma solidária mesmo nos limites das condições econômico-sociais e aí, ela se faz liderança no seio da sociedade, a partir da relação humana, a partir da sua concepção de vida, a partir de sua identidade com políticas de inclusão, com políticas de assistência, com políticas de desenvolvimento social, mas possui a mesma tenacidade, a mesma capacidade de idear a busca do desenvolvimento global, econômico para um Estado, para uma cidade e para um país. Não é fácil conciliar o papel de mãe, filha e profissional, estabelecer por essa vida intensa, vivida o tempo inteiro no engajamento das questões da educação, da construção da sociedade que, talvez eu nem tenha cuidado direito da vida afetiva pessoal, que eu sou até agora solteira, então, deve ter passado aí despercebida até agora, olhando muito no que eu tenho muito que fazer, dizem assim comigo e eu fico olhando muito para o trabalho, mas Deus me potenciou a oportunidade de em determinado momento na vida decidir, é, acolher pelo coração 3 filhos- 2 filhas, 1 filho, que são maiores e estão começando a ser independentes e 1 neto e tenho essa família, então que a vida me ofereceu e uma família pequena, como minha família de origem também, que minha mãe ficou viúva cedo só tinha eu e minha irmã, minha irmã tem 1 filha. Então, é um matriarcado um pouco limitado nos seus elementos, mas que acha também ter dado certo. Então! Estamos buscando a ocupação de espaços de nos colocarmos a disposição para servir a sociedade, porque minha mãe e minha irmã, embora não sejam políticas de cargos eletivos nem filiadas, mas tem trabalhos sociais, mas também porque assim nós fomos acostumadas, criadas dessa natureza, minha mãe até hoje está fazendo 80 anos daqui a 2 meses e a mais de 50 anos que dirigi um trabalho semanal com um grupo de mulheres construindo enxovais para recém-nascidos para darem a mulheres que engravidam, cedo, que não tem como manter os filhos que

	vão nascer que não tem, então, fui criada num trabalho numa vida, numa sociedade, numa família que a preocupação era servir ao outro, minha irmã também muito envolvida, nesse trabalho social de contribuir e ajudar tanto minha mãe como a mim nos trabalhos, na instituição que eu criei que atende hoje mais de 300 crianças e adolescentes, que trabalha com mulheres, fomos formadores de uma instituição, hoje estamos mais distantes pelo cargo eletivo,mas que trabalham com crianças, adolescentes e geração de renda. Então, mulheres e homens estão produzindo camarão, peixe, artesanatos, alguma coisa para sobrevivência e dessa forma é que vamos fazendo atuantes as nossas possibilidades de ação, então a minha família é militância, eu também fui sempre assim, muito voltada para o social.
Frase final	As mulheres têm que estar com os olhos abertos para essa evolução, seja na cidade ,seja no campo. Então são essas buscas de direitos que devemos estar engajadas, fortalecidas , estarmos buscando, propiciando as possibilidades de direitos iguais para homens e mulheres na sociedade. Então! Elas são resistentes, mulheres estão ocupando espaços maiores nos concursos, já vimos concursos no mundo jurídico que a maior parte é mulher, isso é um avanço, nas universidades a mesma coisa. Então devemos fazer uma construção e estabelecer uma relação mais geométrica entre homens e mulheres, gênero e trabalho. As mulheres se acreditem como seres humanos capazes de produzir o tanto quanto, não disputando espaços com ele, sabendo que há lugar para os dois, que as mulheres se acreditem e acreditem na outra, nós temos que estar unidas para criar um espaço de construção coletiva. Para construirmos uma sociedade mais igualitária e mais justa.

APÊNDICE VI

FALA DE RITA DE CÁSSIA SILVESTRE DOS SANTOS

Identificação, data e local	Entrevista feita à Rita de Cássia Silvestre dos Santos , no dia 05 de Junho de 2009, entre 08:00 às 12:00, em seu local de trabalho, tenho 45 anos de idade, nasci no dia 18/06/1964, casada com funcionário público Municipal e não tenho filhos.
Categoria de análise	Fala
Local de trabalho	Câmara Municipal de Aracaju - Localizada na Praça Olímpio Campos, 74 B – Centro, mas resido na Av. Augusto Franco, 2000 Quadra I, Lote 40 Condomínio Vivendas de Aracaju.
Formação acadêmica	Quando se fala em formação acadêmica, acredito que seja necessário você saber também que fiz meu Ensino Fundamental e Médio em Colégio particular, precisamente no colégio Salesiano, tive uma ótima base para seguir carreira militar, fiz o concurso da Polícia Militar em 1989 ingressando na PM em 20/02/1989. Em 1992 fui fazer curso de formação de oficiais - C. F. O, na academia de Polícia Militar de Paudalho - localizada em Pernambuco, fiz também Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – C. A. O, na academia de Polícia de Cabo Branco - localizada na Paraíba, essa foi em 2001. Como temos que aproveitar as oportunidades nunca as deixei passar, sou especialista em Gestão de Segurança Pública, pela Universidade de Potiguar – localizada em João Pessoa –PB em 2001, como também tenho especialização em Segurança Pública pela Universidade Federal de Sergipe em 2005. De 2001 a 2005 eu iniciei e conclui, precisamente em 2002 vários cursos como: Curso de atualização e capacitação de Agentes de Trânsito Militar (2002), curso de Combate às Infrações Penais de Menor Potencial Ofensivo (2002), curso de Fundamentos de Policiamento Ostensivo (2002) e estágio de Tiro Racional (2002) e ainda pretendo fazer outros cursos com fé em Deus, pois só crescemos profissionalmente se crescemos intelectualmente e a Polícia Militar nos favorece esse crescimento basta querermos.
Razão para o ingresso na área militar	O que me fez ingressar na área militar foi a formação do meu pai que é militar reformado do exército, ele se chama José Silvestre dos Santos e a minha mãe é contadora e se chama Maria Izabel Silvestre dos Santos, além do mais tenho três irmãos, todos seguiram carreira militar, dentre eles, tenho um irmão que foi Comandante Geral da Polícia Militar, no período de 10 de Setembro de 2008 até 22 de Maio de 2009. Será que precisa te falar a razão que me levou a ser militar? Ser militar na minha família já vem no alicerce. Como dizem, estava escrito, desde criança que via a militância do meu pai e dos meus irmãos dentro de casa e com eles aprendi a gostar dessa formação e também como emprego estadual, fonte de renda segura. Enfatizo que meu pai era do exército e meus irmãos e eu, somos integrantes da Polícia Militar de Sergipe.
Trajatória laboral, ou seja, no mercado de trabalho	Vejamos, bem, a minha caminhada não foi fácil, acima mencionei todas as minhas formações, mas isso foi com muito esforço, sou de uma família de classe média e há tempos atrás ter filhos em colégio particular não era fácil, mesmo meus pais trabalhando, isso me emociona, pois estou onde estou graças a eles e aos meus esforços, para fazer o Curso de Formação de Oficiais – C. F.O em Pernambuco, esse durou 4 anos e ele me fez chegar

	até capitã, já o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais- C. A.O na Paraíba, durou 1 ano e cheguei até Tenente-Coronel, mas pretendo chegar a Coronel que é o último patamar da Polícia Militar. No período da minha formação confesso foi muito árdua a caminhada, principalmente por ter que ficar distante dos meus familiares e do meu namorado na época, hoje ele é meu esposo, e você não tem noção do que é ficar longe da família, das conversas, dos conselhos, das festas em família quero que você saiba que eu por muitas vezes tive vontade de desistir, mas meus pais e meus irmãos me impulsionavam para que eu não pensasse assim. Fui refletindo melhor e me acostumando com a situação. Ao retornar a Aracaju fui vista com outros olhos, agora eu tinha uma formação e aperfeiçoamento militar, acima de tudo, a pioneira em Sergipe, ou seja, a 1ª mulher a entrar no quadro de oficiais da Polícia Militar- Q. O. P. M, agora tinha formações que o quadro militar exigia. É bom frisar que em 2002 recebi medalha por 10 anos de tempo de serviço e em 2003, medalha de mérito da Polícia Militar. Paralelo a tudo isso exerci várias funções, que até então, eram funções exercidas apenas pelo sexo masculino, ora, fui Comandante da Companhia Feminina, Comandante do Policiamento de Guardas, Sub-comandante da Companhia da Rádio-Patrolha do 5º Batalhão, Chefe de Subseção de Cadastro de Identificação do Setor Pessoal da 1ª seção do Estado Maior Geral – EMG, Adjunto da 3ª Seção do Estado maior Geral, Adjunto da 1ª seção do Estado Maior Geral – EMG e atualmente estou como Adjunto do Gabinete Militar da Câmara Municipal de Aracaju. Ratifico que todos os cargos que eu assumi e assumo até hoje, sempre tive a convicção de mostrar a competência, com muita responsabilidade e humildade, com esse meu jeito, na qual acredito ser o correto, tenho certeza de que alcançarei ultrapassar os obstáculos conseguindo realizar meus objetivos.
Ser MULHER/ relação de gênero no mercado de trabalho	Para mim é um orgulho ser mulher, pois sempre busquei melhorias e os espaços que vieram através do conhecimento, foi assim que cheguei ao cargo que ocupo atualmente, analiso que nada fora feito de forma aleatória, eu tinha objetivos e estou conseguindo alcançá-los paulatinamente, não é à toa que ocupo cargo que há tempos eram ocupados apenas por homens, eram exclusivos, os méritos eram deles, inclusive fui a 1ª mulher a ingressar na Polícia Militar, isso não é fácil, mas observo que ainda são poucas mulheres que ocupam cargos de destaque na sociedade sergipana, mas essas poucas exercem seus cargos com muita competência e para chegar a assumi-los tiveram que ultrapassar os obstáculos. Mas vamos clarificar os questionamentos, dentro do contexto da palavra “Gênero”, sei que gênero é atribuído as diferenciações de comportamento do homem e da mulher, os papéis são diferenciados e todo esse contexto se torna problemático, pois a sociedade fica passando de geração a geração, esse estigma do comportamento subserviente da mulher em relação ao sexo oposto, ou seja, o homem. Olha! Eu vejo, que tudo isso é uma questão cultural e isso pode ser mudado e muitos passos foram dados, existem muitas mulheres no mundo e no Brasil que são competentes e muito respeitadas, no nosso Estado, temos mulheres fantásticas que ocupam cargos de destaque, temos exemplos de mulheres que chegaram a serem Presidentes do Tribunal de Justiça, é um avanço ou não é? Temos mulheres atuantes frente ao Ministério Público, em empresas privadas de renome nacional e estadual, no meio político em âmbito Federal, Estadual e Municipal, então isso é busca de mudanças, mas ainda vejo que no mercado de trabalho ainda existem resistências do sexo oposto, eles ignoram o êxito da mulher, mas isso para nós mulheres é um simples fato rssss. Se não lutamos, ou ao menos tentamos como vamos saber se conseguiremos ter êxito nas nossas funções? Sei que não é fácil, a luta é árdua, mas se quisermos conseguiremos. Não é? Ser mulher é resumidamente independência, humildade, ternura dentre outras características rsss.

Preconceito/ discriminação por ser MULHER e ocupar cargo de destaque	Preconceito e discriminação, essas duas palavras para mim não existem. São palavras para pessoas pobres de espírito, eu nunca percebi nenhum tipo de discriminação e nem preconceito dos meus colegas para comigo, dentro ou fora do quartel, mas se existiu ou existe isso não me incomoda, pois hoje sou Tenente-Coronel com muita luta, isso foi demonstrado no decorrer da entrevista na minha trajetória de vida, pois bem, estou exercendo o cargo que exerço por competência, em conversas informais e até mesmo nas conversas formais, sempre digo para meus colegas que estou em aperfeiçoando, pois sem conhecimento intelectual não vamos a lugar nenhum. O conhecimento nos dá, como posso dizer, eu resumo que, o conhecimento abre oportunidades, basta querermos, é lógico primeiro temos que acreditar que somos capazes e com muita habilidade exercer bem as nossas funções. Por isso, preconceito e discriminação os ignoro como sou muito determinada e tenho metas a atingir isso não me atinge.
Influências	Recebi influência principalmente, digo que foram os que nortearam toda a minha trajetória, aliás, os responsáveis, foram meus pais e meus irmãos eles sempre foram compreensivos e me apoiavam sempre que estive ausente, eles bem sabem como foi difícil para mim, pela hierarquia militar só permitiam que eu viesse a Aracaju visitar a minha família de vez em quando, isso para mim era terrível, mas tinha que saber que era concursada e tinha que cumprir as ordens do meu superior, além disso tinha o fator financeiro, pois muitas vezes não tinha condições financeiras de vir a Aracaju, pois quando vinha era de ônibus e como era muito distante passava horas de viagem, quando chegava a Aracaju já era hora de voltar, meus irmão não tinham condições de ir me visitar, eles tinham os trabalhos deles, a vida deles. Ah! Não posso deixar de mencionar, meu namorado na época que também me incentivou e muito, além de ser compreensivo, pois se não fosse não estaríamos casados hoje.
Dificuldades e conciliação vida familiar e vida profissional	Inicialmente, quem não tem dificuldades? Principalmente uma mulher que ingressa na área militar e fui eu quem deu abertura para o seguimento feminino dentro da Polícia Militar, mas apesar das dificuldades sempre soube administrar meu duplo papel, dona de casa e esposa, mesmo tendo uma tripla jornada no trabalho, pois trabalhava tempo integral e ainda tinha o cumprimento das escalas, meu esposo nunca reclamou rss. No tocante aos filhos esses eu não os tive infelizmente e nem os terei, pois não posso ter, já tentei adotar, mas a burocracia é tão grande que me desanima em querer adotar um filho, já desisti de ser mãe, estou passando esse amor de mãe para meus sobrinhos e afilhados, que não deixam de ser meus filhos também. Veja bem, no cargo que estou, a única dificuldade que vejo ultimamente são as execuções de alguns projetos que depende de verbas, ou seja, licitações, mas na Polícia Militar existem verbas exclusivas para o desenvolvimento intelectual para aqueles que tem interesse, é lógico, como acontece isso, deixe eu explicar, existe um planejamento anual com pedidos por exemplo: frotas de carros, uniformes, cursos dentre outros. Logo, a instituição militar, está valorizando mais os seus funcionários, desejando que eles cresçam intelectualmente, hoje é uma minoria dentro da PM que não é formado e eu vejo isso como um grande avanço.
Frase final	Que as mulheres que estão ingressando no mercado de trabalho, não desistam, que sempre busquem seus ideais, superem os obstáculos. Sabendo que para isso, precisam estar convictas do conhecimento, falo intelectualmente e culturalmente.

ANEXO
TERMOS DE CONSENTIMENTO DAS ENTREVISTADAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aracaju, 08/06 /2009

Eu, Amelip Maria Cerqueira Uchoa
documento de identidade 47.035/SE declaro para os devidos fins que
cedo os direitos de minha entrevista gravada em 08 / 06 / 2009 para a
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia / Shirleide Araujo
Bezerra, podendo ser usada integralmente, ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua
audição e uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle à
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Lisboa, quem tiver a
guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes,
subscrevo a presente.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aracaju, 07/ 05 / 2009

Eu, Adelia Dinizino Silva Penz,
documento de identidade 85431 88R8E, declaro para os devidos fins que
cedo os direitos de minha entrevista gravada em 07 / 05 / 2009 para a
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia / Shirleide Araujo
Bezerra, podendo ser usada integralmente, ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua
audição e uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle à
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Lisboa, quem tiver a
guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes,
subscrevo a presente.

Adelia Dinizino Silva Penz

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aracaju, 07/ 06 / 2009

Eu, MARIA CONCEIÇÃO VIEIRA SANTOS,
documento de identidade 210.557, declaro para os devidos fins que
cedo os direitos de minha entrevista gravada em 07/ 06 / 2009 para a
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia / Shirleide Araujo
Bezerra, podendo ser usada integralmente, ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua
audição e uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle à
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Lisboa, quem tiver a
guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes,
subscrevo a presente.

Maria Conceição Vieira Santos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aracaju, 19 / 06 / 2009

Eu, DANUSA SILVA MENEZES,
documento de identidade 765.208 SP-8 declaro para os devidos fins que
cedo os direitos de minha entrevista gravada em 19 / 06 / 2009 para a
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia / Shirleide Araujo
Bezerra, podendo ser usada integralmente, ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua
audição e uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle à
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Lisboa, quem tiver a
guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes,
subscrevo a presente.



A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Danusa Silva Menezes', is written over a horizontal line.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aracaju, 05 / 06 / 2009

Eu, Rita de Cássia Silvestre dos Santos,
documento de identidade 468.453 / SSP-SE declaro para os devidos fins que
cedo os direitos de minha entrevista gravada em 05 / 06 / 2009 para a
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia / Shirleide Araujo
Bezerra, podendo ser usada integralmente, ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua
audição e uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle à
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Lisboa, quem tiver a
guarda da mesma.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes,
subscrevo a presente.

